

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

POR UMA ÉTICA FEMINISTA COMUNITÁRIA DO CUIDADO A PARTIR  
DE UM CORPO CHÃO.

ELIS TELES CAETANO SILVA

Niterói/RJ

2021

ELIS TELES CAETANO SILVA

POR UMA ÉTICA FEMINISTA COMUNITÁRIA DO CUIDADO A PARTIR  
DE UM CORPO CHÃO.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em psicologia.

Área de concentração: Estudos da Subjetividade

Orientadora: Marcia Oliveira Moraes

Niterói/RJ

2021

Elis Teles Caetano Silva

POR UMA ÉTICA FEMINISTA COMUNITÁRIA DO CUIDADO A PARTIR  
DO CORPO CHÃO.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Dra. Marcia Oliveira Moraes  
Universidade Federal Fluminense

Dra. Alejandra Astrid León Cedeño  
Universidade Estadual de Londrina

Daniela Bastos/Dani de Oyá (Convidada)  
Artesã, contadora de histórias e escritora.

Dra. Luiza Oliveira  
Universidade Federal Fluminense

Dra. Ruth Torralba  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dra. Ângela Carneiro  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Dedico esse corpo chão a todas que nele caminharam, caminham e caminharão. À todas as encruzilhadas que conheci, conheço e que ainda são desconhecidas. À todes que trazem em si a força do comunitário, da criação e da libertação da vida.

## AGRADECIMENTOS

Entrego essa escrita no mais complexo e sinistro cenário dos meus 37 anos de vida, a pandemia da Covid-19 sendo vivida no Brasil governado pelo que há de mais doloroso e violento em nossa história – a necropolítica desse e de outros tempos. Portanto, agradeço a possibilidade de estar viva, por já ter tomado a primeira dose da vacina e estar aqui digitando em forma de agradecimento a afirmação do encontro, do comunitário, da rede e dos afetos que nutrem a vida em sua potência digna e misteriosa. Agradeço ao mistério e ao encanto visível e invisível que me acompanha, provoca e mobiliza. Axé! Agradeço por ter sido contemplada com a bolsa da CAPES, sem a qual esse percurso ganharia outras encruzilhadas. Agradeço aos dias de ocupação estudantil na Universidade Federal Fluminense vividos nos últimos meses de 2016, prenúncio dos desafios que solicitaram em mim a arte de fazer valer a arte de criar saídas individuais no coletivo, de criar um corpo guerreira tocando maracatu e viventrear ações de cuidado desde as tramas complexas do cotidiano. Agradeço por aprender fazer valer nas vísceras das relações o que eu sentipenso junto de muitas, muitos e muitos. Agradeço a todas que se organizam em coletivos diversos, grupos de pesquisa universitários, fazendo invencionices que mantêm o que é digno de ser mantido e transformam o que é urgente de ser transformado em vida. À todas que conquistaram sua voz, seja ela pela boca, pelo ventre, pelo peito, por qualquer que seja o corpo inventado para isso. Agradeço ao meu grupo de pesquisa “PesquisarCOM”, ao Maracatu Baque Mulher, ao ViVentre – eu sozinha ando bem, mas com vocês ando melhor. À todas as mulheres indígenas e negras em retomada de suas histórias, com as dores e as delícias de se autodeclararem como são e em processos de seguirem sendo o que desejarem ser. Às mulheres brancas que são irmãs, mães e lutadoras feministas, artísticas e sensíveis ao processo de libertação de nós todas em direção ao que cada uma quer e pode ser. Aos homens amigos, companheiros e pais que se ocupam de suas liberdades sabendo que para isso é preciso garantir a nossa. Queria mesmo nomear cada uma, cada um, cada ume. Agradeço aos meus ancestrais e as ancestralidades daquelas e daqueles que aqui estão presentes, nesse e em outros tempos. Agradeço a minha mãe Marilda, ao meu pai Caetano e à minha irmã Narayana por serem raiz, terra, apoio, inspiração libertária, artística, amorosa e muito mais, muito, mas, muito mais. Agradeço por ter nascido na rede cuidadosa que teceram e por ter herdado os complexos desafios sociais e políticos que vieram com nossas histórias. Foi com eles que aprendi sentipensar e por eles que aprendi a não ter medo de dizer o que nesta tese está dito. Agradeço às minhas profundas amigas que sempre

estiveram aqui e sempre estarão, das mais variadas formas. Acho injusto dizer o nome de cada uma sabendo que corro o risco de esquecer alguma (Ní Uma a Menos). Agradeço à Mestra Joana Cavalcante, à Tenily Guian, às mães do Pina e à Dani de Oyá. À todas as batuqueiras do Baque Mulher. À todas que sustentam à vida nas tremidas de seus quadris. Não resisto e preciso correr o risco de nomear algumas de vocês: Veridiana Chiari, Paula Cerruti, Daniela cacciatore, Mariana Oliveira, Alejandra Astrid, Isabela Godoi, Andreia Grespan, Giselli Gonçalves, Heloisa Marques, Luiza Azevedo, Johanna, Luz Alegria... Agradeço aos meus amigos, irmãos e compadres, Mario Junior, Herbert Proença, Luciano Matricardi, Clodoaldo Filho, Adriano Buiu e Charlinho. Ao Felipe e ao amor companheiro e charmoso que estamos fazendo. Encontro da maior importância, afirmando o que Bell Hooks nos diz sobre o amor. Agradeço à minha orientadora Marcia Moraes, a quem eu não sei nem descrever nesse momento, tamanha a imensidão da parceria, confiança, respeito e ética na condução de seu trabalho, escuta e sensibilidade comigo. Muito Obrigada, Marcia! Agradeço a mim, à Lila, minha gata que partiu em junho de 2020 e a todas as plantas e seres que vivem comigo em minha casa-corpo-comunidade. Vocês todas, todes e todos que aqui estão narrados são meu mar de sereia. Agradeço a todas as águas e a todes que andam para se encontrar. Seguimos!

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>PARA QUÊ CONHECIMENTO?</b>	<b>32</b>
<b>3</b>	<b>SEGUINDO AS MARCAS: Mulheres dando linha</b>	<b>34</b>
<b>3.1</b>	<b>Carta de interesse enviada ao curso de língua e cultura Guarani</b>	<b>36</b>
<b>3.2</b>	<b>Corpo-tema, corpo-astárgati: Corpo-chão</b>	<b>41</b>
<b>3.3</b>	<b>Encontros com feminismo descoloniais</b>	<b>43</b>
<b>3.4</b>	<b>“Ocupa y Okupa”</b>	<b>52</b>
<b>3.5</b>	<b>“Ocupar e resistir”</b>	<b>55</b>
<b>3.6</b>	<b>Ocupa e comunica</b>	<b>56</b>
<b>3.7</b>	<b>Ocupa IEPIC (Niterói-RJ)</b>	<b>57</b>
<b>3.8</b>	<b>Ocupa UFF</b>	<b>59</b>
<b>3.9</b>	<b>Compor com a ocupação</b>	<b>60</b>
<b>3.10</b>	<b>Ocupa e as marcas do comunitários: psicologia comunitária do cotidiano e feminismo comunitário do cotidiano</b>	<b>61</b>
<b>3.11</b>	<b>Ocupar a escrita</b>	<b>64</b>
<b>3.12</b>	<b>Tecendo comunidades entre o pessoal e o político</b>	<b>72</b>
<b>3.13</b>	<b>Dançando com o Círculo de Mulheres em Viçosa</b>	<b>76</b>
<b>4</b>	<b>O PESSOAL APROFUNDANDO O POLÍTICO: a chegada ao Baque Mulher</b>	<b>88</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO: caminhos da mestiça e política narrativa

*[Niterói, setembro de 2019]*

*De: Elis Teles*

*Para: Zingarina<sup>1</sup>, com suas saias e andanças pelo caminho da mestiça.*

*Essa coisa de memória dentro do osso é muito difícil. Não tinha um lugar mais fácil pra ficar, não? Dentro do osso, puxa, como é que eu vou chegar até lá? Talvez se eu me virar do avesso o osso sai pra fora. Mas aí eu vou pra dentro. Essa vontade de querer andar dentro dos ossos para conhecer meus antepassados é muito difícil. Deve ser por isso que eu danço. Pra colocar essa gente toda pra andar]*

Aqui me somo ao percurso das tecelãs da existência (Freire, 2014) interessadas em desarmar tramas de realidades de opressão e desigualdade social a partir do cotidiano, fazendo isso de forma artística, corporificada nas experiências e comunitariamente articulada. Escrevendo e inscrevendo-me coletivamente nessa tese, lanço mão de cartas, bilhetes que atravessam o pensamento cotidiano e desembocam na pesquisa, memórias reescritas, trechos de anotações em cadernos companheiros de percursos e também das escritas-corporificadas em minha pele, meu corpo, minhas experiências.

Quando criança, fui colecionadora de “papéis de carta” como foram muitas meninas. Cheguei a ter duas pastas cheias desses papéis para trocar com as outras colecionadoras. Nos juntávamos nas calçadas ou no quarto de alguma de nós e ficávamos ali por horas namorando as imagens e as frases quase sempre referidas ao amor de modo romântico. O curioso é que, embora o nome fosse “papel de carta”, nós não escrevíamos nele, salvo raras exceções, quando se enviava uma cartinha para algum pretendente. Na adolescência as cartas voltaram pra minha vida quando uma grande amiga foi morar em outro estado. tocar o papel era uma forma de tornarmos nossos mundos próximos novamente. Mais tarde, mas ainda na adolescência, passei a trocar “cartas sociais”<sup>2</sup> com amigos de outras cidades, amizades que se

---

<sup>1</sup> Zingarina é um heterônimo meu. Palavra romani, língua dos povos ciganos, que significa cigana.

<sup>2</sup> A **carta social**<sup>[1]</sup> é uma forma de correspondência específica do Brasil. O início da carta social foi no período do governo Fernando Henrique Cardoso, com a finalidade de proporcionar às pessoas de menor nível econômico o direito de corresponder-se com pessoas (parentes, amigos etc.) em qualquer parte do país <sup>[2]</sup>. Inicialmente

teciam a partir do envolvimento com o movimento punk/hardcore de minha cidade, quando toquei guitarra em duas bandas. Fazia parte da cultura desse movimento trocar endereços para enviar fitas demo (com músicas autorais gravadas na maioria das vezes de modo artesanal e por selos independentes) e também para compartilhar fanzines<sup>3</sup> e conversas. Foi através desses fanzines que assuntos como feminismo, anarquismo, vegetarianismo e outras temáticas políticas chegaram até mim. Emocionava abrir a caixa de correio e encontrar uma carta social porque sabia que nelas encontraria o mundo de alguém, as lutas marginalizadas de uma cidade e a resistência criativa tão própria das chamadas cenas punk/hardcore. A emoção da continuidade do vínculo e também de receber novas histórias e informações. Os fanzines me apresentaram bandas compostas por mulheres que disseminavam temáticas feministas através de suas composições. Isso era uma alegria porque nós mulheres do movimento hardcore, na época, entre 1998 e 2001, em Presidente Prudente, interior de São Paulo, vivíamos uma certa solidão e desautorização interna para nos posicionarmos com a mesma liberdade que víamos os rapazes fazerem ao tocarem e ao escreverem as letras de música (letras de protesto). A composição sonora e a escrita das letras não eram “lugares” habitados por nós.

As cartas foram ficando para trás, uma vez que as novas tecnologias de comunicação, incluindo a internet, com seus múltiplos dispositivos, abriram novas formas de aproximação de realidades, trocas de histórias e informações. Refaço esse percurso com as cartas porque durante o mestrado elas me chegaram novamente, dessa vez como dispositivos atuantes dentro da pesquisa acadêmica, impulsionando narrativas que costuram o “pessoal e o político” na produção de conhecimento. Nessa época, entre 2013 e 2015, iniciamos no grupo PesquisadorCOM<sup>4</sup> a leitura do livro “As fazedoras de histórias”, escrito por Vinciane Despret e Isabelle Stengers (2013). Nele as autoras endereçam a pergunta de Virginia Woolf - “o que as mulheres fazem ao pensamento?” - para mulheres cientistas de diferentes áreas convidando-as

---

qualquer pessoa física podia se utilizar do serviço, que após 12 de março de 2012, passou a ser exclusivo para os beneficiários do bolsa família do governo federal.<sup>[3]</sup> (Fonte: Wikipedia)

<sup>3</sup> “De um modo geral o fanzine (ou zine para os íntimos) é toda publicação feita pelo fã. Seu nome vem da contração de duas palavras inglesas e significa literalmente “revista do fã” (*fanatic magazine*). Alguns estudiosos do assunto consideram fanzine somente a publicação que traz textos, informações, matérias sobre algum assunto. Quando a publicação traz produção artística inédita seria chamada revista alternativa. No entanto, o termo fanzine se disseminou de tal forma que hoje engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto focado. Assim, são fanzines as publicações que trazem textos diversos, histórias em quadrinhos, reprodução de HQ’s antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas, enfim, tudo que o editor julgar interessante. Os fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural. Disponível em: <https://fanzineexpo.wordpress.com/o-que-e-fanzine/>. Acesso em 12/06/2019

<sup>4</sup> Grupo de Pesquisa e orientação coletiva coordenado por Marcia Moraes

a se engajarem na questão. Algumas dessas cartas-respostas são inseridas no livro e trazem, cada uma delas, uma marca que perpassa a muitas de nós mulheres que estamos em contextos acadêmicos.

Estas questões elas as fizeram repercutir junto a outras mulheres. Seus testemunhos abriram dimensões inesperadas. Elas contaram anedotas, perplexidades, histórias, acontecimentos ou reencontros que as tornaram capazes não somente de dizer não e resistir, mas de continuar a pensar e a criar na alegria e no humor. E, principalmente, estas mulheres, como sempre, fizeram histórias. (DESPRET; STENGERS, 2013, p.3)

Josselem Conti & Marília Silveira (2016), pesquisadoras companheiras do grupo PesquisarCOM, recordam<sup>5</sup> que o título “As fazedoras de histórias” também pode ser pensado por outra perspectiva,

Esse título em francês é marcado por uma ambiguidade: poderia também ser traduzido por “as criadoras de caso” no português coloquial. Inspiradas nessa ambiguidade, seguimos criando casos e fazendo histórias, levando adiante a nossa política de fazer ciência no feminino (CONTI; SILVEIRA, 2016, s.p.)

Gosto das duas possibilidades, a de *fazer histórias* e a de *criar caso*. A ideia de *criar caso* onde aparentemente não se tem é a fissura que provocamos para dar formas a histórias que, ao serem contadas e lembradas, criam mundos. As histórias cotidianas de resistência ao racismo, patriarcado, capitalismo, capacitismo e sexismo, por exemplo, são feitas por gente que *cria caso* onde tentam nos dizer que não precisa. “Ah, para de criar caso”, costumam dizer diminuindo a importância que o caso tem para quem o cria. Atualmente, o *criar caso* pode ser pensado também pela expressão “mimimi”, cuja intenção é diminuir o impacto do problema, por vezes silenciá-lo, apagá-lo e negá-lo. “Chega de frescura, chega de mimimi, vão ficar chorando até quando?” disse o Presidente Jair Bolsonaro<sup>6</sup> ao se referir às pessoas, instituições de pesquisa e movimentos sociais que *criavam caso* em torno da negligência do seu governo na gestão da pandemia e compra de vacinas. Portanto, *criar caso*, além de método de pesquisa é método de luta.

---

<sup>5</sup> As autoras produziram um artigo chamado “Ciência no feminino: Do que é feito a nossa escrita” (2016), no qual narram a colocação do problema do feminino na ciência enquanto política de pesquisa e narrativa. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082016000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100005)

<sup>6</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/05/chega-de-frescura-de-mimimi-frase-de-bolsonaro-repercute-na-imprensa-internacional.ghtml>. Acesso em: 04/06/2021.

Meu pai é um fazedor de histórias, um guardião de memórias. Tanto de histórias que dizem respeito à sua profissão como professor de história (principalmente histórias do Brasil) quanto histórias de sua vida entremeadas pelos acontecimentos políticos do país, memórias de tempos vividos quando criança, quando jovem, memórias da vinda de nossa família retirante de Alagoas para o interior de São Paulo, memórias de suas militâncias de esquerda, memórias de amizades, enfim. Todas elas sempre muito caracterizadas por infinitos detalhes que vão desde nomes das pessoas a datas, lugares e outras descrições sensoriais que para ele são consideradas fundamentais na oralidade. Por que conto isso? Porque ouvir as histórias de meu pai produziu um alargamento da sensibilidade para se afetar com o corpo todo. Não são histórias lidas, mas contadas. As cartas da minha vida pessoal e as histórias do meu pai foram experiências que repercutiram em meus processos formativos de vida, pesquisa e profissão. “Nada vem sem o seu mundo”, enfatiza Maria Puig De La Bela Casa (2013), portanto, herdo em mim as aprendizagens e imaginações estimuladas pela liberdade narrativa das cartas e das histórias escutadas com o corpo todo. Essas heranças reverberam nessa escrita. Ferramentas para entrar em relação de comunicação e também para acionar a imaginação de quem me lê, *criando* seus próprios *casos* com os que aqui estão. A tradição de contar histórias tem a marca da oralidade, histórias que não tem outros testemunhos que não sejam ouvintes daquele momento, que se assentam no corpo todo. Histórias que serão levadas adiante sempre com um ponto a mais, conforme diz o ditado popular - “quem conta um conto aumenta um ponto”. Histórias que continuam com um ponto a mais justamente porque aportam no corpo de outrem e esse outrem conta a história a partir de seu próprio tempo e espaço também, alargando a imaginação e o encantamento do mundo. São as versões, como disse Vinciane Despret (2012), com suas letras “V” de vivências marcadas, localizadas e parciais.

Quero mostrar-lhes, leitoras, que meu interesse pelas cartas é também o interesse pelas histórias que as cartas fazem passar, mais ainda pelo que essas histórias revelam e criam. Reencontrar as cartas através do livro de Vinciane Despret e de Isabelle Stengers (2013) em nossas conversas no grupo de pesquisa foi reencontrar a potência de partilhar histórias, epistemes, modos de conhecer o mundo e viver nele a partir de construções narrativas que contam do que são feitos os chãos delas.

Aqui, nesta escrita que nomeamos de *tese*, estou eu, sendo mais uma contadora de histórias. Histórias de como venho fazendo histórias junto de outras fazedoras de histórias que aparecem nestas linhas. Linhas que nessa diagramação do world se formam a partir da junção de uma palavra após a outra formando a linha que logo será seguida por outra linha...enfim, uma forma um tanto quanto organizada e quadrada de dispor o pensamento, forma a que

fomos acostumadas a pensar porque ainda é a forma mais disponível e usual dentro desse sistema-pensamento-acadêmico-moderno-colonial de comunicar os conhecimentos. Escrevo isso porque esse dispositivo linear e um pouco quadrado pode não cumprir bem o convite que quero fazer a vocês, o convite para experimentar um movime

**n**

**t  
o  
de**

**pensamento**

**com a mesma fluidez**

**de uma serpente**

**que**

**transita entre**

**tempos**

**ondulando-os e tornando-os contemporâneos de**

**algumas das necessidades**

**que nos convocam a reagir junto aos problemas que se apresentam.**

**(Isso é uma imagem textual: Procurei dispor as palavras de modo em que elas formassem um movimento espiralado, sinuoso, na forma da letra S)**

Registro de corpo-chão, corpo-tema, território existencial de pesquisa. Entremeiam-se ao texto, *encruzilhando* os *sentipensamentos* dessa tese e textualizando os conhecimentos oriundos dessa andança. Nestes fios, afetando e sendo afetada pelos fios dos encontros comunitários que se teceram no percurso formativo dos anos de doutorado e dos que se antecederam a ele, borramos as fronteiras das temporalidades, dos inícios, meios e fins. Por entre esses tempos, aprendo a re-conhecer os modos pelos quais minha contínua formação de psicóloga e de vida é afetada majoritariamente por práticas psicossociais de mulheres, me fazendo olhar para elas ao mesmo tempo em que aprendo a me olhar de volta, constituindo um corpo-chão de pesquisa, experiências, marcas e práticas psis . No caminho, me pergunto sobre como falar em “mulheres”, no sentido generalista do termo, sabendo que sob o guarda-chuva desta marca somos diversas entre nós em termos de poder e produção de subjetividade.

Diversas na forma como marcadores sociais - raça, classe, gênero, deficiência e sexualidade - nos insere nas relações. Recordo, assim, a escritora Glória Anzaldúa, em sua inquietude *mestiza*, seu trânsito por entre mundos e suas confusões frutíferas (não sem dor) nas fronteiras territoriais da produção de seu corpo, sua raça e sexualidade, traçando nesta “confusão” o que ele nomeou como o *caminho da mestiza*,

Pega no meio de uma contração repentina, a respiração cortada e o espaço vazio, a mulher marrom pára, olha para o céu. Decide descer, escavando seu caminho ao longo das raízes das árvores. Peneirando os ossos, sacode-os para ver se tem algum tutano neles. Então, leva a terra à sua frente, à sua língua, pega alguns ossos, deixa o resto nos seus túmulos. Examina sua mochila, fica com seu diário e agenda, joga fora os mapas do metrô. As moedas são pesadas, e são as próximas a serem descartadas, em seguida as notas de um dólar flutuam no ar. Mantém sua faca, abridor de latas e lápis de sobrelha. Coloca ossos, pedaços de casca de árvore, hierbas, penas de águia, couro de cobra, gravador, a matraca e o tambor na sua mochila e parte para se tornar a completa tolteca. (ANZALDÚA, a consciência de *la mestiza*)

“O primeiro passo” deste caminho, diz Glória, é fazer o *inventário das marcas*, se perguntando sobre o quê, exatamente, *a mestiza* herda de seus ancestrais. No entanto, diz Glória, é difícil fazer a diferenciação entre o herdado, o adquirido e o imposto. No exercício da objetividade localizada, a qual Donna Haraway (1995) nomeou como sendo uma “objetividade feminista”, ou seja, com fronteiras, com limites, corporificada na ação localizada, se abstendo de tornar-se uma objetividade totalizante, no sentido colonial e cientificamente dominante, pouso minha questão sobre - “como falar de mulheres” - no próprio chão de minhas andanças enquanto mulher, no caminho de uma racialização consciente, da parda para a “indígena em retomada”, dançarina, feminista comunitária, em constante formação de psicóloga, pesquisadora e vivente.

Dessa forma, lanço mão da pergunta de Glória, inventário as marcas e pesquisoCOM (MORAES, 2010) elas.

reconhecemos aqui um intervir que se configura no pesquisoCOM (Moraes, 2010), que afirma a pesquisa como prática performativa e nos convida a "acompanhar este processo em ação, se fazendo na prática cotidiana daquelas pessoas que o vivenciam" (Moraes, p.42, 2010). Dessa forma, a ênfase em acompanhar as práticas nos possibilita reconhecer realidade e interferir, mas também sofrer interferências, afetando e sendo afetados pelo

que experienciamos (QUADROS; MORAES; MELO; MACHADO; MIRANDA, 2016, s.p.)<sup>7</sup>

Faço desta escrita também a documentação do caminho dessa *mestiza* que, desde dentro dos movimentos ondulatórios e tremidos das danças do ventre em suas vísceras, aprende a pensar e a viver desde dentro das relações, mirando os aspectos comunitários, descolonizantes e artísticos junto com comunidades diferentes entre si, compostas, inspiradas e lideradas majoritariamente por mulheres. Assim, aprendendo a escutar e a *sentipensar* as diferenças e afirmações de mundos comuns e distintos entre nós, aproprio-me dos conhecimentos que produzimos enquanto articulamos modos de sustentar, manter e reparar a vida na ação de fazer com que a morte possa ser morrida e não apenas matada<sup>8</sup>. Sentipensar, eis aqui um verbo que faz passar o mundo de quem o vive com o corpo todo. Sinto, logo penso. Penso, logo danço. Danço, logo escrevo. Escrevo, logo crio mundos. Crio mundos, logo desmorono outros. Verbo que vem sendo colocado no mundo por quem *cria caso, causos, faz histórias que juntam “cabeça e coração”*. Verbo que aporta em meus ouvidos primeiro nas andanças por movimentos sociais ligados à terra, pelas histórias inter-indisciplinadas e descolonizadoras contadas por minha mãe acerca de suas vivências de lutas junto aos movimentos do campo, indígenas e quilombolas, mas também enquanto mulher, branca e pobre que entrou na universidade pública como professora aos 55 anos de idade. Desde que ouvi a palavra sentipensar aprendi a nomear um movimento, um modo de experimentar a vida e conceber o conhecimento. Verbo que me chega através das histórias ouvidas e experimentadas, só depois é que vou encontrar escritos sobre ele em artigos, dissertações e teses porque é importante dizer aqui que há muitas pessoas em relação de sentipensamento<sup>9</sup> com o conhecimento, com a vida.

No caminho da *mestiza*, lançando o ventre no mundo, seria dizer, mergulhando nas relações, reencontro meu maracá, chocalho feito com uma pequena cabaça, ente que participa da vida de diferentes povos indígenas de Abya Yala<sup>10</sup>. Com ele danço em Londrina, durante o encontro do Grupo de Estudos Políticos da América Latina, em 2010. Danço na Venezuela, em uma ação cultural do Ministério Popular para Mulheres e Igualdade de Gênero, no ano de

<sup>7</sup> “O PesquisarCOM e a ciência no feminino”. Artigo disponível em “[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082016000100001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100001)”. Acesso em 04 jun. 2021.

<sup>8</sup> referência ao livro “Morte e vida severina” de João Cabral de Melo Neto

<sup>9</sup> ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

<sup>10</sup> Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. (Fonte: Enciclopédia latino americana)

2011, em frente a ocupação de refugiados das enchentes das chuvas em Caracas. De mãos dadas a minha “ancestral” viva nos percursos da psicologia comunitária e dançante do cotidiano, Alejandra Astrid León Cedeño, de quem sou aprendiz, danço com jarros, convocando as águas buscadas por mulheres do deserto quando tudo ao redor está seco, convidando quem nos assiste, a partir de nossos gestos e falas, a sentipensar questões sobre mulheres, cuidado e resistência pela vida. Com um maracá de salsa venezuelano e uma roupa de cabaré<sup>11</sup> da dança do ventre, híbrida, danço a mulher indígena que cada vez mais se demarcava em mim, em espírito e fenótipo. Retomando um território existencial, histórico e político, intensificado durante os percursos do doutorado, sou marcada pelo encontro com Áurea Cardoso, mulher ribeirinha de Palestina/PA, psicóloga e pesquisadora, com quem me aliei no caminho da auto-demarcação de minhas marcas indígenas. Encontro que se deu junto à “fogueira” que se acendeu no PPG/PSI durante a implementação das cotas no contexto das ocupações estudantis em 2016<sup>12</sup>, transmutando o acesso à pós-graduação em ações afirmativas de reparação ao histórico e contemporâneo processo colonial e corpo-normativo, que afeta, exclui e extermina pessoas indígenas, negras, trans, travestis e com deficiência. Com Áurea fiz comunidade afetiva e política, lançando meu corpo e minha ação junto das diferentes iniciativas dela, entre as quais a articulação da presença das temáticas e povos indígenas no Seminário “Ocupar-se de Ocupar”, organizado por nós, estudantes do PPG/PSI em 2017 e a formação do grupo “Arandu - conhecimentos originários” em 2019. Com ela e demais estudantes, organizamos a primeira edição do curso preparatório para a seleção de mestrado do PPG/PSI em 2018, focado em quem pleiteava a entrada por cotas. Juntas orientamos candidatas na elaboração de seus projetos de pesquisa, aprofundando uma amizade formativa racialmente e em outras dimensões de nossas práticas *psis*. Em 2020, no início da pandemia, mas já com as tragédias em saúde mental anunciadas, me junto a Áurea novamente, em sua iniciativa de colocar seu trabalho/escuta/corpo disponível para acolher pessoas nesse momento complexo de pandemia. Dessa forma, abrimos horários para atendimento clínico gratuito e/ou com valor social para acolhermos pessoas indígenas, negras, afroindígenas/afroameríndias, travestis, transexuais, intersexo, técnicas/os de enfermagem em

---

<sup>11</sup> Saia e sutiã bordados com lantejoulas e vidrilhos

<sup>12</sup> As ocupações estudantis de 2016 (secundaristas primeiro e depois universitárias) foram uma reação aos desmontes das políticas públicas durante o governo de Michel Temer. As reivindicações levantadas refletiam os planos de precarização, privatização e sucateamento da educação pública, além da corrupção dos governos. Essa mobilização se configurou como o maior movimento de ocupação da história do país. Fonte: Esquerda Diário. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Retrospectiva-2016-As-ocupacoes-estudantis-que-sacudiram-o-Brasil#:~:text=Em%202016%2C%20as%20ocupa%C3%A7%C3%B5es%20estudantis,ocupa%C3%A7%C3%B5es%20da%20hist%C3%B3ria%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 26 mai. 2021.

atuações em linhas de frente do SUS, nortistas e nordestinas/os da classe trabalhadora que não puderam parar ou estão desempregadas, assim como moradoras/es de favelas nessas condições. Estamos há pouco mais de 1 ano neste trabalho, afirmando em nós, cada vez mais, o laço afetivo-político-profissional de duas “amigas-parentes<sup>13</sup>” que uniram-se pelo reconhecimento de suas marcas e pelo movimento estudantil da pós-graduação nos últimos quatro anos.

Seguindo o inventário das marcas-mulheres neste percurso formativo, é no grupo de pesquisa PesquisarCOM, coordenado por Marcia Moraes, minha orientadora, o lugar onde tecer, enquanto verbo feminino de pesquisa, fez corpo junto de outras pesquisadoras. Foram sete anos, entre mestrado e doutorado, cirandando junto das pesquisas das companheiras e sendo coletivamente orientada. “Orientação coletiva”, nome dado por Marcia aos encontros semanais deste grupo no instituto de psicologia. Nele fui marcada pelos estudos e discussões *com e sobre* deficiências e corpo-normatividades, feminismos e o feminino na ciência, as escritas que derivam dessas experiências-pesquisas e mais recentemente pela ação descolonial na produção de conhecimento, afetando e sendo afetada por narrativas, hesitações, reposicionamentos, espantos e afirmações próprias da ação de pesquisar com corpo, marcas e histórias. O pesquisarCOM é um chão desta pesquisa, junto do qual fizemos histórias, criamos casos, e aqui faço uma evidente referência ao trabalho de Isabelle Stengers e Vinciane Despret (2013) em “As fazedoras de histórias”, com as quais passamos muitas tardes na ação de nos localizarmos enquanto mulheres e pesquisadoras dentro da universidade. Neste grupo, aprendi a tecer narrativas corporificadas ao ler e escutar as pesquisas das companheiras, mas também tecemos cuidado - relação de interdependência - umas com as outras em diferentes situações de nossas vidas. Exercício concreto do que escrevemos, pensamos, lemos.afirmando, por assim dizer, o que mulheres sabem fazer, articular o cuidado desde o cotidiano, oferecendo colchas umas às outras quando o frio de uma situação vivida pode ser forte demais. O grupo de pesquisa PesquisarCOM não é uma comunidade menor nesta tese, não poderia ser apenas mencionado em forma de agradecimento. É um chão no qual aprendi a errar e a me comunicar, olhando para meus percursos de pesquisa como quem se apropria de sua história, de sua pele, de seu lugar de enunciação e problematização da vida.

Foi também com e a partir dele que conheci Maíra França, dançarina, psicóloga, terapeuta corporal e pesquisadora, de quem me aproximei pela dimensão política do ventre e

---

<sup>13</sup> Parente é o nome que usualmente pessoas indígenas usam para nomear outros povos igualmente indígenas.

juntas criamos o ViVentre, dispositivo no qual aprendemos a *dissentir-por-dentro* dançando no “ventre” das relações movidas com as oficinas de dança-massagens, sendo igualmente movidas por elas e nos mantendo de mãos dadas aos efeitos disso. Encontros que nos levaram a *pensar-com* nossas marcas e as marcas das pessoas com quem dançávamos, construindo relacionamentos cuidadosos enquanto nos colocamos à disposição de não apagar os desconfortos e divergências acionados nos entre nós e nossas *espécies companheiras* (HARAWAY, 1995). Dissentir-por-dentro, conforme apontou Maria Puig De La Bellacasa (2012), é uma dimensão do cuidado. Este, compreendido enquanto uma relação de interdependência, estado afetivo-vital. Portanto, cuidar, não é liso, harmonioso e confortável o tempo todo, é por vezes rugoso, divergente e desconfortável. *Dissentir-por-dentro* é reconhecer nossas implicações junto do pensamento de alguém, vivendo com eles e reconhecendo posicionamentos divergentes. Não apagar o dissenso e seguir com ele na aposta de que assim tecemos outros mundos.

Mergulhando ainda mais no mundo de dentro das relações de cuidado, faço comunidade com o grupo de maracatu feminista - Baque Mulher (BM). Dessa vez, com a cabaça nas mãos, na forma do Agbê, instrumento tradicional do maracatu, sou apresentada a um mundo de mulheres sob liderança de uma Mestra, a Joana D’Arc. Mulher, negra e periférica, conforme ela mesma se anuncia, Mestra Joana colocou em movimento uma rede de cuidado e empoderamento feminino a partir do maracatu, fazendo do Baque Mulher um espaço de formação e educação racial, feminista, comunitário e resistente. “No Baque Mulher, me tornei aprendiz, hoje eu sou batuqueira, encontrei minha raiz”, é o que cantamos em uma das loas (música) do nosso movimento. Com o BM, vou a Pernambuco pela primeira vez, estado de origem de meus avós e onde começa a diáspora nordestina da minha família. No avião, sentou ao meu lado um casal de velhos, quase idênticos à minha avó Zulmira e ao meu avô Sebastião. Encontro que faz meu imaginário dançar materializando em sensação a presença de meus avós comigo, retornando, de avião (não mais de pau-de-arara) à sua terra. Voo, assim, em sentipensamentos com as marcas *retirantes* na história da minha família e que é herdada em mim pelas minuciosas memórias de meu pai. A marca mulher, feminista e comunitária me devolve a consciência da marca diaspórica nordestina, me inscrevendo coletivamente a uma realidade experimentada por muita gente no sudeste, a dos desterrados pela exigência de sobreviver na desigualdade social e econômica. Aqui, apresento-lhes uma carta, exercício de palavrando, sensações-pistas epistemológicas das experiências que me levaram a farejar lugares onde o aspecto comunitário se assenta, se fundamenta e reterritorializa.

## **Carta para terra, “mis raíces”.**

***Niterói, fevereiro de 2021.***

*É curioso eu dizer “minhas raízes” em espanhol. Essa semana escrevi uma palavra em espanhol no meio de uma frase em português. Fiquei pensando nisso, na forma como aquela palavra simplesmente saiu de meus dedos pensantes com tanta intimidade. Pensei que isso devesse ao fato de eu ser enraizada na América Latina. Não sei, só estou pensando aleatoriamente sobre isso. Terra, como você pode ver, por mais que eu me sinta enraizada, há algo em mim que precisa refazer os próprios pés. Seria refazer os caminhos por onde andei até aqui? Os meus e de algumas ancestralidades? Ou, como no livro Habibi, descobrir meu antigo eu para conhecer meu próprio nome? Quantas vezes isso de querer saber sobre minhas raízes atravessou meus sentipensamentos durante o doutorado. Foi tão difícil dar-me conta deste desterramento. Aquela cena que protagonizei diante de meus amigos em Londrina com o coração taquicárdico, pensando ser o meu último suspiro, foi muito importante pra mim. Olhando-a como uma carta de Tarot, vejo que, diante do possível “último suspiro”, o que fiz foi me aterrar. Claro, diante da morte, o que podemos esperar é a terra. Depois da morte vem a terra e nela moram todas as possibilidades. Olhei aquele vaso grande no jardim de meu amigo e corri para ele com os pés descalços. Subi e plantei meus pés feito árvore. Pedi aos dois amigos que ambos segurassem cada um à minha mãe-mão. Ali fiquei, chorei, como se me devolvesse ao colo do solo, do materno. Assoalho pélvico. Eu conheci o medo muitas vezes, terra, mais do que eu precisava, é verdade. Mas, mesmo com medo, eu fui, saí criando as possibilidades de dançar por entre mundos. Quando parei, fiquei procurando uma forma de conectar esses mundos com o fio da racionalidade dominante e instrumental colonial-capitalista. Essa engrenagem que nos morde o tempo todo. Depois, já no doutorado, fui encontrando mundos que me apresentaram outras racionalidades, as que foram apagadas e insistem em serem vistas, consideradas, pertencentes à grande roda da vida. Foi isso que aquela menina que acabara de ser aprovada no mestrado experimentou, a possibilidade de voar por razões que ela desconhecia e imaginava que para voar fosse preciso conhecê-las antes. Era o fim de um ciclo, início de outro. Entrei no balde para me compostar, fazer de mim semente novamente. Como um pássaro que salta de um galho em direção ao imprevisível de um voo, o que precisei aprender foi a fazer raízes em meu próprio corpo. É aqui, nisso que chamam de propriocepção, que reside a possibilidade da coragem de voar. Isso eu tive que aprender. Memória de desterramento que meu corpo traz. Memória dos parentes para quem a diáspora foi um processo doloroso e desafiador. Memória que fiz*

*ouvindo as histórias de meu pai. Não estou sozinha nisso, encontrei outras e outros diaspóricos nesse percurso de vida intensificado no doutorado que me fizeram espelho por onde passei a me olhar sem filtros do narcisismo branconial. Foi difícil olhar, desvelar a imaginação colonizadora da imagem que o espelho me devolveia. O que eu vejo quando me vejo? Essa pergunta me fez minha terapeuta. Olhei bem para mim, na tela da videochamada terapêutica e chorei. De primeira, senti pena de mim, por ter me agredido tantas vezes com a dureza do querer se parecer com o que não sou. É por isso que as histórias que falam sobre retornar a si mesmo e ao próprio coração me encantam. Não porque há um lugar em mim que tenha ficado como gênese, revelador total do mistério da existência. Mas como tecnologia terapêutica, como ferramenta que ajuda a colocar “chá de camomila” nos olhos e acalmar a confusão que se instaura em um ser que precisa desesperadamente encontrar a “família”, o lugar de onde veio. Por isso foi tão importante para meu pai retornar a cidade de Maravilha em Alagoas depois de 64 anos de diáspora. Creio que ir até o lugar de onde veio tem a ver com o “tirar a prova da memória”, dar legitimidade a ela, como alguém que diz “tá vendo, eu não estava louco, as minhas imaginações me devolvem à vida, são pistas metodológicas, migalhas de pão de João e Maria jogadas pelo chão e que nos conduzem “de volta pra casa”, de volta a um pertencimento. Humanizar-se novamente diante da memória de sua própria comunidade. Aquela que diz, ei, você é daqui, nós podemos lhe contar a sua história.*

*Com os pés enraizados, agradeço*

*Elis*

Portanto, aqui está presente a linhagem das que se tornam pesquisadoras de suas andanças pessoais-políticas e com elas textualizam mundos menos organizados em eixos de poder e dominação - *fazendo histórias*<sup>14</sup>. Nesta linhagem, as “mais velhas” são inspiração protagonista. A primeira delas é minha mãe, “que me botou no colo” para andar com ela por suas lutas. Não posso apagar a existência de minha mãe de quem herdei a inquietação feminista vendo-a se mover pela vida muito mais do que a escutando. Escrevo no feminino, plural e singular, sob o risco de, ao falar em “nós”, equivocar-me. Embora seja um risco, não é uma ameaça. Diante de minhas “comunidades”, com as quais estou em relação nesta tese, abro-me à possibilidade de hesitar, parar, repensar, pois com elas teço esse corpo: nós-eu-nós.

---

<sup>14</sup> Referência ao livro “As fazedoras de histórias”, escrito por Isabelle Stengers e Vinciane Despret (2013)

Mas, há algo que posso afirmar em termos de nós: Somos muitas manuseando linhas de diferentes formas e texturas em tecidos reais e metafóricos que nos ajudam a tocar o que sentimos, pensamos e fazemos quando a ação do cuidado é solicitada em nós. Costurando para articular, juntar, criar conexões entre experiências, zonas de aproximação entre comunidades diferentes em níveis de poder, sensações e modos de vida que sustentam e reparam a vida, ou seja, cuidam do viver e morrer bem neste mundo, neste planeta. Trago aqui, portanto, retalhos de tecidos que se juntam à colcha das ideias que decidem adiar o fim do mundo<sup>15</sup> acelerado pelo capitalismo e suas engrenagens invasoras, nocivas e anti-vida. Lanço mão agora da imagem de uma colcha de retalhos como recurso narrativo de armação deste texto já que cada colcha tem sua história localizada, corporificada por seus diferentes pedacinhos de tecidos e parcialmente conectada a outras por suas semelhanças e singularidades. Cada uma contém em si a sua própria biografia, a história de sua feitura, ainda que todas sejam generalizadas sob o nome “colcha de retalhos”. Assim também acontece com as comunidades dessa pesquisa. São encontros que variam em termos de espacialidade e duração, mas que se unem na perspectiva de uma aposta comum, ainda que tenham suas finitudes. Comunidades temporárias, do ponto de vista de minha passagem por elas, comunidades duradouras do ponto de vista do que se materializa em escrita neste texto e do modo como algumas delas fazem permanecer certos modos de vida. Nesta colcha, costuro minhas saias e lenços de quadril da dança do ventre - testemunhos de percursos formativos dançantes com a *psicologia comunitária do cotidiano* (CEDEÑO, León, 2012), essa ciranda de metodologias artísticas que se constrói na ação em rede em contextos adversos e diversos, onde aprendemos a fazer um corpo disponível ao encontro de outros pela dinâmica primeira de sermos seres que encontram outros seres. Sou uma dançarina e ela quem me lembra a todo tempo de que tenho um corpo, de que sentir importa (Silva, 2015), o que me levou a costurar aqui as experimentações clínico-artísticas com danças do ventre-massagens no coletivo ViVentre, tocando marcas e memórias inscritas e performadas em nossos corpos e gestos. Costuro também as saias do “Baque Mulher”, movimento de empoderamento feminino, liderado pela Mestreira Joana Cavalcante, no qual aprendo a recuperar minha voz tocando e cantando maracatu, ao mesmo tempo em que tecemos rede de cuidado e transformação social e cultural no cotidiano. Nas bordas dessa colcha, costuram-se duas cabaças, uma é o agbê, instrumento que toco no maracatu e a outra é um maracá, instrumento indígena. São dois seres, entes que fazem a colcha pesar em direção à terra, dando consistência ao percurso de racializar me sob a encruzilhada (RUFINO, 2019).

---

<sup>15</sup> É uma evidente referência ao livro “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenak (2019).

. Para Monica Cejas,

Nos representamos como metáfora de luta, mas também de tecido. Silvia Rivera Cusicanqui afirma que “a noção de identidade das mulheres de assemelha ao tecido” (2010:72) já que, no lugar de fixar jurisdições de autoridade, nós tecemos tramas através das práticas que nos constituem como produtoras e “criadoras de linguagens e de símbolos capazes de seduzir o outro e estabelecer pactos de reciprocidade e convivência entre diferentes” (2010: 72), abrindo assim a possibilidade de incluir o mesclado, o fronteiro. A sedução, junto da ideia de envolvente, como atributos femininos ressignificados, conformam-se em ferramentas fundamentais para uma política não isenta de tensões, mas incluyente, e suas possibilidades de projeção em uma “cultura, teoria, epistemologia, política de Estado e também como definição nova de bem estar e “desenvolvimento” (2010, p.72) (CEJAS, 2019, s.p.)

Dessa forma, o tecido “colcha de retalhos”, enquanto metáfora oriunda das práticas de mulheres com seus fios, tecidos e costuras, me ajuda na ação de pensar as fronteiras dessa pesquisa ao mesmo tempo que expressa a forma com a qual pude dançá-la, andando por entre acontecimentos que borram as fronteiras arbitrárias e políticas entre vida e pesquisa; ciência dominante e ciências contra-hegemônicas; investindo na tarefa de descolonizar as produções de conhecimento da “obsessão” branconial, patriarcal, racista, sexista e capacitista de dizer sobre tudo desde um lugar apenas ou de dizer sobre tudo desde lugar nenhum, conforme disse Donna Haraway (1995). Por outro lado, enquanto pesquisadora tecida também pelas tramas dessa obsessão, não estou imune a ela. Encontro-me desafiada nesta ação de seguir colada ao caminho por onde pisam meus pés, ou seja, o chão desta pesquisa, no qual inclui meu corpo, minhas marcas, minhas histórias. Não me distancio do meu corpo, este território híbrido de encontros e comunidades de seres humanos e não humanos. É uma escrita contaminada pela minha presença, afirmando assim a minha existência nessas comunidades-retalhos dessa colcha.

Assim, na ação de poder tocar e escutar este chão, deito ele em minhas costas, cobrindo-me do desconforto destes tempos em que finalizo a escrita desta tese. Tempos pandêmicos, tempos para o qual as palavras que temos parecem não nomear o que muitas, muitas e muitos de nós sentimos ao nos depararmos com mais de 300.000 pessoas que perderam suas vidas até o momento em que coloco o ponto final nesta frase. Vidas que se vão em decorrência do modo como o governo de Jair Messias Bolsonaro gestiona a pandemia. Para isso, temos sim um diagnóstico: Necropolítica! (MBEMBE, 2018). Escrevo no meio de um genocídio, aprendo a enlutarme coletivamente ao mesmo tempo em que sinto a

obrigatoriedade ética de viver alçando-me em meu próprio corpo, enraizando-me na cotidianidade das práticas de cuidado - manutenção, reparação e sustentação da vida, tirando a “prova real” dos saberes e práticas que culminam nessa tese - lançando à minha mão o que aqui proponho pensar e apostar, o corpo-chão das experiências feministas e comunitárias do cuidado no cotidiano, constituindo uma aposta ética acerca do viver e morrer bem neste mundo.

“Enquanto os homens (brancos) exercem seus podres poderes”, como desabafou em canto Caetano Veloso”, nós, as mulheres que assumem suas tarefas nas práticas antipatriarcais, antirracistas, antissexistas e anticoloniais, seguimos com nossas linhas e agulhas costurando os medos e as dores em redes cotidianas de solidariedade, afeto e sustentação da vida, tecendo as colchas de retalhos da saúde mental e coletiva.

Nas linhas dessa escrita, costura-se também os tempos de minha graduação em psicologia na Universidade Estadual de Londrina (2008), marcada pelo encontro com a psicologia comunitária e artística do cotidiano, fortemente articulada, reunida, incentivada e textualizada por Alejandra Astrid León Cedeño, psicóloga social dançante, a quem escolhi nomear como minha “mais velha” nas andanças por psicologias rebeldes que se ocupam de entrar em relação com os diferentes lugares de atuação a partir da ideia de sermos gentes que encontram outras gentes, podendo assim, enquanto gentes, cirandar transformações de realidades de opressão e desigualdade social, reconhecendo percursos formativos e ferramentas que se fazem em tantos lugares, sendo a Universidade mais um entre eles. Cirandar, verbo da cultura popular, imagem primeira de roda com mãos dadas que se embalam por vozes que cantam coletivamente. Como não lembrar de Lia de Itamaracá, a mulher negra e pernambucana, que ciranda o mundo com sua voz a partir de seu território, sua cultura localizada

Escrevo no feminino, plural e singular, porque esta tese está do começo ao fim atravessada e constituída majoritariamente por mulheres. Foram muitos os momentos de escrita em que me vi acreditando ter que definir os percursos dessa pesquisa segundo uma perspectiva de objetividade que não diz respeito aos caminhos dela.

Nestes momentos, parei de escutar os passos dela, seus “procedimentos” e métodos que se definiam pela ação, para sobrepor seu som com vozes vindas de outros lugares e que aqui nomearei como vozes patriarcais e colonialistas que procuram nos assombrar com a ideia de que “faladoras de línguas” (ANZALDÚA, 2000) e “tecelãs da existência” (FREIRE, 2014) não são autorizadas a estarem aqui, escrevendo uma tese de doutorado cuja

objetividade é traçada pela demanda da ação, seria como dizer “temos um problema aqui, o que podemos fazer para resolvê-lo?” Esse modo de entrar em prontidão para resolver os problemas é um modo que aprendi com mulheres. A ideia de assombro cabe muito bem nessa dinâmica porque ela é dissonante do meu percurso.

Gosto quando leio Donna Haraway (1991) contar que parte das reflexões e difrações que fez sobre tecnologias científicas de visualização dos conhecimentos e sobre a dimensão local, parcial e corporificada da objetividade, foi passeando com seus cachorros. Conta ela que ao ver seus cães se esparramando pelo chão, conhecendo-o com o corpo todo, questões sobre a primazia da visão enquanto o "órgão do sentido", tão reivindicado por um cientificismo dominante, vinham à tona e a levavam a pensar. Ela se perguntava sobre como seria não ter uma fóvea e umas poucas células retinianas para a visão em cor, mas sim uma enorme área sensorial para processar os odores. Esse deslocamento que retira da visão a centralidade nos processos de entrar em relação com o mundo é um fio que tece os retalhos dessa pesquisa há bastante tempo. Tempos que se misturam bagunçando as fronteiras entre o passado, presente e futuro de uma escrita de pesquisa, confundindo a suposta precisão dos inícios e dos finais do que sempre serão processualidades. Dessa forma, me aventuro nessa escrita criando narrativas com as quais procuro fazer passar os tempos, pessoas, comunidades, acontecimentos, histórias e movimentos com as quais estou em relação de parentesco (HARAWAY, 2015).

É um experimento que vocês irão testemunhar. Um lugar que também pode ser violento e um lugar onde se pode lutar com palavras para se levar adiante mundos apagados e/ou silenciados, ou mesmo um lugar para se imaginar futuros, imaginar mundos, criar sensibilidades. Estou falando das escritas corporificadas, encarnadas, que se engajam no difícil trabalho de descolonização do conhecimento, da universidade, da vida. São tarefas assumidas por quem precisa lutar com palavras pela própria vida, pela vida de outres, pela vida de certos modos de conhecer e pela vida do futuro. “É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer”, disse Carlos Marighella (1996), no poema rondó da liberdade. Mas, dizer não é igual para todo mundo, e para quem a palavra dita teve e tem que ser arrancada, conquistada, é um ponto de partida mais distante do que para outres. E eu não posso falar de todo mundo, não devo e não quero. Corporificar minhas palavras é falar de um chão onde elas nascem. Nesse sentido, proponho deslocar a questão “o que pode um corpo” para “o que pode um corpo quando impedido de poder? O que impede um corpo de poder? E a estas questões, feministas negras e brancas, pessoas LGBTQIA+, deficientes, negras, indígenas, pessoas que

ocupam as fronteiras e as margens da vida e do pensamento, vem me dizendo que só poderão ser respondidas de modo local, situado, marcado e político. Se há um corpo, qual corpo? O que este corpo informa em termos de raça, classe, gênero, sexualidade e deficiência? E isso é uma crítica às práticas colonialistas da universidade, uma crítica à ciência hegemônica, à ciência que escreve em terceira pessoa, à ciência branca, patriarcal, aquela que pretende dizer de tudo desde lugar nenhum ou que pretende dizer de tudo apenas de um lugar. E essa ciência apaga e mata existências. Faço parte do grupo de fazedoras de ciência que dizem quem são, de onde vieram, que explicitam nos textos acadêmicos que não produzem conhecimentos que não são marcados pelas próprias experiências, que tentam falar menos *Sobre* e mais *Com*, e falar *Com* é estar pousada em um lugar, em lugares.

Assim, seguindo nas pegadas descoloniais e feministas, en-car-nada no que me passa, no que me toca, não falarei de qualquer corpo. Aqui, meu corpo, minhas experiências, para fazer alusão à expressão feminista “meu corpo, minhas regras”. Então, quero partilhar com vocês um trabalho com o qual quero falar algo de cuidado de si no coletivo, movido a arte e que venho com isso criando casos de pesquisa e narratividade.

Quero contar-lhes também que amarrado em meu lenço de quadril<sup>16</sup> está uma ética e uma política de pesquisa intervenção embalada pelo método PesquisarCom, de Marcia Moraes (2010), pelas pesquisas com dança e psicologia comunitária de Alejandra Astrid León Cedeño (2012), pelas apostas numa ciência interventora que se agarra no feminino das práticas, uma ciência localizada, responsável e encarnada em diferentes noções de cuidado praticadas por companheiras e companheiros de pesquisa desses e outros tempos; pelas pegadas feministas descolonizadoras, negras e mestiças das escritoras Grada Kilomba (2015; 2020), Conceição Evaristo (2017) e Glória Anzaldúa (2000); pelas colheitas e sementeiras feitas em minha pesquisa de mestrado sobre cuidado e intervenção na política pública de assistência social e pelo corpo articulado da dançarina-psicóloga-batuqueira; pela formação psicóloga-dançarina-pesquisadora sempre tecida entre centros acadêmicos, movimento estudantil, luta antimanicomial, ocupações, lutas por direitos sociais, políticas públicas, feminismos e em diferentes movimentos sociais que se ocupam de afirmar que, sim, existimos e teorizamos. Em tempos difíceis, é fundamental fazermos e reconhecermos alianças e aliadas. Espero que essa leitura permita que vocês me testemunhem na preparação de contar-lhes, por escrito, esse percurso.

---

<sup>16</sup> Em meu quadril estava amarrado um lenço de moedinhas que usamos nas danças do ventre. Ele estava comigo para me ajudar a contar histórias sobre a dança, escrita, pesquisa e psicologia. Um objeto parceiro e também um ritual.

No entanto, essa costura entre o que se experimenta fora da centralidade da visão e a forma como compartilhamos isso entre viventes de comunidades diversas solicita em nós a produção e validação de outras culturas científicas. Retomando a questão de Donna Haraway (1995), como seria isso de entrar em relação com o mundo a partir de uma enorme área sensorial? Como é conhecer a partir dessa enorme área sensorial a qual comumente nomeamos de corpo - esse território poroso que se movimenta em dinâmicas de aproximação e distanciamento a todo tempo? Em meus percursos no mestrado e doutorado, questões sobre como conhecer e escrever com o corpo todo sempre me seguiram. Ora como assombrações que sopram em meus ouvidos que vida e pesquisa não se misturam e ora como convocação a respondê-las sentindo (com uma enorme área sensorial) os efeitos das andanças coletivas feitas majoritariamente por passos que caminham nas estradas *encruzilhadas* do feminino do mundo e das relações comunitárias e cotidianas. Luiz Rufino (2019), orientando-se pelos conhecimentos produzidos nas encruzilhadas do orixá Exú, propõe que a pensemos a partir de sua pedagogia. Para os Iorubás, diz ele, Exú é também princípio espiralado do tempo e das existências, é princípio do movimento como um todo.

A encruzilhada não é mera metáfora ou alegoria, nem tão quanto pode ser reduzida a uma espécie de fetichismo próprio do racismo e de mentalidades assombradas por um fantasma cartesiano (Rufino, 2019, n.p) A encruzilhada é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos [...] A encruzilhada nos possibilita uma crítica à linearidade histórica e às obsessões positivistas do modelo de racionalidade ocidental, atravessá-la é considerar os caminhos enquanto possibilidades (idem, 2019, p.31)

No chão desta tese, as encruzas são experimentadas, abertas e vividas por pés que sustentam “quadris que usam saias”. Por isso é um percurso *feminino encruzilhado*, no qual se cruzam experiências de mulheres diversas na ação de abrir caminhos na escassez para reparar, manter, sustentar certos mundo e desmoronar os que são dignos de serem transformados. Esses quadris sustentam saias das danças do ventre, saias do Maracatu Baque Mulher e também as saias metafóricas costuradas no giro inventivo que o cotidiano convoca em nós. Giro das saias das pombogiras (Salve elas!) divindades sagradas em religiões de matriz africana. Estradas abertas por pés que assentam seu pertencimento à vida na medida em que andam, se movimentam. Meus pés estão nesses coletivos e transitam entre um e outro pela dinâmica de encontros que se dão pelas danças que se dançam juntas. Pela dinâmica de gente que encontra outras gentes. Chegar como gente, expressão que ouvi primeiro de Alejandra Astrid quando nos ensinava a psicologia comunitária através de suas falas, práticas

e textos<sup>17</sup> durante minha graduação em Londrina. Pode parecer simples isso de dizer “chegar como gente”, mas desconfio que esse fazer é eticamente bem executado apenas por crianças. Chegar como gente nas relações é prática de criança que vai à rua para brincar, “se jogar”, ou seja, que vai à rua para imaginar junto com outras crianças. Se jogar, é ir, experimentar o que acontece. Nós, adultos, envoltos nas atmosferas do desencanto de ser vivente em um país colonizado precisamos reaprender a ser gente que encontra outras gentes. Ailton Krenak (2019), no documentário “Guerras do Brasil”<sup>18</sup>, diz que,

Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença. E se os brancos tivessem educação, então eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daqueles - mais de mil - povos e produzido outro tipo de experiência. Mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui.

Esse é o desencanto colonial. Mas, nesta escrita-tese, como dito, o que proponho é uma andança pelas estradas do feminino encruzilhado que trabalha reencantando a vida em rituais de inventividade cotidianos, criando assim passagens para que outros mundos entrem em cena. Aprender a nomear o que fazemos e sentimos é um processo necessário e muitas vezes desencantador. Entro e saio dos percursos formativos desta tese afetando e sendo afetada por eles. Sou mais uma mulher tecendo comunidades, comunidades que juntam vida e pesquisa. Desse modo, precisei aprender a escutar a experiência enquanto “material” de pesquisa e enquanto um dos pontos de chegada desta tese. Isabelle Stengers (1989), apresenta suas ideias acerca da “ciência no feminino”, escutando o que a cientista Barbara McClintock fez quando optou por deixar seu material de pesquisa “falar”. Bárbara foi uma cientista que desenvolveu estudos genéticos com o milho. Conforme nos conta Stengers (1989), a prática científica de Barbara, diferente das de seus colegas masculinos, tinha a ver com “escutar” o milho em sua singularidade. O que teria esse milho a “dizer”? Quais são os problemas que ele coloca? Quais são os emaranhados de histórias que o constituem? Nas palavras de Stengers,

a história de sua reprodução, a de seu desenvolvimento, a de seu impulso no campo onde se depara com o sol, o frio, os insetos predadores, etc... Os cientistas têm, a propósito do milho, não que acumular observações neutras, mas que aprender dele que questões indagar-lhe, pois o milho é, como todo ser histórico, um ser singular. E dizer “o milho” já é dizer demais, para Barbara McClintock cada grão aberrante devia ser compreendido em si mesmo não como representante “do” milho, mas naquilo em que, justamente, é diferente. (STENGERS, 1989, s.p.)

<sup>17</sup> CEDEÑO, Alejandra Astrid León. Danzando la Psicología Social Comunitaria: revisitando la IAP a partir de un curso de danza en una asociación cultural de barrio. **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, n. 17, p. 255-270, 2010.

<sup>18</sup> Documentário original Netflix, 2019.

Essas histórias emaranhadas caberiam a ela, Bárbara, aprender a decifrar. É desse lugar, enquanto “milho”, enquanto “grão” e enquanto “Bárbara”, afetada por essas narrativas científicas vindas majoritariamente de mulheres, que aprendo a escutar o meu material e a criar aqui uma versão de suas vozes. Houve um tempo em que encontrei na palavra “víscera” uma tradução possível para isso que o material procurava me comunicar. Da mesma forma se deu com a palavra transdisciplinar. Ouvindo o meu “material” entendi que os caminhos do corpo-chão da mestiZa não são feitos de atravessamentos muito mais indisciplinados do que disciplinados. Não cruzamos as disciplinas, mas, de modo indisciplinado, borramos as fronteiras entre elas e as contagiamos com modos de produção do conhecimento que nos solicitam outras palavras, outras formas de nomear. A escrita visceral, portanto, vem de dentro das encruzadas, das relações que se passam ali. Mas, como certa vez questionou minha orientadora, o que são as vísceras? Para mim também não era suficiente dizer apenas “vísceras”, embora a provocação da palavra produzisse uma pista de que ela guardava e provocava histórias. Nos colocamos a pensar, em grupo, em nossos encontros de orientação coletiva e cada uma foi fazendo brotar versões sobre, mas encarnadas em suas próprias dinâmicas de pesquisa. São muitos os percursos que me fazem pesquisadora, mas os da psicóloga-dançarina, sobre o qual escrevi em minha dissertação de mestrado (Silva, 2015), aprofundaram a compreensão de que a cisão entre vida, pesquisa e narrativa diz respeito a um certo modo de produzir pesquisa e atende a certas produções de mundo científico-políticas. Não há nenhuma separação fragmentadora e hierárquica e essa tese é também um exercício de abandono dessa ficção para dar passagem a outras. Nesse sentido, conforme escreveu Donna Haraway, nós feministas preferimos nossas próprias ciências-ficções. Aprender a escutar as vísceras e seus emaranhados profundamente conectados me levou a dançar a coreografia da cientista que descobre algo importante em sua pesquisa. Dançar e dissentir o cuidado desde dentro foi criar um estado de atenção ao que se passa “dentro das relações”, nas vísceras delas, atentando-se aos mundos produzidos nestes encontros. “Nada vem sem o seu mundo” (Maria Puig De La Bella Casa, 2013). Por que é importante afirmar isso? Porque devolve a cada um de nós a sua história, porque nos insere a um fio de pertencimento, ou seja, refaz a agência, o território, o lugar e a terra com experiências e memórias das quais herdamos modos de agir, sentir e pensar o (no) mundo. Isso compõe a metodologia do dançar - mover-se com e por dentro das relações. Com ela cheguei até o Ciranda da Cultura, associação comunitária auto-organizada da periferia de Londrina-PR. Fui estagiária de Alejandra Astrid León Cedeño em suas aulas de dança do ventre para mulheres da associação, aprendendo a arte de mover o

quadril ao mesmo tempo em que aprendia (fazendo) sobre articulações comunitárias, resolvendo os problemas e demandas de forma participativa, artística e poética. Mutirão de saberes reunidos em que cada pessoa doa um pouco do que sabe, do que pode. Processos participativos de uma psicologia comunitária do cotidiano (Léon Cedeño, 2010) em que sermos artísticas importa. Aprendo com essa experiência dançante-comunitária-do-cotidiano a reconhecer a liderança de mulheres quando se trata de manter, reparar e sustentar a vida. Alejandra Astrid e Lidúina Amaro Brasil, moradora do bairro, coordenadora do Ciranda e comandanta (conforme diz Alejandra), fortaleceram em mim conhecer a potência de quem lidera sem subjugar, humilhar e silenciar. Com esse corpo dançante comunitário do cotidiano sendo feito por essas experiências adentro o mundo duro e hierarquizado da política de assistência social. Contraste que solicitou de mim a feitura do que nomeei como Corpo-Astárgati (SILVA, 2015), metáfora que articula diferentes saberes na ação de conhecer o mundo, inspirada pela carta de tarot de Barbara Walker e também pelo espetáculo “Astargat” dançado pela companhia de dança do ventre da qual participei durante 7 anos. Corpo-Astárgati, que nadava por entre perspectivas transdisciplinares (aqui me refiro às interferências entre dança do ventre, psicologia comunitária do cotidiano no contexto da assistência social e arte) e mais horizontalizadas sobre intervenção, cuidado e psicologia. Esse corpo me fazia estranhar a hierarquização de saberes na construção de estratégias de intervenção psicossocial. Corpo que trazia uma radicalidade ética no que dizia respeito aos processos participativos das pessoas usuárias dos serviços socioassistenciais. Se o nado desse corpo se dava por águas transdisciplinares, como construir trocas de saberes e não imposição de saberes?

O corpo Astárgati engata no pensamento do corpo Cyborg proposto por Haraway (1984; 1991), em que toma essa figura como uma ficção que sustente nossas realidades sociais e corporais vividas, uma forma que nos permita imaginar conexões interessantes (HARAWAY, 1991) e a produzir confusões frutíferas nas fronteiras. Nas palavras da autora, “os cyborgs precisam conectar” (p.256). Dessa forma, a pesquisa fez nascer um corpo-Astárgati, tal como o fizemos na dança, um corpo que se faz valer da tarefa de imaginar processos e criar com eles um pouco mais de Versões sobre o Cuidar. (SILVA, 2015, p.16).

Gayatri Spivak (2010) quando questiona se pode o subalterno falar o que de fato tem a dizer enquanto sujeito da experiência que lhe diz respeito, isto é, falar desde seu lugar no mundo, em lugar de ser apenas falado. Conhecimentos usando outra “língua”, isto é, a língua que foi sendo tramada e enunciada no percurso da pesquisa. Glória Anzaldúa, mulher chicana, lésbica, escritora e teórica cultural que viveu nos Estados unidos, cuja produção teórica-

poética-política é minha aliada nesta tese, me diz que *“não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos — chamo isto de escrita orgânica”* (ANZALDÚA, 2000, p.234). Glória Anzaldúa nos deixa uma carta-convocação chamada *“Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo”*, na qual ela provoca as mulheres de cor (não brancas, negras, asiáticas, chicanas, etc) a dizerem a partir de suas peles, ou seja, a dizerem a partir de suas experiências marcadas por seus corpos étnico-racializados, habitantes de certos territórios em que marcas de raça, gênero e classe importam e não importam (já que muitos desses corpos são interrompidos, assassinados, desautorizados, silenciados). O seu chamado é uma provocação a essas mulheres para permitirem que suas palavras-orgânicas interfiram nas *“histórias únicas”*<sup>19</sup> fazendo proliferar outras histórias, e consequentemente re-povoando o mundo de sua diversidade narrativa inerente, a partir da escrita também. Donna Haraway, mulher branca, bióloga, filósofa crítica da ciência, nascida e residente nos Estados Unidos, outra aliada dos percursos desta tese, durante o colóquio *“os mil nomes de gaia”*<sup>20</sup> disse que *“pensar é uma prática que só se dá em lutas localizadas e lutas localizadas podem se dar no papel”*. Glória Anzaldúa e Donna Haraway, desde suas posições marcadas por experiências distintas, nutrem uma aposta comum de que a escrita é um espaço em que urge ser povoado de histórias orgânicas e localizadas que mostrem a diversidade dos modos de vida e consequentemente dos processos de fabricação de conhecimento. Compreendo isso como uma ação de intensificação das possibilidades de imaginar outros mundos, uma espécie de reencantamento da vida a partir do que fazemos, dizemos, escrevemos. Me uno à elas nessa aposta e teço uma escrita com enunciações oriundas do corpo-chão desta pesquisa. É assim que escolho narrar, sem atrever sair de minha pele, do corpo-chão de minhas experiências pessoais-políticas que vão coincidindo com a de outras mulheres que dão carne as histórias de transformação social tecidas no cotidiano de forma artística, dançante, comunitária. David Kopenawa (2019), em a *“Queda do céu”*, livro que resulta do encontro entre ele (enquanto xamã e povo Yanomami) e o etnógrafo Bruce Albert, diz que os brancos precisam de *“pele de imagens”* (livros) para provarem seus conhecimentos, para escutarem a si mesmos, marcando com isso uma diferença epistemológica entre ambos. No entanto, David aceita *“conversar”* com o mundo branco através de suas *“peles de imagens”*, por ser esta, em minhas palavras, a forma hegemônica com que os brancos se escutam, e que assim, quem sabe, poderiam escutar as necessidades e urgências de seu povo também. As *“peles de imagens”* não encerram e definem os modos de

---

<sup>19</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

<sup>20</sup> Evento que aconteceu no Rio de Janeiro em 2014.

produção de conhecimento. Narramos com palavras escritas, palavras que são ouvidas, sentidas, saborizadas, experienciadas na complexidade sensorial e perceptiva do vivido. As palavras escritas produzem certos mundos e modos de conhecer e intervir, mas há muitos mais. Assim como David Kopenawa apostou na pele de imagem como forma de fazer o mundo branco escutar o mundo do seu povo, muitas de nós apostamos na escrita advinda de experiências localizadas, escutadas e sentidas como forma de levar adiante certos mundos e produzir outros. Dessa forma, não posso deixar de mencionar aqui as lives de “contação de histórias” feitas pela artesã, contadora de histórias e escritora<sup>21</sup> Daniela Bastos<sup>22</sup> (2020), cuja aproximação e amizade se deu nas ruas e esquinas por onde o Maracatu Baque Mulher se faz, se movimenta. Daniela Bastos teve essa iniciativa durante a pandemia em 2020, abrindo uma roda virtual na qual sentamos desde nossas telas e casas para ouvi-la. A contação de histórias foi um espaço de afirmação da potência da oralidade em afetar nossos sentipensamentos no cotidiano hostil, violento e sufocante da pandemia. Portanto, esta tese envolve-se no mundo do conhecimento a partir do feminino das experiências cotidianas. E esta é a política narrativa que assumimos nesta tese. Emprestando as palavras de Grada Kilomba (2016)<sup>23</sup>,

Quando eles falam, é científico; quando falamos, não é científico. Quando eles falam, é universal; quando falamos, é específico. Quando eles falam, é objetivo; quando falamos, é subjetivo. Quando eles falam, é neutro; quando falamos, é pessoal. Quando eles falam, é racional; quando falamos, é emocional. Quando eles falam, é imparcial; quando falamos, é parcial. Eles têm fatos, nós temos opiniões. Eles têm conhecimentos, nós temos experiências. Não estamos lidando com uma ‘coexistência pacífica de palavras’ mas com uma hierarquia violenta, que define quem pode falar e quem pode produzir conhecimentos (KILOMBA, 2016)

---

<sup>21</sup> “é autora dos livros “Coco de Umbigada: cultura popular como ferramenta de transformação social” (2011) “Matriarcado e Fé: a história de Mãe Fátima de Oxum” (2014) e “Onde está o Axé? “ (2020).

<sup>22</sup> Dani Bastos, de nome artístico Dani de Oyá é natural de Recife PE. É mulher preta e yaô do Candomblé Nagô pernambucano. Brincante de diversas manifestações da cultura popular, integrou alguns dos maiores grupos de cultura popular e tradicional do Estado de Pernambuco, a exemplo do Maracatu Leão Coroado, Tribo Canindé do Recife, Afoxé Alafin Oyó e Coco de Umbigada.

<sup>23</sup> KILOMBA, Grada. Decolonizing knowledge. lecture announcement, Akademie der Künste der Welt, accessed March, v. 15, 2016.

## 2 PARA QUÊ CONHECIMENTO?

Sigo contando-lhes de um encontro com um texto-manifesto feito pelos povos originários zapatistas (Chiapas-México). Este material foi lido pelo sub. Comandante Galeano no encontro organizado por el@s em dezembro de 2016 cujo nome foi “L@s Zapatistas y las ConCiencias por la Humanidad”. Neste encontro, a pedido de L@s Zapatistas, estiveram presentes 82 “científicas y científicos” de vários lugares do mundo para pensarem as ciências e suas consciências. L@s zapatistas organizaram 117 perguntas a serem feitas para estas e estes cientistas. Perguntas feitas a partir de seus entendimentos acerca do que deveria (e deve) ser a ciência se não fosse o que o capitalismo faz com ela, disseram. Quero apresentar-lhes um trecho desse texto:

*Más ahora, la están empeorando y entrará más ese empeoramiento en contra de nosotr@s los seres viv@s y la madre naturaleza. Así empezó a nacer todo el mal, y sigue y seguirá, ahora ya está llegando a un punto de mucha gravedad ese mal. Así fue y así están utilizado también los que hacen arte de artistas, todo lo llevo el capitalismo para hacerle un mal a la sociedad y para su bien del capitalismo. Lo que era natural, por naturaleza y los que en ella viven, es decir los pueblos originarios, están para que sean destruidos junto con la madre naturaleza. Entonces: Creemos, pensamos, imaginamos. Que podemos organizarnos, trabajar y luchar, defender como cimienta que somos, para que este mundo, la casa en donde vivimos, no la desaparezcan esos capitalistas, ahora es la hora, herman@s, compañer@s, compañeroas, nadie lo hará esa salvación. Somos nosotr@s. Pongan a soñar y se darán cuenta que contra el capitalismo, sólo se puede con la buena ciencia científica, y el arte de artista y los guardianes de la madre naturaleza con los abajos del mundo. Tenemos esa responsabilidad [...]queremos aprender y hacer ciencia y tecnología para ganar la única competencia que vale la pena: la de la vida contra la muerte. (Algunas primeras preguntas a las ciencias y sus consciencias, por Subcomandante Galeano, dezembro, 2016)*

Faço referência ao encontro de L@s zapatistas porque partilho dessas mesmas inquietações e porque quero fazer ciência de modo posicionado na perspectiva de que *conhecer* nos ajuda a viver e morrer bem nesse planeta. É também uma referência ética que me acompanha nesta escrita e em meus percursos acadêmicos. Conhecimento, ciência, saberes, qual seja o nome que for dado, é porque insistimos que podemos investigar conexões, criar relações entre *as coisas* - moléculas, medidas, narrativas, substâncias, corpos, significados, etc - e acompanhar os efeitos dessas interações a partir do que nos interessa para vivermos e morreremos bem aqui (*se não fosse o capitalismo, como recordam l@s zapatistas*). Escrevo isso porque preciso lembrar a mim mesma disso, de que conhecer, no sentido

primeiro da *coisa toda*, é sustentar, inventando conexões, a isso que nomeamos de vida. Também porque foi desafiador desenvolver o doutorado – construir conhecimento - entre os anos 2016 e 2020 no Brasil, em que, dentre muito mais atrocidades, a educação e as práticas científicas vem sendo desencorajadas, descredibilizadas e desinvestidas pelo governo do Presidente Jair Bolsonaro (eleito em 2018) com o apoio de uma parcela da população que vem sendo alvo de certas campanhas difamatórias nesse sentido. Em 2016 estávamos nos mobilizando contra a PEC do fim do mundo, ocupando escolas e universidades públicas, indo até Brasília pressionar contra a votação e muitos de nós sendo atacados pela Polícia Militar com bombas de gás lacrimogênio e outras violências. Fui irônica com uma colega de doutorado dizendo a ela que iniciamos nossos doutorados lutando contra a PEC do fim do mundo e estamos encerrando-os com a pandemia da covid-19, que coloca fim em alguns mundos ao mesmo tempo em que perpetua outros. Krenak, Haraway, Stengers e Kopenawa ocupam meus pensamentos com suas perspectivas sobre o tempo das tragédias, refúgios, queda do céu e fim do mundo. São tempos difíceis, mas como disse o Frei Betto, “guardemos o pessimismo para tempos melhores”<sup>24</sup>. Por isso, lembro a mim mesma da importância de sonhar, da importância de criar e da importância de construir narrativas científicas que sejam biodiversas, contrapondo as *monoculturas da mente*, conceito desenvolvido pela ativista ecofeminista e pesquisadora indiana Vandana Shiva (2003).

---

<sup>24</sup> O escritor e teólogo da libertação faz um convite a reflexão acerca de como podemos seguir construindo mundos diferentes diante do avanço do autoritarismo expresso e praticado pela extrema-direita no Brasil e no mundo. Frei Betto insiste nesse axioma em diversas entrevistas e lugares onde é convidado a falar. Entrevista com Frei Betto: Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589283-vamos-guardar-o-pessimismo-para-tempos-melhores-entrevista-com-frei-betto> Acesso em: 08 ago. 2019.

### 3 SEGUINDO AS MARCAS: Mulheres dando linha

E como prolongar hoje o grito de Woolf, "pensar nós devemos" numa universidade agora em crise?

Sabendo, portanto, que é ridículo e irrisório. Tendo simplesmente a convicção que tudo começa, de toda maneira, aqui, pela 32 experimentação que não cessa de recomeçar, pelo sentido do possível que não cessa de renascer (DESPRET; STENGERS, 2013, p.3)

Sandra Benites (2018), Guarani-Nhandewa, é também um fio na costura dessa colcha. Lendo sua dissertação<sup>25</sup> de mestrado, recordo de quando ela foi minha professora no curso de língua e cultura guarani, entre 2016 e 2017. Período em que passei a perseguir minha marca indígena Fulni-ô, povo ao qual tenho pertença herdada de minha avó Zulmira, pernambucana retirante que, assim como meu pai<sup>26</sup> e muitos dos meus familiares, migrou para o “sul maravilha”<sup>27</sup> nos anos 50. Marca esta que resiste através dos meus traços físicos, experiências e intuições que estou a vasculhar, aprendendo a escutar os efeitos dela junto de coletivos que estão problematizando essas experiências mestizas em contextos brasileiros e apropriando-se delas produzindo pistas de pesquisa e de vida. Busquei esse curso no intuito de aproximar-me dessa marca, para tatear formas de assumi-la e localizá-la no percurso de minhas sensações, modos de pensar e atuar. Como forma de rastrear histórias que o *dispositivo da mestiçagem*<sup>28</sup> insiste em apagar. Em outro caminho, a escritora mexicana Glórizia Anzaldúa (2005), a partir de suas experiências fronteiriças como chicana, lésbica e mexicana, afirma o conflito da mestiçagem como um processo que solicita posicionamento e criação, abandonando, como ela própria escreveu,

*Porque eu, uma mestiza,  
continuamente saio de uma cultura  
para outra,  
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,  
alma entre dos mundos, tres, cuatro,*

<sup>25</sup> Benites, Sandra. Viver na língua e cultura guarani nhandewa (mulher falando). Dissertação de mestrado em antropologia pelo Museu Nacional, UFRJ, 2018.

<sup>26</sup> Meu pai retrata a história da vinda de nossa família no livro “O menino que veio de Maravilha” (2018), cidade de Alagoas, da qual partiram para São Paulo.

<sup>27</sup> Expressão usada por muitos nordestinos que migravam para o sudeste e sul em busca de melhores condições de vida.

<sup>28</sup> O psicólogo Emanuel Mariano Tadei discute os efeitos do que ele nomeia como dispositivo da mestiçagem no pensamento racial brasileiro. TADEI, Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 22, n. 4, p. 2-13, Dec. 2002.

*me zumba la cabeza con lo contradictorio.  
Estoy norteada por todas las voces que me hablan  
simultaneamente (Anzaldúa, 2005)*

A mestiçagem brasileira é consequência do projeto colonial de dominação e exploração pelo poder, pelo saber, pelo sentir, pela racialização imposta pela branquitude e pelo gênero. Projeto cruel de homogeneização (e de monoculturas) da vida e da natureza, cujo centro da racionalidade disso está *nos nortes*<sup>29</sup> do mundo. Desse projeto sou filha “bastarda”, a parda que tentaram embranquecer. A parda, mestiça, que não deveria ouvir e conhecer quem a escurece. Projeto que produz tantas experiências de despertencimento, desterritorialização e violência, mas também de onde emergem as “vozes que me hablan simultaneamente” (ANZALDÚA, 2005, p.704) e contam “que otro mundo es posible” (expressão zapatista). Assim, passo a afirmar nesta escrita a mestizagem com “Z”, pegando nas mãos da mestiza mexicana, Glória Anzaldúa (2005), que com seus escritos me ajuda a nomear esse lugar encruzilhado da mestiça brasileira que começa a retomar suas próprias terras histórico-existências.

Ela põe a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres, temos sido parte. Luego bota lo que no vale, los desmientos, los desencuentos, el embrutecimiento. Aguarda el juicio, hondo y enraizado, de la gente antigua. Esse passo representa uma ruptura consciente com todas as tradições opressivas de todas as culturas e religiões. Ela comunica essa ruptura, documenta a luta. Reinterpreta a história e, usando novos símbolos, dá forma a novos mitos. Adota novas perspectivas sobre as mulheres de pele escura, mulheres e queers. Fortalece sua tolerância (e intolerância) à ambigüidade. Ela está disposta a compartilhar, a se tornar vulnerável às formas estrangeiras de ver e de pensar. Abre mão de todas as noções de segurança, do familiar. Desconstrói, constrói. Torna-se uma nahual, capaz de se transformar em uma árvore, em um coioote, em uma outra pessoa. Aprende a transformar o pequeno “eu” no “eu”total. Se hace moldeadora de su alma. Según la concepción que tiene de si misma, así será. (p. 709)

No intuito de fazer passar na escrita os caminhos da *mestiça* para a *mestiza*, trago aqui uma carta, dessa vez, interessada em mergulhar no caminho que a mestiçagem com “Ç” apagou e apaga, caminhos dos povos originários no passado, presente e futuro. Esta carta foi escrita para dizer de minhas intenções em cursar o curso de língua e cultura guarani oferecido

---

<sup>29</sup> Para fazer referências as epistemologias do sul. Sul, metáfora para os conhecimentos que advém de lutas.

no Museu de Arte Popular de Niterói, Janete Costa, em parceria com a UFF. Os professores foram a educadora Guarani Nhadewa Sandra Benites<sup>30</sup> e o cineasta Guarani Mbya Alberto Álvares<sup>31</sup>. Neste curso fiz aldeia aos sábados, sendo cuidada pela língua guarani e aprendendo a fazer um espelho descolonial através do qual aprendo a me olhar de volta sem vergonha.

### 3.1 Carta de interesse enviada ao curso de língua e cultura Guarani.

*Sempre soube da presença indígena na minha família paterna, vinda com mais presença na história de minha avó Zulmira, isso sempre foi dito, mas esse assunto não aparecia com muita presença nas conversas da família<sup>32</sup>. E no ano passado, com o interesse mais voltado para as diferentes línguas que nos fazem humanos, que nos fazem existir, essa presença indígena na minha história se tornou mais política. Descobri que são os fulni-ô, povo da região de Pernambuco, que habita a história de minha avó e de minha família. Se torna mais política porque essa não presença do nome fulni-ô nas conversas de minha família não era por acaso, mas por desdobramentos da colonização brasileira, da história oficial, do lugar dos povos indígenas em nosso imaginário, como sendo algo a ser esquecido, a ser superado, algo do qual, desculpem se pareço exagerar, que deveríamos nos **envergonhar**. Assim, meus objetivos com esse curso tem a ver com tornar minha vida e minhas práticas como psicóloga um pouco mais atentas ao mundo que criamos e ao mundo que silenciemos através de nossas falas, nossos gestos, nossos escritos”*

*Elis Teles, 2017*

24/02/2016

---

<sup>30</sup> fez parte do grupo de mulheres indígenas representando sua aldeia (Aldeia Boa Esperança). Coursou a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), no Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Cujas Monografias são: FUNDAMENTO DA PESSOA GUARANI, NOSSO BEM-ESTAR FUTURO (EDUCAÇÃO TRADICIONAL): O OLHAR DISTORCIDO DA ESCOLA. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Indígena. Atualmente é Coordenadora Pedagógica de Educação Indígena, prestando assessoria à Secretaria de Educação do Município de Maricá, RJ. Presta atendimento às Aldeias Guarani Tekoa Mboy ty (São José de Imbassai) e Céu Azul (Itaipuaçu). Faz parte do Instituto dos Saberes dos Povos Originários-Aldeia Jacutinga, onde junto com um grupo de várias etnias faz palestras e trabalhos com alunos de vários níveis da educação básica. É Pesquisadora bolsista desde 2010 ao 2015 pelo OEEI (Observatório da Educação Escolar Indígena), cuja área de atuação têm sido o processo de ensino-aprendizagem da criança guarani nas escolas diferenciadas e na comunidade guarani. Sob a orientação do Prof<sup>o</sup> José Ribamar Bessa e Prf<sup>a</sup> Ana Rabelo Gomes. Desde 2010 faz a parte como pesquisadora da UFMG/FAE (Universidade Federal de Minas Gerais / Faculdade de Educação), palestras para os graduandos indígenas do Curso de Licenciatura Intercultural, expondo seu trabalho de pesquisa com parceria Unirio Rio De Janeiro. Atualmente desde março de 2016 iniciou mestrado no Museu Nacional ufrj em antropologia Social que conclusão do mestrado em março de 2018.

<sup>31</sup> Atualmente é colaborador do Laboratório de Filmes Etnográficos, da Universidade Federal Fluminense, atuando na produção, edição e direção de documentários. Participou como bolsista no programa de documentação de línguas e cultura da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, é pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, Participou como pesquisador indígena do Ministério da Educação e professor de língua guarani da Universidade Federal Fluminense. Fonte: Plataforma Lattes

<sup>32</sup> Nas conversas de família se ouvia que “Os Silva” (como falamos entre nós) éramos descendentes de indígenas, negros e holandeses, sendo que a palavra “holandeses” (estes que invadiram Pernambuco por 30 anos) era sempre dita com a “boca mais cheia”.

\*\*\*

Isso compõe uma inquietação sobre pertencimento, sobre pertencer a uma comunidade (a qual/quais pertencço?), a um povo (a que povo pertencço dentro da racialização imposta pela branquitude colonizadora?), a um território (Qual a minha terra? Tenho para onde retornar?), a uma classe social (pobre/classe média).

No tengo lugar (Não tenho lugar)  
 Y no tengo paisaje (e não tenho paisagem)  
 Yo menos tengo patria (ao menos tenho pátria)

Con mis dedos hago el fuego (com meus dedos faço o fogo)  
 Con mi corazón te canto (com meu coração te canto)  
 Las cuerdas de mi corazón lloran<sup>33</sup> (as cordas do meu coração choram)

De 2013 para cá (estamos em 2019), para ser bem precisa, venho seguindo a pista anunciada em um sonho – *a do antigo eu pra descobrir meu verdadeiro nome*. Encontrar a “consciência da mestiza”<sup>34</sup> com Glória Anzaldúa conectou-me ainda mais a essa pista. Mas não só com Glória, também com os rios de memórias e experiências de Áurea Cardoso<sup>35</sup>. A ocupação estudantil da Universidade Federal Fluminense, em 2016, nos aproximou em tessituras de conversas sobre pertencças africanas, indígenas, brancas em nossos corpos e histórias. Estávamos também muito contagiadas pelas discussões em torno da aprovação das cotas dentro de nosso programa de pós-graduação. Inquietas, perseguimos as pistas de nossas próprias marcas ao mesmo tempo que íamos aprendendo a sentar no gramado da UFF juntas e a escutarmos uma à outra reverberando nossas percepções acerca do racismo estrutural e institucional que se revelava por entre as falas dentro do colegiado de nossa pós-graduação. Foi nessa ocasião que me senti convocada a escutar minhas marcas de classe, raça, gênero e deficiência<sup>36</sup> com mais densidade e cuidado. De um modo bastante pessoal fui aprendendo a fazer silêncio para escutar essas marcas com responsabilidade, de forma situada e política. Sempre me vi morena de traços indígenas pelos quais já temi ser reconhecida. Temor em que se inscrevem as reverberações do patriarcado nas referências de imagem as quais nos são impostas como referência, como modelo, como padrão. Referências pautadas nos corpos

<sup>33</sup> “Nasci em Alamo” - Canção cigana interpretada por Yasmin Levy

<sup>34</sup> ANZALDUA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.13, n.3, p.704-719, Dez. 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso)>. access on 12 Jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.

<sup>35</sup> Cardoso, Áurea. Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2018.

<sup>36</sup> No sentido de pensar a deficiência enquanto experiência no mundo que devolve a mim questões sobre não ser um corpo deficiente no mundo corpo-normativo do capacitismo.

brancos. De Tainá, apelido que recebi de algumas pessoas quando criança, em referência a uma cunhatã personagem de um filme brasileiro<sup>37</sup>, passei a receber outros, entre os quais Potira (personagem da Dira Paes, em uma novela<sup>38</sup>) e mais tarde Jurema<sup>39</sup>, como ainda hoje me chamam alguns amigos. O corpo foi mudando e enquanto mulher fui me vendo mais próxima das mulheres marrons. Mas, quem somos as mulheres nomeadas como marrom? Quais são os povos que insistem em serem lembrados e vistos através de nossas peles? Intuitivamente fui seguindo esses traços, a ver o que eles me contavam e a que me convocavam. Intuição que certamente tem atravessamento das lutas e pesquisas de minha mãe junto às lutas dos Guarani e Tupinikim, no Espírito Santo, contra o *deserto verde*<sup>40</sup>. Acompanhei minha mãe em algumas idas nas aldeias e participei da reconstrução da aldeia olho d'água, destruída pela polícia federal numa ação ilegal de restituição de posse das terras indígenas para a empresa Aracruz Celulose (hoje Fibria). No silêncio dessas andanças fui construindo miradas aos gestos das mulheres guarani e tupiniquim, aos seus traços físicos, farejando uma pertença, uma semelhança, sutilezas que me olhavam de volta. Como disse, estou na retomada de minhas “terras”, sentipensando sobre isso e considero importante que as marcas as quais essa inquietação me leva apareçam nessa escrita porque são parte da materialidade dos modos de subjetivação impostos, herdados e adquiridos do sistema colonial que exterminou e escravizou povos indígenas e africanos.

A mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente,<sup>4</sup> caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. A nova mestiza enfrenta tudo isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambigüidades. Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista angloamericano. Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico – nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa (ANZALDÚA, 2005, p. 706)

<sup>37</sup> Tainá, uma aventura brasileira. Dir: Sérgio Bloch e Tânia Iamarca. 2001

<sup>38</sup> Irmãos coragem, telenovela brasileira exibida em 1995.

<sup>39</sup> “É uma cabocla de pena filha de tupinambá”, trecho do ponto da jurema na umbanda.

<sup>40</sup> Deserto verde é a nomeação que ambientalistas dão ao cultivo da monocultura de em grandes extensões de terra para cultivo da celulose. O documentário “Cruzando o deserto verde” denuncia o processo de implantação das fábricas de celulose que invadiram o norte do Espírito Santo e o Sul da Bahia que não respeitou nem a cultura nem o território de tribos indígenas, quilombos, pescadores e produtos rurais, desarticulando seu modo de vida e provocando a destruição de rios e da Mata Atlântica, restando apenas um grande deserto verde. Realização: Movimento Alerta Contra o Deserto Verde – Apoio: Fase/Comin-Igreja Luterana – Texto e Direção: Ricardo Sá. 2001

Impulsionada a voltar para trás, no caminho da mestiça, encontro no presente o Feminismo Comunitário Indígena de Abya Yala e passo a escutar o que essas mulheres estão dizendo a partir de seus próprios territórios acerca da colonização e suas violências. Assim, trago aqui, para “falar” comigo, as palavras de Julieta Paredes (2019), feminista comunitária Aimará, povo originário boliviano.

A raça é uma invenção, por isso é importante também o conceito que nós temos resgatado. Para nós, feministas comunitárias, o branco, a branca não é o homem ou a mulher com a pele clara. Uma coisa é ser branco e outra coisa é ter a pele clara, porque eu tenho a pele escura. Com pele clara é como pintou a Pachamama algumas irmãs e irmãos. Com pele escura foi como pintou Pachamama algumas irmãs e irmãos, assim como as flores, os animaizinhos. Ou seja, entre as flores, a margarida não diz para a violeta: “você é feia porque é escura”. Não, elas não brigam, são diversas, diversas cores... Quem é a branca? Quem é o branco? A branca e o branco são as pessoas que fazem da claridade da sua pele, do seu sobrenome, da sua formação profissional, do dinheiro que tem, um privilégio para oprimir outros seres humanos, assim como a mãe e irmã natureza. Ser branca é uma decisão política, que nasce da claridade da sua pele, do seu sobrenome, da sua formação profissional ou acadêmica. Seus atos se respaldam no poder e privilégios. Então como vamos desconstruir o conceito de raça formado pelo colonialismo, que além de nos distanciar também é injusto, por exemplo, com irmãs empobrecidas e brancas, irmãos e irmãs brancos na Europa – que lhes fazem crer que são brancos, mas em sendo pobres, não têm as mesmas oportunidades que a gente burguesa, por exemplo, na Itália e na Alemanha; mas sua pele é clara, mas eles e elas têm a pele branca e lhes fazem acreditar que são os migrantes – os africanos, os latino-americanos, os filipinos e as filipinas – que lhes estão tirando o trabalho, certo? Por isso, é importante que registremos esse pensamento do Feminismo Comunitário: a diferença entre pele clara e pessoa branca, ou branco, é uma decisão e posição política. (PAREDES, 2019, p.30)

Nesse caminho, abro bem os ouvidos para escutar Sandra Benites (2018), que com sua presença e pesquisa, ocupa a universidade dos *juruá*<sup>41</sup> (não indígenas) com o *arandu*<sup>42</sup> (conhecimento) das mulheres Guarani Nhadewa para dizer o que é viver na língua guarani<sup>43</sup>. É fundamentalmente essa frase – *conhecimento das mulheres* – a que me conecta a ela e aqui destaco. Enquanto mulher, me faço a cada Sandra Benites que encontro pelo caminho e muitas delas aparecerão aqui porque por onde vou eu as levo comigo e me deixo ser levada por elas. Também porque estou aprendendo a escutá-las, escutar a mim mesma e a (re)

---

<sup>41</sup> Palavra guarani

<sup>42</sup> Palavra Guarani

<sup>43</sup> BENITES, Sandra. Viver na língua Guarani Nhandeva (mulher falando). Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Museu Nacional–UFRJ, 2018.

conhecer as ciências que criamos com nossas experiências. “*As mulheres não podem apropriar-se da sua própria história a menos que comecem a apropriar-se das suas próprias experiências*”<sup>44</sup>, nos dizem Maria Mies e Vandana Shiva no livro *Ecofeminismo* (1993). São essas mulheres, de diferentes coletividades, que fazem parte do território comunitário *cyborgue* e movente com o qual venho criando percursos de pesquisa. *Cyborgue* porque, conforme coloca Donna Haraway (1991) “os *cyborgues* precisam conectar” (p.256). Território que se tece junto a contação de histórias (política narrativa dessa tese) interessadas em compor habilidades para responder (*response-ability*, diz Donna Haraway, 2015) a tempos em que tentam subtrair o pouco do caminho democrático que foi traçado até agora por quem sabem que viver e morrer bem nesse país é também voltar para trás, desfazer conexões que sustentam a colonialidade e criar passagem à bio-diversidade. Reagir no temporal, no espacial, na profundidade da coisa toda, (HARAWAY, 1991). Contar histórias para refazer memórias junto das experiências do presente, diferenciando o herdado, o adquirido e o imposto - inventariar as marcas - como sugere Glória Anzaldúa (2005). No sentido também de remexer nos ossos (descobrir quem é quem e nomeando onde estamos e onde não estamos) desse território oriundo de guerras (colonizadoras) que não cessam. É no sentido de, como canta a rapper Brisa Flow<sup>45</sup>, ficarmos vivas! “*Lavo meu corpo com saís, essa terra tem sangue dos ancestrais, estado de alerta, fique viva, se prepare. São dias e noites de amor e guerra. Fique viva, fique viva!*” (BRISA FLOW, 2018). E Vivas nos queremos (ni una a menos)<sup>46</sup>. *Ficar viva* tanto no sentido de que basta de feminicídio, quanto como metáfora epistêmica, como conhecimento para existir. *Ficarmos vivas* para sustentarmos a vida, essa rede de interdependências entre humanos, bichos, minerais, florestas, partículas invisíveis, objetos, rituais, ficções. Conhecimento para ficarmos vivas implica, como disse Maria Puig de La Bella Casa (2013), pensar *COM*<sup>47</sup> cuidado, e o cuidado é fundamento de uma comunidade porque cuidado é uma relação de interdependência inevitável, “um estado afetivo-vital” diz ela. O cuidado é o sagrado, no sentido do que nos conta Maria Mies e Vandana Shiva (1993), “*no cenário indígena, o sagrado é uma grande parte da conservação [...] denota um relacionamento da parte com o todo – um relacionamento que reconhece e*

---

<sup>44</sup> P. 59

<sup>45</sup> Rapper de Minas Gerais. Seus pais, chilenos, vieram ao Brasil refugiados da ditadura chilena. Essa música chama-se “Fique viva” e consta no álbum “Selvagem como o vento”, de 2018

<sup>46</sup> Slogan feminista que nomeia marchas e mobilizações em toda a América Latina pelo fim da violência contra a mulher

<sup>47</sup> A preposição *com* indica uma política de pesquisa que procura ser atravessada pelos encontros, pensar por dentro das relações e não de sobrevôo. O *pensar com* se distancia do *pensar sobre*, ou seja, o interesse é no desarranjo das relações de poder que hierarquizam pesquisadora e experiências pesquisadas. Procuramos modos de viver, pensar e narrar *com*, ao contrário de viver, pensar e narrar *sobre*.

*preserva a integridade*” (p.221) Dessa forma, sigo apresentando-lhes, leitoras, essa comunidade com a qual estou em relação de sagrado, relação de interdependência e aprendendo a “voltar para trás”; a construir a *serpente* e a *águia*<sup>48</sup> (a não linearidade e a precisão necessárias) dos conhecimentos que, nessa comunidade, usamos para ficarmos vivas, interferir na cultura e sustentar a habilidade de responder.

### 3.2 corpo-tema, corpo-astárgati: Corpo-Chão

Em interlocução com Peter Spink (2003), precisamente acerca da noção de campo-tema, investigo os caminhos enunciados pelas comunidades desta pesquisa, onde campo é corpo e tema é chão.

Campo, entendido como campo-tema, não é um universo “distante”, “separado”, “não relacionado”, “um universo empírico” ou um “lugar para fazer observações”. Todas estas expressões não somente naturalizam mas também escondem o campo;[...] O campo-tema, como complexo de redes de sentidos que se interconectam, é um espaço criado” (SPINK, 2003, s.p.)

O corpo é também uma complexidade de redes de sentidos que se interconectam e é um espaço criado e em criação. Sendo assim, pensar em *corpo-tema* marcaria as alianças que venho tecendo com diferentes epistemologias e práticas feministas e feministas descoloniais que convocam o corpo como território de experiências coletivo-individuais de modo situado, político e marcado. É desde o corpo (com suas marcas de exploração, gênero, classe, raça, deficiência e sexualidade) que muitas de nós, mulheres que interferem na cultura também a partir da produção acadêmica do conhecimento, enunciamos problemas de pesquisa, narramos relações situadas entre o *pessoal e o político*, fazemos proposições, construímos conhecimentos e intervimos. O corpo como corpo-chão se conformaria como uma perspectiva feminista da noção de campo-tema. Enfatiza a dimensão corporificada do conhecimento, além de evidenciar que estou acompanhada de histórias de muitas mulheres que fizeram ciência e que não abriram mão de seus corpos marcados para construir conhecimento. Manter o corpo como categoria é mostrar que pertencemos a linhagens feministas dentro da ciência, pois o corpo é uma dimensão importante para nós e trazê-lo para o pensamento é sempre uma tarefa repleta de negociações com as epistemologias dominantes que sustentam as *colonialidades do saber*. E, conforme Sandra Benites (2018) anuncia no título de sua dissertação, aqui é “mulher falando”.

---

<sup>48</sup> É uma referência a Glória Anzaldúa no texto “A consciência da mestiça”.

O corpo-chão tem parentesco com o “corpo-astárgati” (Silva, 2015), com o qual trabalhei em minha dissertação de mestrado para mostrar as interferências entre a psicóloga e a dançarina do ventre na produção de conhecimento e intervenção na política pública.

Na intenção de forçar o pensamento articulado, conectado e acoplado é que lanço mão da metáfora Corpo-Astárgati como um corpo que costura em si marcas e memórias de diferentes atores. O corpo Astárgati engata no pensamento do corpo Cyborg proposto por Haraway (1984; 1991), em que toma essa figura como uma ficção que sustenta nossas realidades sociais e corporais vividas, uma forma que nos permita imaginar conexões interessantes (HARAWAY, 1991) e a produzir confusões frutíferas nas fronteiras (TELES, 2015, p.16)

Tanto o Corpo-chão quanto o corpo-astárgati conectam experiências em temporalidades e espaços diferentes, constituindo percursos de formação e intervenção na cultura a partir da aposta em um posicionamento móvel e localizado, ou seja, em um certo chão de experiências. Posicionamento este que compõe e acompanha processos coletivos-comunitários no intuito de produzir histórias que criem corpos com habilidades para reagir (no sentido da continuidade do movimento de criação da vida). Embora em termos de *sentipensamento* (FALS BORDA, 2009) a compreensão dos vínculos que essas histórias fazem entre si seja compreendida pelo viés da ação que elas mobilizam, na escrita a solicitação é sempre outra e sempre limitada, o que implica na criação de modos narrativos encruzilhados e não lineares. Uma parte considerável do meu doutorado foi tomada por pensar esse movimento de conexões, alianças e fios que costuram uma coisa noutra. Empréstando as palavras de Grada Kilomba (2019) ao referir-se sobre seu trabalho, o meu campo de pesquisa é “transdisciplinar, híbrido e se assenta em diferentes espaços”, Colcha de retalhos, tecendo existências. Na prática sigo as conexões entre elas e vou tecendo os mundos, e faço isso guiada por intuições, conexões repentinas que vão me movendo a agir como pessoa, pesquisadora, psicóloga, mulher e fazedora de cultura. Na teoria há toda uma dualidade de tradição moderna da fabricação dos saberes a ser perfurada e em alguns momentos a ser desfeita. Toda uma ousadia a ser experimentada para dar passagem às epistemes que essas experiências enunciam. Experiências que, conforme disse, estou aprendendo a reconhecer, a tecer e a narrar. A aposta em um *posicionamento que procura ser móvel*, é a aposta no deslocar-se com as experiências e com isso tocar as fronteiras e criar passagens para as formas diversificadas de experiência no mundo, “com paixão e sangue,

assim como assumimos todas as coisas fundamentais nas quais acreditamos ”<sup>49</sup>. Essa aposta procura se aliar aos conhecimentos feministas e descoloniais que vem sendo produzidos na América Latina, África e outros “sul’s”.

### 3.3 Encontros com feminismos descoloniais

#### Glória Anzaldúa e Donna Haraway na ocupação da UFF – respondendo à carta de Glória.

Eu, sentada aqui, na tarefa de escrever um trabalho de composição com a perspectiva feminista de Donna Haraway, minha pesquisa e a ocupação na universidade, diante desse computador, penso na carta de Glória<sup>50</sup> e na descrição que ela faz de si mesma. Chicana, mulher de cor, escritora, sentada atrás de uma máquina de escrever. Logo no início ela se posiciona ao explicar porque escolheu uma carta para se dirigir às escritoras do terceiro mundo, em vez de um ensaio. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, aposta em uma intimidade, diz ela, como forma de criar uma aproximação daquelas para quem gostaria de se dirigir.”*Como começar novamente? Como alcançar a intimidade e imediatez que quero? De que forma? Uma carta, claro*” (ANZALDÚA, 2000, s.p.). Me torno destinatária dessa carta ao mesmo tempo em que estou entre diferentes lutas que eclodem pelo país, entre elas, as ocupações das universidades públicas em luta contra as consequências do golpe jurídico-midiático-parlamentar no Brasil em 2016. No momento, o agravante é a chegada da PEC 241<sup>51</sup> e a universidade em que estudo também foi ocupada.

As palavras de Glória me atravessam numa manhã de quarta-feira, dia em que nosso grupo de pesquisa se reúne. Compondo as atividades da ocupação, fizemos nossos encontros todos os dias no pátio, local aberto que se tornou uma grande sala partilhada por diferentes rodas de conversas e aulas contagiadas pelo momento político e pelas relações que aconteciam na ocupação. Nessa carta, Glória não quer ser reconhecida como Anzaldúa, seu sobrenome, já que ela não escreve sobre ela, senão com ela e muitas outras. Não é um nome para ser citado, é o primeiro nome, é o nome pelo qual ela quer ser chamada e com o qual ela assina a carta que publica. Ao assinar a carta como Glória ela marca que ali, naquela escrita, naqueles arranjos, tem uma pessoa que narra e essa pessoa é mulher, de cor, chicana, do

<sup>49</sup> Castro-Gómez. S. (2003) “Apogeo y decadencia de la teoría tradicional una visión desde los intersticios”, en: Revista Iberoamericana, Vol. LXIX, No. 203, abril-junio, p. 343-353. .

<sup>50</sup> Anzaldúa, G. “Falando em Línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1981)

<sup>51</sup> Que consiste no congelamento, por 20 anos, do que o governo interino nomeia de “gastos públicos”, seriam eles os investimentos em educação, saúde e assistência social, principalmente.

terceiro mundo, escritora, vivendo no primeiro mundo. E ainda que ela seja isso, isso não é tudo o que ela é. Ela faz um relevo com essas marcas – cor, chicana, terceiro mundo, escritora, no primeiro mundo, mulher – para marcar uma espécie de território onde estão as pessoas com quem ela pretende conversar de modo mais íntimo, sem generalizar a experiência de ser mulher-chicana-terceiro mundista- escritora- no primeiro mundo. Ao ler a carta marcada, parcial e corporificada de Glória, uma questão me aparece: Quais marcas enunciam-se com mais relevo em minhas experiências?

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? O homem branco diz: Talvez se raspem o moreno de suas faces. Talvez se branquearem seus ossos. Parem de falar em línguas, parem de escrever com a mão esquerda. Não cultivem suas peles coloridas, nem suas línguas de fogo se quiserem prosperar em um mundo destro (ANZALDÚA, 2000, p. 230)

Estou na ocupação política de uma universidade pública numa cidade de um país do terceiro mundo. A jovem democracia de meu país sofreu um golpe, mais um dentre tantos de nossa história. Acompanho, atônita, os direitos sociais conquistados serem rapidamente desmantelados. Serviços públicos essenciais serem agora desorganizados, desestruturados, desarticulados, enxugados e diminuídos. O nome disso é austeridade. Enquanto tentávamos prosperar num país destro, ocupando, aos poucos os poucos locais na universidade onde conseguimos levar nossas pesquisas e narrativas coloridas adiante, enquanto construíamos um lugar para as que “falam em línguas” entrarem nesse lugar também, éramos subtraídas. Sabemos, como mulheres, que somos as primeiras a serem afetadas na austeridade. É o “outro” que nos diz quem somos e qual é o nosso lugar. O lugar de mulher. É sobre nossos corpos os discursos mais insanos, aqueles que deliberadamente querem nos colocar em nossos lugares de sempre – lugares não marcados, lugares que “eles” dizem nos pertencer. Enquanto avançávamos nas questões de gênero, deslocando significados não marcados, apontando onde estávamos, com o que e quem interagíamos, os elementos com os quais movimentávamos nosso pensamento, levando a sério nossos sentimentos marcados, “eles”, como disse, nos subtraíam.

Escrevo em terceira pessoa porque estou marcando, nessa escrita, que as “faladoras de línguas”, estavam e estão perfurando os muros invisíveis dentro e fora da universidade. Estamos trabalhando nas fronteiras cotidianas, abrindo e cuidando das passagens. Muitas de nós já não queremos sair de nossas peles, dependurar em nossos pescoços diplomas e

aplausos em nossos ouvidos, senão, tornar a experiência um processo de consciente fabricação de nós mesmas, indo muito além dos protocolos esbranquiçados, reduzidos e ineficientes com os quais temos que lidar em todos os espaços onde atuamos. Como pesquisadora, narrar minhas investigações pressupõe o movimento de fabricação desse corpo, pressupõe alargar os sentidos, muito além da visão. Pressupõe, portanto, desacostumar o corpo do julgamento imediato, e só depois encontrar metáforas mais próximas da não linearidade que os sentimentos proporcionam. Muitas de nós quer trabalhar na fronteira do pensamento lá onde a dualidade tem possibilidade de dar passagem a composições e não apenas rupturas, alarga-la, dar refúgio às que constroem cotidianamente um farejar pesquisador, como bichos que titubeiam diante do perigo, que não avançam sem antes duvidar, explorar suas próprias incertezas, pois seus corpos importam. As muitas de nós as quais me refiro são as mulheres que estão trabalhando para criar saídas pessoais e coletivas, na universidade e fora dela. Aqui estão as companheiras do grupo de pesquisa PesquisARCOM, as que passaram e as que ainda estão<sup>52</sup>; as mulheres do Movimento Baque Mulher que em cada território do Brasil se desenvolvem e criam laços de fortalecimento pessoal, comunitário, afetivo e político, num grupo com mulheres negras, brancas, mestiças que visam construir um comum a partir de referências afrocentradas. As autoras com as quais venho aprendendo a teorizar o que fazemos e o que pensamos – Glória Anzaldúa (2000; 2005), Grada Kilomba (2015; 2016; 2020), Alejandra Astrid León Cedeño (2020), Marcia Moraes (2010), Donna Haraway (1995; 2015), Maria Puig De La Bella Casa, as feministas descoloniais latino-americanas das quais estou me aproximando recentemente. Estão também mulheres com as quais interajo no cotidiano, ouvindo-as e acompanhando-as nas saídas criativas que vão fazendo para viver e morrer bem nesse mundo, mulheres como minha mãe, minha irmã e amigas de tantos lugares. A cada dia que passa, mais e mais imigrantes chegam ao meu país em condições de refugiados da guerra, do desemprego, da morte. Essas pessoas não carregam suas incertezas por escolhas, é condição de sobrevivência avançar *com* e no incerto. É preciso viajar com as incertezas para deixar um território. E só é possível conhecer a língua que me fala um refugiado se permito alargar os ouvidos, os modos pelos quais nossas escutas são feitas. Viajar até nós mesmas, como você diz, não é ir ao encontro dos exatos momentos em que nos tornamos exiladas, mas ir em direção ao que não está dado à priori, cultivar os encontros do percurso, extrair deles mais consequências, fabricar modos que ajudem outras a contar suas histórias. Penso que só é possível deixar um território, e aqui penso território num

---

<sup>52</sup> Maíra França, Marcia Moraes, Camila Alves, Lucilla Lima, Rafaelle Mello, Analú, Ellen Folly, Angela Carneiro, Luciana Franco e tantas outras.

sentido mais amplo, não como os territórios fixos das verdades pré-estabelecidas, se aprendermos a fazer uma pele de imigrantes, no sentido romântico disso, já que as histórias de imigrações são quase sempre forçadas, impostas e violentas. Sou uma estrangeira dentro da categoria não marcada mulher. Por outro lado, eu sei que sou uma mulher quando sei que a política de austeridade me impede, me bloqueia, me cerceia e diz que meu corpo é violável a qualquer momento, e faz isso primeiro em mim, só depois com meu companheiro. É urgente que muitas de nós possamos atuar em diferentes frentes. Tenho trabalhado na escrita como pesquisadora, investigando modos de cuidarmos umas das outras, uns dos outros, explorando éticas não dadas à priori. Existe uma cientista, branca, do primeiro mundo, ou melhor, do convencional norte dos mapas hegemônicos, que tenta ali, na barriga do monstro das verdades pré-estabelecidas (as chamadas ciências duras), protegidas pela neutralidade, levar adiante os pequenos mundos, os mundos parciais, locais e corporificados, os quais conhecemos desde pequenas. O Nome dela é Donna Haraway. É importante que ela esteja nessa frente, pois posso conectar-me aos seus conceitos para levar adiante os meus, já que, como você mesma disse, as “faladoras de línguas” não possuem o privilégio de pular os obstáculos, o que nos resta é atravessá-los. Somos como os refugiados que assistem, a pé, os privilegiados passarem em carros aos nossos lados. Mas, não preciso ir tão longe. Durante a ocupação, o programa de pós-graduação do qual faço parte, discutia se aprovaria a reserva de vagas para pessoas negras, indígenas, deficientes e trans e travestis. Estudantes negros, em sua maioria mulheres, decidiu marcar, na ocupação, um território ao qual nomearam de ocupação preta. “Aquilombaram-se”, diziam. Precisavam marcar as diferenças para que elas não se apagassem e não se apaziguassem arbitrariamente, escondendo, com isso, as violências direcionadas aos corpos negros. Nós sabemos que o apagamento das diferenças tem relação com a neutralidade. Sabemos que a neutralidade é também um projeto político na ciência, projeto que tem raça, gênero, sexualidade, território e sempre com muitos argumentos para silenciar as pessoas “faladoras de línguas” quando é conveniente que se faça isso. O grupo de jovens negros, “aquilombados” na ocupação passou a participar das discussões sobre a reserva de vagas. O que se passava naquela sala, onde nos reunimos pelo menos um dia da semana durante os mais de trinta dias de ocupação, não era óbvio. Havia uma tensão acerca do entendimento do quão importante era marcar as diferenças entre os pontos de partida para a chegada na universidade. Ninguém se refugia da mesma forma e são os relevos das marcas de nossos corpos que enunciam nossas histórias e pertencimentos e nos coloca cada qual em seu devido lugar de partida. O que estava em jogo era o atravessamento dos muros visíveis e invisíveis a partir de uma reserva de vagas, das cotas. Mas, era também uma disputa de

narrativas. Quem fala por quem? Uma pichação, no muro da universidade, que podia ser vista do prédio em que discutíamos as cotas, dizia que “também queremos falar sobre nós por nós”.

Penso, sim, talvez se formos à universidade. Talvez se nos tornarmos mulheres-homens ou tão classe média quanto pudermos. Talvez se deixarmos de amar as mulheres sejamos dignas de ter alguma coisa para dizer que valha a pena. Nos convencem que devemos cultivar a arte pela arte. Reverenciarmos o touro sagrado, a forma. Colocarmos molduras e metamolduras ao redor dos escritos. Nos mantermos distantes para ganhar o cobiçado título de “escritora literária” ou “escritora profissional”. Acima de tudo, não sermos simples, diretas ou rápidas (ANZALDÚA, 2000, p. 230)

Sim, talvez se formos à universidade podemos ser muitas mais faladoras de línguas e lutadoras de dentro das barrigas dos monstros. Talvez se formos à universidade podemos aumentar o número daquelas que não desejam sair de suas peles e podemos refugiarmo-nos umas nas outras, sobreviver.

Aprovamos a reserva de vagas, mas fomos vencidas pela PEC 241. Então, como mulher, a mulher que a austeridade diz que sou, preciso me juntar às outras refugiadas para sobreviver e levar minha pesquisa na universidade adiante. Por isso, ocupar as epistemologias feministas é um modo de não fingir sair de minha pele. É levar a sério o que se passa entre minha pele e a pele do outro, é ainda extrair cada vez mais consequências da afirmação feminista de que “o pessoal é político”. Como você disse, não nos resta outra opção que não seja atravessar os obstáculos.

Foram as feministas que um dia marcaram a posição de que “o pessoal é político”, apontando, com isso, os efeitos do paradigma da neutralidade sobre seus corpos e possibilidades. À neutralidade cabe questionar: Quem se responsabiliza por seus efeitos? O pessoal, o científico e o político, juntos, mesmo com a insistência da neutralidade em separá-los, produzem efeitos conjuntos. No entanto, as passagens de um processo a outro não são óbvias, é preciso localizar as conexões, evidenciar os elementos que as compõem, marcando as categorias com as quais fazem sentido que se relacionem. É um trabalho a ser feito nas passagens, lançando mão do maior número de descrições possíveis entre o que se passa entre uma coisa e outra. São nestas passagens que se localiza o minucioso trabalho de tecer conexões, de relacioná-las e descrever como isso acontece, acompanhando seus efeitos. São nelas em que é possível enunciar, conforme coloca Donna Haraway,

a perspectiva daqueles pontos de vista, que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometam alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de

dominação. De tal ponto de vista, a categoria não marcada realmente desapareceria (HARAWAY, 1995, s.p.)

As feministas, desde o séc. XX, trabalham nas passagens, colocam no público a responsabilidade sobre os assuntos privados que violentam, aprisionam, submetem, “podam” e agridem mulheres e seus mundos - modos de viver e relações de pertencimento. Denunciam, com isso, a impossibilidade da neutralidade quando o assunto é o impedimento da vida. O minucioso trabalho de relacionar o “pessoal e o político” foi, um dia, e ainda o é, o trabalho de nos mantermos vivas. Da mesma forma é o trabalho de se produzir categorias marcadas, inclusive, conforme apontou Despret e Stengers, em “As fazedoras de história”, produzir um entendimento de “nós” (como quando se diz “nós mulheres”, ou seja, em nome de) que seja marcado. Não é o “Nós” da neutralidade conveniente e sim o “nós” da política inconveniente, aquela que desorganiza mundos organizados em eixos de dominação. Estes assuntos passam, inevitavelmente, pela ciência e suas responsabilidades em produzir significados sobre corpos e interações.

Estou com elas nessa trajetória do marcado e sigo com Donna Haraway tornando densas as histórias que marcam como a história da ciência moderna é uma história com data, território, gênero, raça, sexualidade e política. Não para negá-la em sua totalidade (embora isso seja inevitável em alguns casos), mas para perfurá-la, para encontrar espaço para a diferença nos caminhos do pensamento, na elaboração de problemas de pesquisa, nas resoluções e nos resultados (sempre provisórios). Não há uma única história da ciência, e sim jogos de poder que conferem a uns a possibilidade de fazer proliferar suas narrativas sobre corpos, objetos, processos e significados. A neutralidade é uma categoria marcada, ou seja, teve sua genealogia, suas condições de possibilidade de existir dentro de um certo tempo histórico e tem, no contemporâneo, suas condições de permanência também. São estas condições que, mantidas agregadas, fazem com que a perspectiva da neutralidade continue como uma perspectiva dominante. A neutralidade é frágil, mas bem protegida por quem se beneficia dela, por isso ela é um processo marcado por conveniências negociadas e produzidas no político. A discussão sobre os pontos de partida durante a aprovação das reservas de vagas passa por essa dimensão das categorias não marcadas.

Portanto, se não há neutralidade, o que existe são conhecimentos marcados. Mas, o que são marcas? Como enunciá-las? Como fazê-las narrar? Como movê-las? Como marcar a escrita com as marcas?

Foi o encontro com a escritora Glória Anzaldúa Mas também se relaciona com a inquietação acerca “dos pertencimentos” aos quais me referi no início dessa escrita. Entre as pesquisas teóricas que fiz na época encontrei o livro “Feminismo, Cultura y Política: Prácticas irreverentes” (2016), organizado por Mónica Cejas, ressonâncias com as pesquisas que desenvolvemos no grupo de pesquisa PesquisarCOM<sup>53</sup> (PPGpsi/UFF) acerca dos modos feministas de produzir pesquisa e as interferências desses modos na criação de distintas políticas de narratividade. O livro traz uma série de artigos nos quais pesquisadoras produzem conhecimentos situados em experiências corporificadas, marcadas, limitadas, traduzindo-as e recriando-as em escritas inventivas que evidenciam diferentes formas de interferir na cultura e em relações de poder e dominação <sup>54</sup>. Relações estas que em muitos casos se configuram como situações de violência e violência epistêmica. Conforme Cejas (2016),

El libro que presentamos es, entonces, una compleja trama sobre la cul-tura como poder y el poder como cultura, tejida como las feministas solemos hacer, en colectivo, desde lo personal que deviene político, desde mujeres y prácticas irreverentes que desafían el orden instituido, desde múltiples distancias y contextos reunidos en nuestro pensamiento. (p.10).

Chego a este livro porque estava em busca de produções textualmente inspiradoras para pensarmos políticas narrativas de percursos de formação e pesquisa que se dão de forma complexa, transdisciplinar e com vistas a construção de “*outros mundos possíveis*” através de práticas descoloniais do pensamento. Nas pegadas dos feminismos descoloniais fui encontrando e reencontrando pistas vindas de escritoras, ativistas e pesquisadoras que estão vasculhando e criando saberes a partir de outros *centros* – américa latina, áfrica, índia. Encontros com a Burquina Sobonfu Somé (2007), em “O espírito da intimidade”, com a Nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (1997), em “A invenção da mulher” e a afrodominicana Oschy Curiel (2017) a partir de vídeos e entrevistas. Encontros com o feminismo comunitário antipatriarcal boliviano e também com o feminismo cigano. Encontros que estão me trazendo de “volta ao Brasil”, no sentido de compreender, a partir de uma “plurirreferência”, as consequências específicas que o racismo, patriarcado e colonialismo imprimem na formação de nossas histórias brasileiras e latino-americanas. Uschi Curiel (2017) e outras feministas descoloniais<sup>55</sup> enfatizam que o descolonial é mais um processo vivo que uma teoria fechada

---

<sup>53</sup> Grupo de Pesquisa PPGP/UFF coordenado pela professora Marcia Moraes.

<sup>54</sup> Nele as autoras conectam o grafite, a “escrita de recados”, experiências de mulheres roqueiras e suas resistências, as irreverências dos feminismos no México, criam a noção de *Corpa*.

<sup>55</sup> Como as pesquisadoras feministas do grupo que se denominou Red de Feminismos Descoloniales, que teve início em 2008 no México

ou escola de pensamento; é um saber que está sendo feito em muitos lugares e por muitas vozes”.

Uma posição decolonial implica, como um desengancho epistemológico, pensar esses conhecimentos que não são validados e que são cotidianos. Nós, feministas decoloniais, os legitimamos como possibilidade. E não são só categorias, mas cosmovisões. Eu creio, por exemplo, que o Bem-Viver, assim como uma proposta dos indígenas da América Latina e do Caribe, de Abya Yala, espero que não se institucionalizem. Porque o Bem-Viver é uma proposta ética de vida outra que não tem a ver com satisfações de necessidades capitalistas individuais, senão com outras maneiras de se relacionar ou com a natureza, ou entre nós mesmas e nós mesmos (CURIEL apud TEIXEIRA, SILVA; FIGUEIREDO, 2017, p. 118)

Pensar e agir decolonialmente implica transformar realidades de opressão, ou seja, implica em práticas antirracistas, anticapitalistas, não heteronormativas, não capacitistas e em produções de conhecimento coerentes a essas práticas (CURIEL, 2017).

### **Cartografia pessoal-política da marca “ocupação”**

Conforme disse Donna Haraway (2018), “nada vem sem o seu mundo”<sup>56</sup>. No meu mundo, cada uma das *ocupações* inscritas em meu corpo tiveram suas memórias provocadas naqueles dias da *ocupa UFF*. Na medida em que me envolvia e agia, outras memórias pediam passagem nas sensibilidades das quais lançava mão para compor com a ocupação. Marcas-ocupa que aparecem aqui abrindo “chão” de memórias formativas em psicologia, psicologia comunitária do cotidiano e no sangue (corpo) que circula na política narrativa que venho fazendo aqui. Elas estão aqui porque são marcas que afirmam uma psicologia feita e sentipensada nas encruzilhadas do cotidiano e que solicitam suas próprias maneiras de narrar.

### **3.4 “Ocupa y Okupa”**

Quando criança aprendi que ocupar e invadir eram palavras diferentes. Meus pais eram militantes, apoiavam o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que ocupavam terras devolutas e/ou improdutivas para reivindicar a reforma agrária. No entanto, quando os

---

<sup>56</sup> Podemos encontrar referência a esta frase da autora em: HARAWAY, Donna J.; GOODEVE, Thyrza Nichols. Nothing Comes Without Its World: Donna J. Haraway in Conversation with Thyrza Nichols Goodeve 20th Anniversary of Modest\_Witness 1. In: Modest\_Witness@ Second\_Millennium. FemaleMan@\_Meets\_OncoMouseTM. Routledge, 2018. p. xiii-xlvi.

telejornais, jornais impressos e revistas noticiavam esses feitos, utilizavam a palavra invadir em vez de ocupar. Isso era motivo de indignação e meus pais, em revolta, diziam, “não é invasão, é ocupação”. Era essa frase que eu escutava. Afirmar a ideia de ocupação, para esse movimento, era disputar o sentido da ação que realizavam ao mesmo tempo em que evidenciavam seus lugares de produção de vida, como agricultores, trabalhadores da terra, do campo, afirmando com isso a vontade de permanecerem como camponeses. Dessa forma, ocupar era retomar o trabalho, a ação, a vida como verbo viver e viver em um lugar. Então, ocupação, para mim, veio primeiro como o nome que se dava a uma luta e a uma luta pela terra.

Muitos anos depois, no curso de psicologia da UEL, conheci outra ideia de ocupação com o movimento estudantil, a ocupação da reitoria da universidade. A reivindicação era majoritariamente a garantia de acesso e permanência dos estudantes na universidade através do aumento de vagas na moradia e da concessão de bolsas, além das clássicas reivindicações que acompanham as lutas contra o sucateamento. Em 2005, depois de uma série de mobilizações, a UEL implementou a política de cotas para estudantes de escolas públicas e negros. Foi depois de 2005 que vi as ocupações aumentarem na universidade, ocupava-se a reitoria, ocupava-se o DCE (diretório central dos estudantes). A mesma indignação dos meus pais com o modo como a grande mídia noticiava as ocupações se repetia e dizíamos, “não é invasão, é ocupação”. Nessa época eu já entendia o que eram direitos sociais e que esses direitos haviam sido conquistados e deveriam ser garantidos. Entendia mais ainda porque era ocupação e não invasão, pois dessa vez eu estava presente de outra forma, não apenas como a criança que escutava os pais. Cursei psicologia entre e *com* ocupações e mobilizações estudantis. Destaco o *com* para expressar o modo como minha formação foi *composta* por essas ações. Entre ocupações, um grupo de estudantes dos quais eu fazia parte, decidiu ocupar o centro acadêmico de psicologia (C.A.) com uma metodologia horizontalizada, ou seja, diferente do modelo presidencialista que até então vigorava através do regimento do C.A. A mudança do modelo de gestão foi atravessada por diferentes inquietações e nos perguntávamos como seria garantir a participação dos estudantes nesse modelo e sobre qual seria o entendimento de autogestão que levaríamos adiante. Estávamos preocupados com uma certa objetividade do processo, o que não se deu dessa forma. A verdade era que o dilema da participação já estava colocado há alguns anos, uma vez que as atividades do C.A eram geridas por quem ali se fizesse presente, ora como um grupo mais coeso, ora de modo transitório, com participações mais pontuais e não por isso menos importante. Nesse período, nos aproximamos de Alejandra, professora que acabava de ingressar no curso de psicologia e

havia produzido um *Guia Múltiplo da Autogestão*<sup>57</sup> em sua pesquisa de mestrado. A convidamos para uma roda de conversa no C.A sobre práticas de autogestão e estendemos o convite a outros C.A's que experimentavam processo semelhante ao nosso. Dessa conversa vieram muitas outras e Alejandra, sempre presente, nos trazia novas histórias de auto-organização, entre elas, a das *Okupas* em Barcelona, especificamente a do Centro Social Okupado Les Naus<sup>58</sup>, onde ela morou por um tempo durante a pesquisa de doutorado. As *okupas* de Barcelona surgiram nos anos 80, inspiradas pelos *Squatters*<sup>59</sup> ingleses. A ocupa com K, *Okupa*, foi o modo como em espanhol traduziu-se as ocupações que aconteciam inspiradas nos squatts, já que ocupações de prédios e moradias abandonados aconteciam a muito tempo na Espanha, mas não com a dimensão política específica dessas novas Okupas.

A palavra “okupação”, usada pelo Movimento Okupa no Estado Espanhol, se refere à ocupação de um espaço para morar e/ou fazer atividades coletivas, sem pedir autorização ao proprietário formal e sem pagar aluguel. Okupar com k se refere a que é um direito das pessoas apropriarmos-nos de algo que foi nosso, mas que nos tiraram. A okupação é uma proposta contra-hegemônica de vida coletiva e não é uma invasão da propriedade alheia, que é o que o status quo diz, as leis seguem, a mídia espalha, a polícia reprime e as pessoas performam, dando-lhe vida na ação cotidiana. Daí o lema “Okupa e resiste” (LEON CEDEÑO, 2006, p.13)

Entre autogestão, okupas e centros acadêmicos, as atividades que realizávamos no C.A foram aumentando e o curso de psicologia da UEL ganhou uma certa agitação. Participávamos intensamente das discussões que envolviam a proposta de mudança curricular do curso; nos reuníamos no C.A para estudar e entender as diretrizes da ABEP<sup>60</sup>; sonhávamos com novos temas na formação, imaginávamos psicologias, os lugares onde poderíamos atuar; ao mesmo tempo em que limpávamos, pintávamos e decorávamos o C.A., organizávamos saraus, o psicoarte<sup>61</sup> e retomávamos o jornal dos estudantes e a semana acadêmica de psicologia. A realização da semana acadêmica<sup>62</sup> nos uniu ainda mais e experimentamos com intensidade a função de articuladores: mobilizar os estudantes, conversar com professores,

<sup>57</sup> LEÓN CEDEÑO, A: Guia múltiplo da autogestão. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 1999.

<sup>58</sup> Para conhecer melhor as práticas políticas da Les Naus, acesse: <http://sindominio.net/lesnaus/>

<sup>59</sup> O termo, em inglês, denomina a prática anarquista de grupos que ocupam edifícios ou moradias abandonadas e a marcam como política; como uma proposta contínua de engajamento em modos de relações comunitárias de autoajuda e em contraposição à especulação imobiliária.

<sup>60</sup> Associação brasileira de ensino em psicologia. As diretrizes são de 2004 e estão disponíveis em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08_04.pdf)

<sup>61</sup> Mostra e festa cultural organizada historicamente pelo C.A de psicologia da UEL, em que os estudantes poderiam se apresentar com performances, danças, poesias, música e etc.

<sup>62</sup> A primeira semana foi realizada em 2007 e o tema era “Psicologia pra que? Pra quem?”

participar de reunião dos departamentos, discutir os temas, pedir apoio ao Conselho Regional de Psicologia, negociar no colegiado para que o curso parasse e se envolvesse na semana a fim de proporcionar o maior número de participantes e trocas, conversar na PROEX (Pró-reitoria de extensão) e entender os meandros e burocracias de se organizar um evento na universidade, conhecer o almoxarifado, a divisão de som, os servidores e técnicos responsáveis por coisas que necessitávamos (pessoas fundamentais no cotidiano da universidade), ensaiar a escrita dos convites para os palestrantes e assinar os e-mails como “centro acadêmico de psicologia” (o que fazia com que nos sentíssemos importantes e responsáveis), articular apoio fora da universidade para confecção de faixas de divulgação no campus, já que isso a UEL não oferecia, ir na secretaria reservar as salas e nos tornarmos conhecidos dos secretários dos centros e departamentos, do segurança do prédio e do pessoal da limpeza, dividindo cafézinhos e aprendendo a construir parcerias. Fazer milagres com o pouco de dinheiro que tínhamos e organizar os convidados de outras cidades de acordo com a aproximação de Londrina, já que o dinheiro não permitia que voássemos muito longe. Dessa forma, fomos conhecendo e aproximando-nos de práticas em psicologia que estavam fora de nosso cotidiano formal de formação ou que eram pouco trabalhados, entre os quais o trabalho de uma psicóloga com os índios kaingang<sup>63</sup>, a psicologia no contexto penitenciário, psicologia e população LGBT, psicologia comunitária, gênero e sexualidades, a concepção de subjetividade em Deleuze & Guattari, cinema e psicologia, saúde mental e luta antimanicomial, políticas públicas em saúde e assistência social, direitos humanos, psicologia e cotidiano, metodologias de pesquisa, corpo, dança, teatro e etc.

Da experiência dessa semana vieram outras semanas e também o EREP Sul (Encontro Regional dos Estudantes de Psicologia da Região Sul), que realizamos em Londrina no ano de 2009. No Erep de 2008, em Passo Fundo-RS, nos candidatamos para ser sede em 2009, efeito de todos esses anos de mobilização estudantil em psicologia em Londrina, o que nos deu confiança e vontade de levar aquela experiência ao nosso curso e à nossa cidade. Entre diferentes processos de organização envolvidos na realização do EREP, parte deles são os encontros do COREP<sup>64</sup> Sul (na época a letra C significava Coletivo e não Conselho, porque afirmava a política de horizontalidade e experimentação que guiava aquele grupo naquele momento). O último dos Coreps, antes do EREP, foi realizando em Londrina, no apartamento em que morei com mais dois amigos, o Herbert e a Marcia, ambos da psicologia e

---

<sup>63</sup> Psic. Carla Pagnossim

<sup>64</sup> Coletivo Regional dos Estudantes de Psicologia da Região Sul. Os encontros aconteciam mais ou menos de 2 em 2 meses em diferentes cidades da região e eram momentos de partilhas e criações que envolviam o EREP.

participantes de todos esses processos que estou contando aqui. Era inverno e o frio não nos deu trégua. As pessoas foram chegando e a ansiedade em conhecer as pessoas com quem nos comunicávamos somente por e-mail era grande. O “apê” ficou pequeno. Colchões espalhados, sotaques do Sul também, chimarrão, malabares, pandeiros, papéis, cartolinas, canetas, cobertores, gatos, violão e toda uma intensa programação que visava acertar os últimos detalhes do EREP. Demoradas trocas para pensar cada frase que nomearia os espaços do evento, longas problematizações políticas que se revezavam com piadas, música tocada, caldos quentes, abraços, beijos e lambidas<sup>65</sup>. Tudo aquecia, nada esfriava. De repente uma poesia emergia das conversas ao mesmo tempo em que alguém imaginava uma nova abordagem psicológica. Na cozinha, a feitura de um chimarrão se transformava em oficina e acompanhávamos atentos os passos que, segundo o oficineiro do momento, garantem um bom chimarrão. Na sala, uma oficina de malabares que produziu trocas de experiências de estágio em psicologia com práticas circenses em passo fundo. Foram três dias em que a FOLIA<sup>66</sup> pode finalmente se reunir em corpos, toques, falas, cheiros, calores, olhares, abraços, sorrisos, sonolências e cheiros. Presença. O “apê” foi ocupado e nossas atividades foram geridas coletivamente. O Corep auto-geriu nossa casa por esses dias. Vassouras, panos de chão, louça, café da manhã, limpeza do banheiro, tudo era dividido. O Corep foi realizado em nossa casa porque muitos dos encontros de organização do Erep foram feitos ali. Não percebemos, mas o apartamento foi ganhando nessa trajetória um nome, o “Apê Okupa”.

### 3.5 “Ocupar e resistir”

Segundo semestre de 2015. Aos poucos começou a surgir em minha timeline do facebook notícias sobre estudantes secundaristas de São Paulo que ocupavam suas escolas como forma de resistir à reorganização escolar proposta pelo governador Geraldo Alckmin. Foi através dessa rede social que comecei a acompanhar essas ocupações, pois na medida em que ocupavam abriam uma página no facebook, em que postavam imagens e vídeos curtos sobre os motivos da ação e o cotidiano das atividades dentro da escola ocupada. “Escola ocupada”, diziam as faixas em frente as escolas. Ocupavam e marcavam a ação com a faixa, localizavam naquelas palavras uma ação. “Escola ocupada”. No entanto, não bastava ocupar, era preciso resistir. As imagens e vídeos mostravam os modos como resistiam, dentre os quais estava a organização de um calendário de atividades de aula, convidando pessoas a doarem

---

<sup>65</sup> As lambidas eram a assinatura do corep nos e-mails, tanto em corpo como em escrita.

<sup>66</sup> Frente de organização livre independente e artística

aulas para a ocupação. Não demorou e apareceram diferentes voluntários. Professores, estudantes universitários, participantes de movimentos sociais, vizinhos, pais, ofereciam aulas e oficinas com temas diversos, mas temas que viabilizavam na ocupação uma potência para resistir, para sustentar, fortalecer e inspirar o que faziam.

As ocupações pareciam se proliferar por contágio e não demorou para que grupos organizassem uma espécie de “manual para ocupar sua escola”<sup>67</sup>, compartilhado através do facebook.

Uma cartilha que ensina o passo a passo de como ocupar uma escola está sendo compartilhada nas redes sociais por apoiadores das ocupações de instituições de ensino estaduais em protesto a "reorganização" e fechamento de unidades em todo o Estado de São Paulo, anunciados pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB). A apostila começa ensinando que o primeiro passo é ter um plano de ação e, posteriormente, a criação de comissões que cuidarão de comida, limpeza, segurança e até comunicação com a imprensa (trecho extraído de matéria publicada no portal de notícias R7, 2015)<sup>68</sup>

Dessa forma, um novo verbo passou a integrar o “ocupar e resistir”, o verbo Comunicar.

### 3.6 Ocupa e Comunica

Os estudantes das escolas ocupadas comunicavam-se principalmente por meio da internet, em especial por sites que hospedam vídeos (vimeo e youtube) e redes sociais (facebook, twitter, etc). Foi a internet que me lançou em textos, vídeos e imagens que mostravam as versões dos próprios ocupantes. Isso tem uma importância porque a questão sobre os modos pelos quais a chamada “grande mídia” produz informação é há muito tempo questionada e combatida por diferentes movimentos sociais. A antiga disputa desigual de sentidos novamente se atualizava. Ocupação ou invasão? Ocupação, diziam os estudantes, marcando seus lugares na construção das políticas de educação. Ao ocuparem, apropriavam-se das narrativas que desejavam espalhar e com isso evidenciavam que a luta por educação é

---

<sup>67</sup> Na internet existem diferentes artigos e manuais sobre como ocupar uma escola. Alguns, mais conhecidos, foram produzidos por estudantes chilenos e argentinos, oriundos dos movimentos estudantis autônomos desse início de séc. XXI, com destaque para os movimentos dos estudantes chilenos em 2006, que ficou conhecido informalmente como a “Revolução dos pinguins”, cujas consequências geraram um novo pacto educacional no país. O filme - documentário, “ A rebelião dos pinguins”, conta essa história.

<sup>68</sup> Cartilha que ensina como ocupar uma escola circula nas redes sociais, 2015. Acesso em 18/01/2016.

Disponível em: <http://noticias.r7.com/educacao/cartilha-que-ensina-como-ocupar-uma-escola-circula-nas-redes-sociais-12112015>

também uma luta por outra forma de se comunicar. O que se espera é que os meios de comunicação mostrem mais versões sobre o que ocorre, diversifique as narrativas, os enquadramentos, os modelos de entrevista, ou seja, que os dispositivos envolvidos na produção da informação disseminada por um veículo de grande alcance, tenha no mínimo uma participação de narrativas divergentes com igualdade de tempo de aparição. Passos de um percurso democrático em comunicação. Contudo, caminhos a passos curtos.

Essa distância explica porque as mídias virtuais<sup>69</sup> são usadas como ferramentas comunicativas dos movimentos e coletivos sociais que não se veem repercutidos, já que não vislumbram da possibilidade de terem suas versões proliferadas. Parafraseando Donna Haraway, quando ela se refere à objetividade científica hegemônica através da metáfora do “Olho divino”, seria dizer, “aquele que tudo vê desde lugar nenhum”, a grande mídia é a mídia que diz “tudo ver desde lugar nenhum”. Isso me faz recordar o “perigo da história única”, título que Chimamanda Adichie deu à sua fala quando participou do TEDx. A história única é a versão com função de hegemonizar, apagar as outras, a versão que não nos proporciona a oportunidade da dúvida, do pensamento, da problematização, da experiência, é a versão que põe um ponto final arbitrário, como se nos dissessem “é isso e ponto final”. É uma forma de censurar também.

### **3.7 Ocupa IEPIC (Niterói-RJ)**

No ano seguinte, em 2016, não muito tempo depois das escolas de São Paulo serem ocupadas, as ocupações contagiaram os estudantes do Rio de Janeiro, chegando em Niterói, naquele que foi primeiro colégio da cidade (dado histórico que conheci nessa ocasião), o IEPIC (Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho). Novamente, através da internet, passei a acompanhar o “Ocupa Iepic” por meio de postagens no Facebook feitas por colegas da UFF (Universidade Federal Fluminense), que se articulavam para entrar nas redes de solidariedade que se teciam, oferecendo as mais diversas oficinas<sup>70</sup>. Contagiada por essas redes, comecei um movimento para chegar até a escola. Escrevi uma mensagem pelo

---

<sup>69</sup> Destaco as mídias virtuais porque estou contando de um fenômeno recente e no qual elas se destacam, ganham uma certa centralidade. No entanto, a criação de jornais, revistas, zines, rádios, tvs e etc, feitos por movimentos e coletivos sociais como ferramentas de uma comunicação popular, comunitária e alternativa existe

<sup>70</sup> Entre elas, a oficina de pão, oferecida pelo colega de pesquisa em psicologia da UFF, Daniel Marimondo.

Facebook, me apresentei e perguntei quais caminhos eu deveria fazer junto a eles para propor uma oficina de dança do ventre. A resposta veio dois dias depois.

“Olá, professora, aceitamos todos os tipos de doações, tanto de aula como de alimentos, se a senhora tiver como vir aqui na escola para conversarmos sobre as atividades...”<sup>71</sup>

Segui as recomendações e fui até a escola participar de uma atividade sobre juventude e movimentos sociais na América Latina. No caminho, encontro dois rapazes, estudantes da UFF, de história e psicologia, igualmente a caminho da escola. Pergunto se estou perto do colégio e eles dizem que sim, e seguimos juntos. Na portaria, os estudantes da UFF eram familiares, já eu precisei dar alguma explicação. “Eu fiz contato com vocês pelo facebook e vim participar de uma roda de conversa que vai acontecer agora às 18h”, disse. “Tudo bem, a atividade é aberta, pode entrar”, responde um garoto, me ajudando a guardar a bicicleta. Observo um grupo próximo a portaria jogando xadrez e pergunto sobre a atividade. “Vai ser na sala Griot”. Havia uma certa tensão entre eles, pois a SEDUCC acabava de ser ocupada pelos secundaristas do Rio e circulavam boatos de forte repressão policial. Chego em uma sala com paredes pintadas de desenhos que me remetem à África, com esteiras de palha no chão, poucas cadeiras ao redor. Entendo que a prioridade é ocupar o espaço nos sentando nas esteiras. Na sala haviam 3 pessoas, dois estudantes e uma moça, que logo percebo partilhar da mesma geração que a minha, dos trinta e poucos anos. Nos olhamos com alguma cumplicidade, nos aproximamos e começamos a conversar. Ela também estava ali pela primeira vez e era ela a propositora da roda de conversa. Fomos até a cozinha para beber água e lá encontramos um grupo de estudantes que começava a organizar o jantar, acompanhados de uma senhora que logo veio conversar com a gente. A senhora era vizinha da escola e tão logo soube da ocupação tratou de ir oferecer apoio. Era psicóloga, formada na UFF e, contadora de histórias, falava sobre a violência do Regime Militar, recordando suas experiências como estudante naquele período. A iminência do golpe jurídico-midiático-parlamentar nos rondava e as conversas eram atravessadas por isso. Seguimos pra sala Griot. Pergunto a um dos estudantes porque o nome da sala é esse e ele responde: “É a sala do

---

<sup>71</sup> Resposta enviada através do perfil na rede social Facebook, “IEPIC em Luta”.

PIBID”<sup>72</sup>. Imagino que a sala seja consequência de atividades referentes a aplicação da Lei 10.639/03<sup>73</sup>, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileiras.

Nos sentamos em roda e aos poucos os estudantes começam a chegar. A moça propositora da roda de conversa era estudante de doutorado na UFF, em antropologia. Os movimentos de juventude na América latina compunham o percurso de sua pesquisa. Compartilhou experiências de diversos países ao mesmo tempo em que entrelaçávamos sua fala com nossas narrativas. Os estudantes contavam como era estar na escola de um outro modo (o modo “ocupação), em outras posições, o que aprendiam, as dificuldades, as articulações, o preconceito, os julgamentos, como começavam a imaginar uma escola em que pudessem ser mais atuantes e levados em conta. A moça, eu, a senhora, os estudantes, diferentes tempos que se misturavam naquelas narrativas, ao mesmo tempo em que um mesmo tempo era compartilhado – a ocupação, a iminência de um golpe e a vontade de interferir nesses processos. A roda terminou e os estudantes foram pra casa da senhora, a vizinha, preparar o jantar, a convite dela, pois o gás havia acabado e somente no dia seguinte conseguiriam resolver isso. Fui embora conversando com a moça e descobrimos juntas que havíamos estado juntas num outro tempo, o dos Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre - RS, nos anos de 2003 e 2005, cujo slogan ainda é “Um outro mundo é possível”<sup>74</sup>.

### **3.8 Ocupa UFF**

Segundo semestre de 2016. O clima de lutas se espalha ainda mais em todo o país. Estudantes secundaristas do estado do Paraná começam a ocupar suas escolas contra o desmonte das políticas educacionais promovidas pelo Governo do Beto Richa (PSDB) e em contraposição à PEC 241, medida colocada em votação por Michel Temer, presidente interino. A medida anunciava um pacote extremo de austeridade por 20 anos, prejudicando, com mais precisão, setores básicos, tais como, educação, saúde e assistência social. Em uma semana mais de 1000 escolas foram ocupadas. Dessa vez, as universidades públicas aderem

---

<sup>72</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). “O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.” (Portal do Ministério da Educação)

<sup>73</sup> Para saber mais acesse: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)

<sup>74</sup> Expressão da luta dos povos zapatistas.

ao movimento de ocupação. A UFF está entre elas. “Ocuparam o serviço social”, me conta um amigo. Começo a acompanhar pela internet. Dias depois o Instituto de ciências humanas e filosofia (ICHF) é ocupado, lugar onde estudo. Recebo o e-mail de uma estudante de psicologia endereçado à Pós-graduação em psicologia, convocando os pós-graduandos a se reunirem para tomarem uma posição diante do ocorrido. Em seguida recebo a convocação do próprio colegiado da Pós para nos reunirmos. Vou pra UFF. Quando chego no ICHF sou tocada por uma nova paisagem. Carteiras em roda no pátio. Cartazes anunciavam os motivos da ocupação. Barreiras nas entradas dos prédios e uma grande circulação de pessoas. Em meio a tantas pessoas, avisto uma roda com rostos conhecidos, era a aula da disciplina “A perspectiva feminista em Donna Haraway”, oferecida pelas professoras Marcia Moraes e Ana Cláudia. Em conversa com os estudantes ocupados, as professoras mantiveram a aula da disciplina, mas com outro viés: compor com a ocupação.

### **3.9 Compor com a ocupação**

“Compor com a ocupação”, foi a frase que mais escutei e repeti durante os quase 30 dias em que participei/compus da/com a ocupação. Essa frase, guarda nela uma série de controvérsias que, a cada dia, passavam a aparecer, portanto, produziam efeitos. Descrever estes processos requer de mim e de quem me lê, uma certa disposição a uma narrativa não linear. Essa não linearidade é o método que lanço mão aqui, no intuito de descrever com maior precisão, um dia-a-dia que me levou de um lado a outro quase que o tempo todo. Seguirei, então, descrevendo esses jogos de lados não lineares, e vou descrevê-los seguindo a forma que fiz desde o início dessa escrita, de uma maneira situada, quer dizer, mediada por experiências localizadas. São essas experiências aqui descritas as minhas mediações.

Nos perguntávamos: “Como vamos compor com a ocupação?” A princípio, o que parecia ser uma simples questão de método, tornou-se uma questão difícil de ética. Essa questão marcava uma diferenciação. Havia um “nós” de um lado, e um “eles” de outro, estudantes de pós-graduação e docentes do programa, e estudantes de graduação, respectivamente. Na primeira reunião da pós com docentes e estudantes, no pátio, ou nos “pilotis”<sup>75</sup>, essa pergunta atravessou a todos. A reunião estava cheia de pessoas e de

---

<sup>75</sup> Fui aprender que aqueles espaços abaixo dos prédios chamavam-se pilotis por conta da ocupação, pois os pilotis tornaram-se um dos principais espaço de convivência.

dúvidas, lembrando que a dúvida que persistia e parecia ganhar sempre mais “massa”, era: Como compor? Nos rodeamos de dúvidas: Do que os estudantes que ocupam precisam? Como serão reorganizadas as aulas e seus assuntos? Como podemos apoiar a ocupação, deslocando com ela, ou seja, nos permitindo afetar e sermos afetados por aquela ação? Palavras como, deslocar, afetar, compor, contagiar, protagonizar, participar, reorganizar, apoiar, ocupar, circularam entre nós por diferentes versões de ética e método. Embora estivéssemos titubeando com a questão do “como ocupar”, já estávamos mais *ocupados* do que poderíamos nos dar conta. O deslocamento já havia começado. Já não estávamos mais dentro da sala, estávamos nos pilotis. Alguns professores já haviam reorganizados os assuntos das aulas entendendo que essas aulas seriam partilhadas por quem passasse por aqueles espaços, fosse uma estudante de filosofia do primeiro semestre, fosse de letras, um professor da graduação de história e uma funcionária da limpeza dos prédios (no feminino, porque a maioria ainda são mulheres). O contágio estava anunciado como potência e o mergulho naquele cotidiano era a condição de existência na universidade naquele momento.

### **3.10 Ocupa e as marcas do *comunitário*: Psicologia comunitária do cotidiano e feminismo comunitário do cotidiano.**

Os princípios teórico-práticos da *psicologia comunitária do cotidiano*<sup>76</sup> atualizaram-se em minhas práticas durante os dias de ocupação. A psicologia comunitária do cotidiano foi uma disciplina<sup>77</sup> criada por Alejandra Astrid León Cedeño no curso de psicologia da UEL a pedido de estudantes que queriam conhecer a psicologia comunitária, desenvolver estágios nessa área e trabalhar em políticas públicas ao se formarem. Embora eu já estivesse formada na época em que essa disciplina foi criada, meu vínculo com a Universidade permanecia por conta da especialização em comunicação popular e comunitária e atuação no programa Universidade Sem Fronteiras (USF/PR) como psicóloga recém formada no projeto “identidades e culturas juvenis: articulando escola e comunidade na busca de transformação social”. Nessa época participei de alguns encontros da disciplina como ouvinte. Mas foram as

<sup>76</sup> LEÓN CEDEÑO, A.A. *Psicología comunitaria de lo cotidiano: arte y acción psicosocial en Londrina (Brasil)*. Ed. Editorial la académica española. Alemanha, 2012.

<sup>77</sup> “La materia optativa Psicología Comunitaria de lo Cotidiano se inició porque en la universidad donde trabajo no existía Psicología Comunitaria en el pensum. Me reúno semanalmente con un colectivo de estudiantes y profesionales que trabajan o hacen sus prácticas en contacto con comunidades o en políticas públicas (Salud, Educación, Asistencia Social, Justicia). A través de la lectura de textos y discusión de experiencias, abordamos críticamente cuestiones contemporáneas sobre la psicología social comunitaria latinoamericana y los dilemas generados día a día en esas acciones” (LEÓN CEDEÑO, 2012, P.7)

vivências com Alejandra na Associação Ciranda da Cultura, nos movimentos estudantis em psicologia, no Universidade Sem Fronteiras, na comunicação comunitária e com os colegas que, como eu, ao se formarem psicólogos foram construir trabalhos de psicologia nas políticas públicas de assistência social, que deram substância a essa formação com a psicologia comunitárias do cotidiano, corporificaram ela, eu diria.

O que é psicologia comunitária do cotidiano? É uma revisão dos princípios teórico-metodológicos da psicologia comunitária, especificamente da sistematização feita por Maritza Montero, a partir do trabalho de Peter Spink. Seria, então, um uso não ortodoxo dos princípios teóricos da psicologia social comunitária (que são união entre teoria e prática, transformação social como meta, poder e controle na comunidade, conscientização, socialização, autogestão e participação) para, como diz no resumo deste trabalho, podermos “ver o cotidiano como uma rede densa e complexa de micro-lugares. Neles adentramo-nos conversando, e é conversando que transcorre nossa vida como psicólogos/as. Por que, então, não conversarmos na rua, na quadra de basquete do bairro, na escola pública, na padaria, na casa dos moradores? (LEÓN ASTRID, 2012)

Os princípios são os seguintes: 1) Centralidade nas relações; 2) A contradição somos nós; 3) Ajudar sem atrapalhar; 4) Considerar os muros invisíveis; 5) Pelo direito à beleza. Alejandra Astrid desenvolve estes princípios colada na ação de psicólogos que foram atuar nas políticas públicas de assistência social em Londrina. Estão corporificados em experiências transdisciplinares nesse contexto, mais horizontais, referenciadas na psicologia comunitária e do cotidiano, e com miradas para a transformação social.

#### *A centralidade nas relações:*

“presupone trabajar de formas horizontales, asumiendo los conflictos y trabajándolos, disfrutando las bellezas del encuentro. No siempre eso es posible, pero muchas veces lo es cuando abrimos el espacio para ello, porque después de todo las políticas públicas somos nosotras, las personas que participamos en ellas” (león CEDEÑO, 2012, p.52)

#### *A contradição somos nós:*

“ayudamos a reproducir las contradicciones sociales, de las más micro a las más terribles. Nosotros/as somos la desigualdad, el consumismo, el machismo, el racismo, tantos otros ismos. Al partir de "nosotros" el problema deja de ser el otro y la acción posible deja de estar dirigida al otro: necesitamos revisarnos y partir de nosotros mismos. Por eso necesitamos tratarnos con compasión, reconociendo nuestros límites y partiendo de que, como dice Blanca “Callén, "donde yo no llego llegan los demás".(ASTRID CEDEÑO, 2012, p.62)

#### *Ajudar sem atrapalhar:*

“este es un principio del método del "trueque constructivo" [...]El trueque constructivo se construye en tres principios: ayudar sin estorbar, trabajar por intercambio y ayudar a fortalecer la red afectiva de los colectivos hasta donde éstos juzguen pertinente. Epistemológicamente, el trueque constructivo es harawayano: responde a que conocemos en el encuentro entre posiciones, trabajando conjuntamente. Ahora bien, en la práctica esto puede implicar formas tan variadas que tal vez sea inútil e incoherente querer esbozar una receta” (ASTRID CEDEÑO, 2012, p.34)

*Considerar os muros invisíveis:*

“necesitamos ver hacia lo cotidiano, porque es en él donde construimos las desigualdades propias de una sociedad de dominación y control” (ASTRID CEDEÑO, 2012, p.57)

*O direito à beleza:*

El contacto con la belleza y, más aún, la producción de belleza en nuestras vidas, nos ayuda a entender cuán potentes somos, y a decirle sí a la vida, y a decirle no a los fantasmas y a los horrores. Eso es visible en las experiencias comunitarias con danza, teatro, música y artes plásticas: es visible el orgullo de una mujer que sufre violencia doméstica -y por momentos se siente una basura- ante la belleza de su propio movimiento; el orgullo que niños y niñas alejadas del derecho a la belleza pueden tener cuando se dan cuenta de su inteligencia, talento y fuerza al estrenar una obra de teatro; o cuando se ven en un cortometraje comunitario y se sienten visibles; o cuando niños y niñas se permiten soñar con un futuro en que puedan ser músicos, actores, bailarines, y tener esas opciones más allá del tráfico de drogas y la limpieza de los hogares o empresas de otros. O cuando una líder comunitaria dice que este espacio de danza le da energía para encarar todos los otros desafíos de la semana. (ASTRID CEDEÑO, 2012, p.60)

Considero os princípios da psicologia comunitária do cotidiano um chão ético no qual pisamos para entrarmos e relações de cuidado, relações de interdependência.

\*\*\*

### **3.11 Ocupar a escrita**

Durante os dias da ocupação estudantil sou interpelada por um acontecimento ao qual dei prolongamento em meu estágio de docência. Fiquei com o problema, como aponta Donna Haraway (2015). Estávamos em uma reunião e conversávamos sobre a experiência de organização, planejamento e criação que a ocupação estava produzindo e sobre como isso poderia ser registrado em escrita. Senti que pensávamos nas pedagogias daqueles dias e de que maneira isso poderia reverberar nos processos formativos curriculares. Foi quando uma estudante se dirigiu a mim e a outra colega de doutorado que também estava presente e disse algo como “vocês poderiam escrever? é que vocês fazem doutorado e devem saber escrever,

já nós, ainda na graduação, não sabemos”. Esse acontecimento encontrou ressonâncias que eu trazia da leitura da carta de Glória Anzaldúa (2020), do encontro com o texto “Enquanto eu escrevo” da Grada Kilomba (2015) e também com as longas conversas sobre escrita no grupo de pesquisa. Me perguntava sobre como poderiam pensar que não conseguissem escrever sobre suas próprias experiências, uma vez que não havia autorização maior para isso que não fosse o mergulho de seus corpos naqueles dias. Pergunta que me acompanhou em diferentes tempos e a escrita desta tese é sem dúvida uma resposta possível. Procurei tirar mais consequências desse acontecimento propondo o estágio de docência no formato de um curso livre ao qual nomeei “Escrever, a que será que se destina?”. Enquanto um curso livre, era aberto para pessoas de diferentes comunidades, acadêmicas ou não. No primeiro encontro fui surpreendida pela quantidade de pessoas interessadas, sendo elas estudantes de graduação, pós-graduação e outras já formadas. Não apareceram pessoas sem relação com o mundo acadêmico. Segue um trecho do texto usado para divulgação:

O intuito é abordar a escrita pelo viés das perspectivas decoloniais e feministas do conhecimento, que marcam a escrita como prática não neutra, política, parcial e localizada. Nesse sentido, iremos partilhar embates encontrados ao escrever e investigá-los como pistas/marcas de possibilidades epistemológicas e não como dificuldades individualizadas. Para isso, vamos seguir as pistas trazidas pela artista, escritora e pesquisadora Grada Kilomba, no trabalho “Enquanto eu escrevo”, pela escritora Glória Anzaldúa em “Falando em línguas: Uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo”, além de outros trabalhos que poderão ser sugeridos por vocês. A proposta é investigar os percursos da palavra que não são dados de maneira óbvia, seria pensarmos a palavra que vai além daquela marcada em uma folha em branco, o que implica trazeremos para o curso a palavra falada, a palavra ouvida, a palavra sentida. (Escrito em 1/05/2017)

O curso seguiu com cerca de 8 a 10 mulheres. Embora tivessem mulheres negras e não brancas, a maioria era branca. Foram 2 meses em que nos encontrávamos às terças-feiras à tarde para sentipensar os efeitos dos textos de Glória Anzaldúa (2020), Grada Kilomba (2015) e também uma entrevista da Conceição Evaristo<sup>78</sup> na qual ela falava sobre sua escrevivência (Evaristo, 2017). O encontro com estas autoras foi abrindo em nós narrativas pessoais e políticas que foram partilhadas através de falas, textos e trabalhos corporais. Na medida do possível, produzi relatos sobre alguns encontros procurando palavar as sensações, já que isso atravessava meus embates com a escrita acadêmica. Não foi datado, mas foi tecido entre os meses de maio e junho de 2017. Decido então, fazer desses escritos uma carta para vocês, leitoras, como forma de costurar com as mãos da escrita os retalhos da experiência desse curso.

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>

### **Com o sangue de quem foram feitas as mãos que aqui escrevem? Uma carta para as leitoras.**

Quero contar-lhes que hoje no curso-livre levei uma proposição de trabalho com o corpo no intuito de provocar uma atenção para as sensorialidades enfraquecidas por conta da hegemonia da visão. É que a visão, na perspectiva de ver com os olhos, pode ser muito perigosa. Por que perigosa? Porque tomamos esse olhar como a única maneira de conhecer. Estou ficando sensível a estas questões por conta das discussões sobre deficiência e capacitismo no grupo de pesquisa. A visão, no sentido de ver com os olhos, é o grande sentido das ciências dominantes e está toda atrelada a metáfora do “olho divino”, proposta por Donna Haraway (1995) para pensar criticamente a ciência que tudo diz e tudo sabe desde um único lugar ou então de lugar nenhum - ciência moderna branca, patriarcal, heterossexual e colonizadora. Começamos a preparar o corpo de um modo livre, cada uma<sup>79</sup> seguindo as próprias pistas e encontrando em nós mesmas os movimentos necessários para movermos. Essa pista eu colhi de uma imersão com o grupo de Contato e Movimento Autêntico que fiz no centro coreográfico com o Guto Macedo<sup>80</sup>. Guardei ela na minha caixinha imaginária de ferramentas metodológicas possíveis para trabalhos com o corpo, com a dança. Mas, preciso voltar para o dia de ontem e dizer-lhes que eu estava com muita dificuldade para elaborar a proposição corporal que gostaria de levar ao curso. Estava desconectada da proposta inicial, sentia como se tivesse perdido o fio ou talvez quisesse controlar algo que não fosse possível. Peguei a caneta e fui escrever no papel. Tenho notado que preciso mesmo escrever com as mãos segurando um lápis ou uma caneta, sentir a sinuosidade dos traços que constroem a minha letra de mão, fazer trabalhar as articulações. Os dedos no teclado do computador estão travando um movimento minucioso que não quero deixar enfraquecer, o movimento de pinça, esse movimento pequeno e preciso que me ajuda no trabalho de esticar e arredondar linhas no papel. É uma espécie de insistência em manter as mãos ágeis e precisas. Precisei refazer o percurso desse curso a partir de perguntas. O que era mesmo que eu queria propor? O que eu queria mesmo mover? Onde desejo interferir? Então relembrei a mim mesma de que gostaria de pensar os embates com a escrita acadêmica fora da alçada da incapacidade e dificuldade

---

<sup>79</sup> Nos dois primeiros encontros do curso haviam dois homens que posteriormente desistiram. A turma seguiu apenas com mulheres, sendo um deles com a presença do namorado de uma das participantes.

<sup>80</sup> Guto Macedo é director teatral, coreógrafo, actor-bailarino, músico, cantor, educador somático e de percepção musical, pesquisador do movimento, pioneiro do ensino de Contacto Improvisação no Brasil.

individual, no entanto, desejava que partíssemos do trabalho “Enquanto eu escrevo”, de Grada Kilomba (2015, e da Carta de Glória Anzaldúa (2020). Grada Kilomba escreve que,

*[Às vezes eu temo escrever.  
A escrita se transforma em medo,  
Para que eu não possa escapar de tantas  
Construções coloniais.  
Nesse mundo,  
Eu sou vista como um corpo que  
Não pode produzir conhecimento,  
Como um corpo fora do lugar.  
Eu sei que, enquanto escrevo,  
Cada palavra escolhida por mim  
Será examinada,  
E, Provavelmente, deslegitimada.  
Então, por que eu escrevo?  
Eu tenho que fazê-lo  
Eu estou incrustada numa história  
De silêncios impostos,  
De vozes torturadas,  
De línguas interrompidas por  
Idiomas forçados e  
Interrompidas falas.  
Estou rodeada por  
Espaços brancos  
Onde, dificilmente, eu posso adentrar e permanecer.  
Então, por que eu escrevo?  
Escrevo, quase como na obrigação,  
Para encontrar a mim mesma.  
Enquanto eu escrevo  
Eu não sou o Outro  
Mas a própria voz  
Não o objeto,  
Mas o sujeito.  
Torno-me aquela que descreve  
E não a que é descrita  
Eu me torno autora,  
E a autoridade  
Em minha própria história  
Eu me torno a oposição absoluta  
Ao que o projeto colonial predeterminou  
Eu retorno a mim mesma  
Eu me torno: existo.  
(Grada Kilomba - **Enquanto eu escrevo** \*)*

Nos dias da ocupação estudantil, em 2016, líamos a carta da Glória Anzaldúa no grupo de pesquisa, “Falando em Línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo”. Como dito e como muitas, me tornei imediatamente destinatária desta carta.

O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar

este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito freqüentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas às outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé ou do Estado. (ANZALDÚA, 2000, p.232)

No entanto, como poderia eu me sentir tão representada naquelas palavras se aquela história não era a minha? Que fio dessa história entrelaçava-se à minha? Seria enquanto mulher? Enquanto mulher do terceiro mundo? Enquanto mulher de cor? Mas, dizer mulher, de cor e do terceiro mundo é o que faz meu pessoal se tornar político?

[...]a descendente de todas estas mulheres das quais não se esperava nada mais do que é solicitado a uma dona de casa, esposa e mãe, e que, surdamente, obstinadamente, beirando o ridículo e de maneira perfeitamente desinteressada, uma vez que elas não poderiam nutrir nenhuma esperança de carreira ou de reconhecimento público, resistiram à objeção adocicada de seu pai "mas querida, não te falta nada...". Estas mulheres que buscaram por todos os meios criar e viver. Se dizer filha destas mães, ou destas tias que ficaram solteiras, é se fabricar uma "memória ancestral" da qual se poderá dizer que ela é fabulada, mas à qual Woolf solicita a força de resistir, de não ceder ao consenso (DESPRET; STENGERS, 2013, p.16)

Volto agora à ocupação. Recordo a reunião com as (os) estudantes e lembro como parecia insuportável a ideia de voltar para “a universidade não ocupada” (e por que?). Quando pedem minha ajuda para escrever, nem poderiam imaginar que eu me perguntava silenciosamente por minhas mãos<sup>81</sup>. Como podem pensar que não sabem escrever sobre a própria experiência? (essa pergunta insiste!). Que muros invisíveis são esses que estão nos corredores dessa universidade que fazem com que fiquemos paradas e confusas diante deles? O que fazem para acreditarmos que não temos palavras e que nossas versões não fazem mundos?

*Meu conhecimento ficava preso nas paredes de uma universidade que subia em seu pedestal e não se conectava com a vida, com o cotidiano. Engordava o lattes e condenava meu corpo a uma audaz desnutrição.*

---

<sup>81</sup> Referência ao conto “donzela sem mãos”, do livro mulheres que correm com os lobos.

Hoje me pergunto a cada escrito:  
 Qual a minha implicação com o que escrevo?  
 Que tipo de processos quero ativar?  
 Que modos de vida eu estou criando com isso que escrevo?”<sup>82</sup>

No conto “a donzela sem mãos”, de Clarissa Pinkola Estés, cujo título é um tanto capacitista, eu diria, a autora faz uma pergunta: - “Qual o pacto infeliz que toda mulher faz com ela mesma?”. Pergunta que me inquieta em dois sentidos. Primeiro porque, embora eu não saiba de qual pacto ela se refere, eu sei. Essa pergunta encontra território em mim. Segundo porque não me furto mais de perguntar: Qual mulher? E isso é sem dúvida efeito dos encontros comigo, com minhas irmãs e autoras cuja vivência é marcada por classe e raça. Como ler Glória Anzaldúa (2000), Grada Kilomba (2015), sem escutar os gritos delas? Sem ouvi-las dizerem um não bem alto aos pactos infelizes do patriarcado, racismo, colonização e sexualidade em suas histórias e refazerem a si mesmas (e as suas irmãs) na escrita, na arte, na política e do conhecimento? Qual é a minha responsabilidade sobre suas histórias? De novo a pergunta *monstro (no sentido de que me mostra os dentes)* da Donna Haraway (1995) paira diante de mim – “Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?” (P.25). Essa pergunta me olha de frente, e na fabulação que faço para pensá-la, esse olhar vem de uma mulher velha, *mestiza*<sup>83</sup>, e ela é brava. Portanto, leitoras, procurei seguir os passos descoloniais e feministas dessas artistas porque suas pegadas juntavam-se as que seguimos e compomos em nossas pesquisas no PesquisarCOM e porque reconheço suas pegadas no corpo-chão de minhas andanças. Não seriam pegadas descoloniais e feministas fazer ciência com cartas, narrativas, metáforas encarnadas em nossas histórias, marcar quem somos, onde estamos e não estamos? Elas, essas escritoras, interferem nos pactos infelizes com as marcas inscritas em seus corpos. Tem mesmo muito sangue banhando as escritas dessas mulheres. É que parece que estou entendendo as vísceras, as tripas na escrita, de um modo diferente do que entendia antes. As tripas não são óbvias e o sangue derramado tem consequências diferentes para todas nós. Dizer tripas e dizer sangue não basta. E porque essa insistência em usar essas imagens – o sangue e as vísceras – para contar uma história? Porque essas figurações se tornam princípios narrativos?

<sup>82</sup> Trecho de um texto publicado no facebook por *Esquizografias*, em 15/05/2017, que foi utilizado para provocar conversas sobre a escrita no “curso livre” oferecido enquanto estágio de docência.

<sup>83</sup> Com a letra Z, para marcar que a mestiza que me interpela está próxima da “consciência da mestiza” de Glória Anzaldúa, com a qual a escrita desta tese está marcada. Portanto, não é com Ç porque não se trata da concepção de mestiçagem do mito da democracia racial brasileira, que apaga o racismo, violência e genocídio que vivem povos negros e indígenas.

Com a memória das minhas intenções recuperadas, consegui escrever um roteiro para me guiar na proposição corporal do dia seguinte. Escrevi para alçar-me na escrita e não mais esquecer dos motivos pelos quais eu estava ali. Me guiei pelo roteiro de uma proposição de escrita feito pela companheira de pesquisa no grupo PesquisarCOM, Marília Silveira (2017), junto com outras pesquisadoras<sup>84</sup>. Essas palavras me deram as mãos.

## **Roteiro**

A proposta que experimentaremos hoje se enlaça nas conversas que estamos fazendo com Glória Anzaldúa (2020), Grada Kilomba (2015), Conceição Evaristo e nós mesmas. Se enlaça no percurso de ativarmos “as escritas de si para fazermos um nós”. Si, porque me escrevo e Nós porque é na direção de alguém que vou com a escrita. Nesse sentido, não há verdade nenhuma a ser buscada ou revelada, menos ainda o certo e o errado. Ao contrário, nós escreveremos para marcarmos nossa diferença e afirmarmos que sim, existimos, e se existimos, nós mesmas somos um lugar. Vamos ao campo de nós mesmas para investigarmos em nossas vivências o que pode ser uma experiência, ou seja, o que é passível de ir em direção ao mundo. Narrar, no sentido de produzir outros olhares sobre a experiência. “O narrar, tanto na proposta da oficina quanto neste texto, pretende produzir outros olhares sobre a experiência vivida” (Marília Silveira, 2017). Como podemos ativar sensorialidades em nossa escrita? Como podemos palavrar o que sentimos, o que vemos, o que ouvimos? Ou então, como contar uma história com uma parte de nosso corpo? Glória e tantas outras, dizem que é preciso escrever com as tripas, com as vísceras, mas, que histórias/experiências ativam nossas vísceras?

- Não esquecer de partilhar com elas as motivações dessa oficina ( a inspiração que veio com o dispositivo da Marília Silveira, por exemplo) porque estou usando essas proposições, de onde elas vieram, quem são minhas interlocutoras e interlocutores nessa ideia de ativação de um estado de atenção corporal.

Vamos ativar o corpo na criação da percepção daquilo que nos acontece. Por que? Resgatar o corpo (é resgatar nossas vivências, as conexões que nos constroem, que nos fazem, nossas andanças, recolher as marcas de novas vivências e dar uma atenção a elas) para narrar histórias (diz a Marília Silveira e suas interlocutoras e parceiras). Porque é no e com o corpo

---

<sup>84</sup> BARBOSA, R. FICK, T., PALOMBINI, A. SILVEIRA, M. Oficinas de Escrita: narração e produção de cuidados no contexto da rede de atenção ao uso prejudicial de drogas. 2017.

que somos afetadas e afetamos aquilo que vivemos. Por onde anda seu corpo? O que esse corpo diz para você? De que modo ele sente? Que sabor tem suas experiências? Elas tem cheiro? Como sua pele percebe esse momento? O que acontece em seu corpo, ou seja, sua pele, seus órgãos e principalmente, sua respiração...como ela está agora? (interlocuções com o contato e movimento autêntico – Guto Almeida)

\*Preparando o corpo, aquietar a visão, dar passagem às outras sensorialidades. Comecem a relaxar os olhos, diminuindo um pouco o uso desse sentido, vamos silenciar um pouco os julgamentos da visão...Quem quiser, pode fechar os olhos...Para dar chance a outras sensorialidades...Comecem a prestar atenção ao que você começa, a sentir agora. Atente-se ao estado do seu corpo. Como você está se sentindo agora? E a sua respiração, como ela está agora? Foque um pouco mais nessa respiração, não force nada, apenas se atente a ela e investigue essas sensações que começam a ser notadas, dê atenção a elas, pesquise, em você mesma. Quais sonoridades você está ouvindo? O que seu corpo começa a pedir que você faça agora?...Você pode fazer...você pode, inclusive, não fazer...você pode... (Pesquise, investigue, explore, são as palavras-chave dessa proposição...). Agora, aproveitando esse estado corporal, essa ativação sutil das sensorialidades, eu proponho que vocês fechem os olhos novamente e imaginem um acontecimento da vida de vocês em que vocês sentiram alguma dificuldade em vivê-lo. Pode ser uma cena no trabalho, uma cena no campo de pesquisa, uma cena qualquer da vida cotidiana. Proponho que vocês escolham um lugar do corpo de vocês ao qual essa cena as remetem. Agora, abrindo os olhos, peço que vocês anotem o nome desse lugar no papel Proposição “Escrever com...” Agora, a proposta é que vocês experimentem narrar essa cena na folha que está já na frente de vocês, mas, narrar com essa parte do corpo, buscando, com ela, provocar o pensamento a buscar palavras para o que essa parte do corpo precisa para contar essa cena. E narrar, no sentido de contar para nós que estamos presentes. Como essa parte do seu corpo narraria essa experiência? Quais são as palavras que essa parte do corpo quer mobilizar? E quais ela gostaria de criar? (coloquem suas tripas no papel, diz Glória Anzaldúa) (escrevivência, a escrita que vem da vivência, diz a Conceição Evaristo) (descolonizar a escrita, diz a Grada Kilomba). Como podemos, nessa narrativa, retomar as provocações dessas escritoras?

\*Segundo preparo do corpo: Preparar o corpo para “deixar ir” a narrativa e para construir um estado de atenção para escutá-la, agora, ser contada por outra pessoa. Ao final dessa escrita, as narrativas serão misturadas e distribuídas aleatoriamente e serão lidas por outra pessoa. A ideia aqui, é fazer passar por entre nós essa vivência solitária, testando e acompanhando os

efeitos de ouvir sua história ser contada por outro corpo, por outro alguém. Depois, vamos conversar sobre como foi escrever e escutar essas narrativas e o que delas não é exclusivamente da pessoa que a viveu.

### **Fim do roteiro**

As escritas que se produziram neste dia foram inspiradoras, fazendo aparecer, enquanto narradores, corpo e sensorialidades. O piscar de olhos que contava a história de um cotidiano vivido em uma instituição pública. O chute no estômago acompanhando uma situação de violência. Uma dor física que não se fazia esquecida durante um atendimento. Infelizmente, nas muitas andanças e mudanças durante a pesquisa, este material se perdeu, portanto, as escritas que menciono aqui ficaram inscritas em minhas memórias.

A partir de agora, leitoras, sigo contando-lhes histórias das comunidades que foram se constituindo nos percursos dessa pesquisa de doutorado e a forma como estou entrelaçando dinâmicas do pessoal e do político para pensar as apostas e a escrita dessa tese.

### **3.12 Tecendo comunidades entre o pessoal e o político**

Desde o obscurantismo e tristeza do Brasil destes e últimos tempos, aprendo a encontrar e a tecer comunidades descolonizantes, movidas pelo verbo *esperançar*. Trilhar na estrada da “*Pedagogia da esperança*” de Paulo Freire (1992), como fizemos nas aulas<sup>85</sup> da professora Luiza Oliveira<sup>86</sup>, tecendo cuidado entre nós (nossas interdependências, fundamento comunitário) a partir da leitura de Freire entrelaçadas às nossas próprias histórias.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é espera. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (FREIRE apud CORTELA, 2005)

---

<sup>85</sup> Disciplina “Práxis e cuidado em Paulo Freire”.

<sup>86</sup> Docente do PPGP/UFF, primeira mulher negra a ser coordenadora do programa de pós-graduação em psicologia da UFF, em co-coordenação com a professora Ana Cláudia Monteiro, mulher branca. As duas fizeram uma gestão importantíssima do ponto de vista histórico do programa, sendo na gestão delas a aprovação e implementação das cotas para estudantes negras, indígenas, deficientes, trans e travestis.

Pedagogia das rodas. Quantas foram as vezes que nos sentamos em roda nos últimos tempos na universidade. Rodas de conversa. Rodas de afeto. Rodas de tensionamento. Rodas de escuta. Rodas de resistências. Rodas.

*Roda mundo, roda-gigante*

*Rodamoinho, roda pião*

*O tempo rodou num instante*

*Nas voltas do meu coração (Roda Viva, Chico Buarque)*

Retomo a provocação de Carlos Marighella (1996) no poema "o rondó da liberdade–*“É preciso não ter medo, é preciso ter a coragem de dizer”*. Para interferir na cultura patriarcal movendo o ventre e construindo maracatu feminista, como fazemos no *viventre*<sup>87</sup> e no grupo de maracatu Baque Mulher<sup>88</sup>, com os quais aprendo a esperar e a ter a coragem de dizer.

Durante a ocupação estudantil de nossa universidade, em 20016, estavam ali, naqueles dias, todas as urgências desses e de outros tempos. Tantos mais do que tive e tenho condições de ouvir e descrever. Mas, havia uma urgência que colocou a pós-graduação em psicologia numa intensa discussão sobre identidade, racismo, lugar de fala (RIBEIRO, Djamilia, 2019) e privilégios. A urgência em se aprovar as cotas como ação afirmativa para pessoas negras, indígenas, deficientes, trans e travestis, principalmente em função do que o cenário político nacional anunciava para não muito longe – austeridade e aumento da repressão. Toda essa discussão revelava ainda mais os muros visíveis e invisíveis. Os muros das questões profundas e estruturais que garantem os privilégios de poder pensar desde dentro de uma Universidade Pública nesse Brasil colonizado e racista. Essa universidade, sem cotas, já não é mais uma universidade possível.

Como viver o fim de uma época de um modo que não seja o do cinismo ou da nostalgia? Como escapar ao "cada um por si" que hoje é regra? Nós que estamos na universidade. Mas o que é este "nós"? E se a possibilidade de não se deixar levar pelo cinismo ou pela nostalgia passasse por aí, pela criação de um "nós" que aprenda a pensar junto sob prova e dar à prova o poder de o situar? Um "nós" que aprenda a "fazer histórias" suscetíveis de transformar em força o que de início é uma desordem pessoal e uma nostalgia lamentosa? (DESPRET; STENGERS, 2003, p.8)

---

<sup>87</sup> Coletivo em que desenvolvemos ferramentas de cuidado a partir de proposições corporais centradas nas danças do ventre.

<sup>88</sup> Grupo de maracatu feminista criado no Recife. No Rio de Janeiro foi fundado há 3 anos.

Esse período foi marcado por uma necessidade de formar grupos, de agir e pensar *com* e na coletividade, aliar-se, fazer rede, construir refúgios, como diz Donna Haraway (2015). Necessidade que foi sendo tecida a partir de vivências coletivas e dos dispositivos que criamos para atuar naquele cenário (rodas de conversas, “*saúde na ocupa*”<sup>89</sup>), consequências dos encontros e conversas entre estudantes de pós-graduação, docentes e estudantes de graduação e da preocupação com o andamento da política nacional no âmbito das políticas públicas e demais direitos sociais conquistados. Passei meses “ocupada” das marcas que foram produzidas neste contexto de ocupação e procurei organizá-las na escrita fazendo uma cartografia dos modos como elas recuperaram memórias e vivências de ocupação que fizeram e fazem parte de meus percursos de formação. Isso me fez retomar aspectos da psicologia comunitária do cotidiano, da comunicação popular e comunitária<sup>90</sup> e pensar a composição de comunidades/coletivos como processos que constroem e nutrem habilidades para agir e reagir em “no *tempos da catástrofe*” (STENGERS, 2015). Foi também no contexto da ocupação que uma experiência vivida com estudantes ocupados me levou a desenvolver o estágio de docência no formato de um curso-livre sobre a escrita acadêmica, propondo uma abordagem pela crítica feminista descolonial de Grada Kilomba, Glória Anzaldúa, Conceição Evaristo tecida junto a proposições corporais, investigando percursos da palavra no corpo e experimentando criar escritas a partir disso<sup>91</sup>. As dinâmicas durante e pós as ocupações, em seus sentidos macro e micropolíticos, impulsionaram a necessidade de estar em bando, de intensificar vivências em coletivo, de diversificar as experiências no sentido de alargar o repertório sensível, criativo e fazer um corpo não paralisável diante das solicitações do presente. Retomo então os trabalhos com a *dimensão política do ventre* (TELES, 2015) e junto com Maíra França, psicóloga, terapeuta corporal, dançarina e parceira de pesquisa no PesquisarCOM, montamos o coletivo *ViVentre* para pesquisarmos, experimentarmos e propormos oficinas com as danças do ventre e outros *entes* visando compor práticas de cuidado de si e de nossas relações cotidianas. Desde então, desenvolvemos oficinas e dançamos em diferentes lugares até o início da pandemia. Acompanhando as dinâmicas pessoais e políticas das propositoras, Maíra e eu, essa proposta experimentou diferentes

---

<sup>89</sup> Falarei do saúde na ocupa mais adiante

<sup>90</sup> Fui membro do projeto de pesquisa “psicologia social e mídias comunitárias na américa latina” e cursei especialização em comunicação popular e comunitária. SILVA, E.T.C. Vozes e ações de mulheres na televisão comunitária Venezuela Catia TVE. Monografia de especialização em comunicação popular e comunitária. UEL, 2012.

<sup>91</sup> Conto sobre essa experiência mais adiante, na parte 3, na discussão sobre escrita e política de narratividade.

formatos, sendo eles por vezes semanais na Casa Tao<sup>92</sup>, por vezes somente com nós duas, por vezes em outra cidade e por vezes em outros espaços. A imagem que me aparece enquanto escrevo é a de uma serpente sinuosa que para mover-se por entre as experiências faz em si um corpo sinuoso, maleável, não linear. Assim, de forma sinuosa e acompanhando nossas intuições, *viventreamos* essas apostas e andanças.

O ViVentre foi se constituindo como um espaço de cuidado e troca de histórias sobre “a mulher” (diversas em termos de raça, classe, gênero, sexualidade e corpo-normatividade) que cada uma de nós vem experimentando ser (e estranhar) e os saberes que vamos constituindo para viver e sobreviver sob os efeitos das normatividades, opressões do patriarcado e exploração capitalista em nossos corpos, criando contra-culturas patriarcais e uma *outra*<sup>93</sup> cultura, movida por uma rede de ações visíveis e invisíveis que vem sendo tecida no cotidiano.

São muitos os movimentos que criamos a partir desses, é claro. No entanto, enquanto corpo-chão, o Viventre tem sua política. Nele estão inseridas as histórias de muitas dançarinas do ventre mulheres que deixaram marcas em nossos corpos. Aqui escrevo em meu nome e também em nosso nome, de Maíra e eu. No meu caso, levo em meus gestos as marcas do método de Rhamza Alli<sup>94</sup>. Foi com ela que aprendi a emprestar o corpo para a outra tocar e sentir os ossos moverem-se junto com a pele. Com quem aprendi a escutar as microtonalidades da música árabe. Ela me deu ferramentas técnicas e sensoriais para “contar histórias com o corpo” (Frase que Daniela Bastos constantemente usa para se referir aos seus trabalhos como dançarina). Também trouxe a disciplina e o rigor do ballet. Me ensinou uma matemática corporal que fui entendendo também como forma de respeitar o caminho do movimento no corpo. São histórias que vamos levando adiante em nossos corpos. No início, Maíra e eu nos juntamos com a finalidade de darmos aulas de danças do ventre e fusões, misturando danças ciganas, indianas e outras. Passamos alguns meses tentando desenvolver nossas aulas seguindo as marcas que trazemos de nossos percursos individuais com essas danças e mantendo ainda um formato de transmissão de técnicas. Na medida em que as aulas foram acontecendo fomos entendendo que não queríamos dar aulas de danças do ventre, mas queríamos criar um espaço de contato com nossas marcas e histórias a partir do trabalho com

---

<sup>92</sup> Centro de terapias e artes orientais localizado em Niterói-RJ e sob coordenação da psicóloga e massoterapeuta Maíra França. A Casa Tao é um espaço de educação, arte, saúde que promove oficinas, cursos e atendimentos terapêuticos e psicológicos

<sup>93</sup> Referência ao “feminismo outro”.

<sup>94</sup> Dançarina, coreógrafa e professora de danças árabes na Escola Rhamza Alli de danças árabes em Londrina, Paraná.

essas danças. Queríamos pensar as práticas de cuidado de nós e de nossas relações cotidianas a partir disso. Primeiro porque nos sentíamos muito vivas depois das aulas. Nos sentíamos bem. Com vontade de criar. Vontade de potência. De dar continuidade artística para a vida. Depois porque queríamos pensar isso junto de nossas pesquisas de mestrado e doutorado. Queríamos enunciar, palavrando esses efeitos junto das psicologias que estamos compondo com nossos trabalhos. Desses efeitos em nossos corpos veio a vontade de colocar esse dispositivo à prova de outras, outres e em vez de aulas, passamos a pensar no formato oficina. Enquanto investigávamos ferramentas para nosso dispositivo recebo o convite para desenvolver um trabalho com a dança junto de um grupo de mulheres em Viçosa, Minas Gerais. Convite feito por uma amiga que já conhecia um pouco das experimentações e narrativas que venho compondo com as danças do ventre ao longo do tempo. Essas oficinas em Viçosa-MG ajudaram a corporificar a nova dinâmica do Viventre que passamos a desenvolver a partir de novembro de 2017 no espaço terapêutico Casa Tao.

### **3.13 Dançando com o Círculo de Mulheres em Viçosa**

Recebo o convite de uma mulher que participava de um grupo ao qual denominam “círculo de mulheres”. Você pode compartilhar com a gente um pouco desse trabalho com a dança do ventre, dar uma oficina pra nós? disse ela. E então elas se juntaram e formaram um grupo de cerca de 16 mulheres (brancas, negras e indígenas) em idades entre 16, 20, 30, 40 e 50 anos. A proposta era experimentar os gestos da dança do ventre para criar estados de atenção ao que se passa em nós enquanto fazemos tremidas, batidas, ondulações, deslocamentos, e que pudéssemos, no final, falar dessas sensações de modo muito livre. Me afetava a ideia de propor com a dança um momento de cuidado de si no coletivo voltado para o movimento, e não para a representação de uma dança de mulheres ou do feminino. Afetação movida pelos encontros com o descolonial<sup>95</sup> nas danças do ventre, que ganhou mais densidade depois que conheci a dissertação<sup>96</sup> de mestrado da Cinthia Nepomuceno (2006), cujo título é “5, 6, 7 e ∞...do oito ao infinito: por uma dança sem ventre, performática, híbrida e impertinente. Sou uma colhedora de gestos e nessas oficinas com a dança costumo embaralhá-los como cartas e vou tirando um a um em conexão com elementos sutis que são movidos pelo encontro. Quero dizer com isso que não há um método fechado a ser aplicado.

---

<sup>95</sup> A história única da Dança do ventre como uma forma de rastrear efeitos da colonialidade.

<sup>96</sup> XAVIER, Cíntia Nepomuceno. ... 5, 6, 7,[infinito]... Do oito ao infinito: por uma dança do ventre, performática, híbrida, impertinente. 2006.

Mas há sim uma intenção e uma preparação. Antes da oficina, me preparo. Escrevo bastante, seguindo o método da escrita em transe<sup>97</sup>. Escrevo e imagino o que vai acontecer, leio, releio escritos de outros tempos, danço, separo músicas, testo ideias em mim, faço assim um treino de sensibilidade. Um preparo para cultivar e colher. Funciona mais ou menos como um tarô e como cartas na manga de um jogo de cartas. O preparo é um modo intuitivo de separar cartas, imaginando mais ou menos o público que vou encontrar. Assim, o que existem são cartas à disposição do momento, cartas na manga, truques aprendidos em experiências que entrelaçam dança, psicologias, narrativas, pensamento, pesquisas, movimentos, feminismos, artes, política, experimentação, escrita e ficção. Tudo isso amarro no lenço de quadril, adorno que acompanha as dançarinas do ventre há muitos e muitos anos. E tudo isso é muita gente. Multidão, coletivo, posso assim dizer. Não estou sozinha nisso e ainda bem. E entendo que a cada oficina as cartas são convocadas de modo diferente. Nessa oficina, sabia que encontraria apenas mulheres e me desloco sabendo que enquanto mulheres é possível que apareçam ali relatos e gestos compostos e/ou estilizados por narrativas arbitrarias e violências as mais diversas. Sei também que se somos mulheres isso não é tudo que nós somos, mas existem experiências que são vividas enquanto mulheres. E quando nos escutamos sabemos quais são. Com a dança do ventre, dispositivo que nos fará mover, cujo nome arrasta em si imaginários e estereótipos de corpos padronizados, algumas falas escapam e parecem querer advertir: mas e minha barriga? Eu sou tão travada. Desautorizações históricas, políticas. E quase sempre há uma pergunta silenciosa: Eu, será mesmo que posso? Pactos infelizes no inconsciente colonizado e produzido pelo abusivo patriarcado. E é possível ainda que apareçam rituais sutis de competição entre nós. Mais heranças do patriarcado. E são dessas marcas que quero me aproximar e interferir. São para essas e outras marcas que quero abrir as cartas desse dispositivo.

O espaço onde estávamos era uma casa de vila rural, rodeada por matas. Estava muito frio e preparamos uma mística com uma fogueira para sentarmos ao redor. Uma delas faz uma fala de boas-vindas e acolhida e em seguida iniciamos uma apresentação. Cada uma se apresenta ao seu modo, diz porque se moveu até aquele encontro e sobre suas expectativas. Vou escutando uma a uma. Enquanto as escuto, suas falas já começam a me mover, vão me dando pistas de por onde começar a oficina que já começou. Me apresento e conto a elas um pouco do que pensei em propor. Convido-as para entrarmos na sala da casa, onde distribuí pequenas velas pelos cantos. Quis criar um ambiente de pouca luz. Convido-as para se

---

<sup>97</sup> Método este que colhi de Alejandra Astrid, sobre escrever visceralmente e só depois ir aparando e conectando, é um método para fazer brotar a escrita.

disporem em círculo e vou para o meio. Proponho que fechemos os olhos e que comecemos a desintoxicar aquele momento do turbilhão de imagens e julgamentos que atravessam nossos cotidianos. Que possamos preparar o corpo para estarmos ali de forma generosa e respeitosa umas com as outras. Ficamos um tempo nessa posição, de mãos dadas, criando atenção aos ritmos de nossas respirações. Em seguida, ao abirmos os olhos, começo a puxar um alongamento notando as diferenças das formas corporais de cada uma. Notar isso me guia na escolha dos movimentos que podem constranger menos e incluir mais, para irmos aos poucos intensificando os gestos. Depois proponho uma experimentação com música de uma sequência de movimentos de dança do ventre. Nesse momento eu uso bastante meu corpo e permito que elas me toquem para sentir o movimento de torção, ondulação e tremidos. Num jogo cuidadoso, vou experimentando tocá-las, sugerindo por pequenos toques os lugares do corpo que quero convidá-las a ativar. Experimentamos gestos que envolvem pés, pernas, quadril, tronco, braços, mãos. Assim, já com um certo repertório de movimentos que permitem a invenção de improvisos, proponho uma roda de dança em que cada uma vai ao centro, dança um pouco e depois convida outra para estar ali. E a cada uma que entra na roda eu entoo um zagareet, ou ululação, um som emitido por diferentes povos em diferentes regiões do mundo, principalmente povos originários. O zagareet me soa como um chamado para juntar grupos, para fazer coalização e também para animar o nosso propósito. Não sei o que ele faz, mas faz, diverte e intensifica o momento. Eu também entro na roda, também sou cuidada nesse encontro. Fim da roda e convido-as para deitarmos no chão e passamos um tempo ali, criando escuta aos efeitos. Depois abrimos a roda para as falas e fala quem sentir que precisa expressar por palavras ou qualquer que seja a forma. “Senti uma boniteza”, disse uma delas. É um modo de dar nome. A outra, em total silêncio. Outro modo de dar nome. Falas e silêncios. Efeitos. Experimentos de cuidado em que sou cuidada junto. Isso importa. Na medida em que passo a escrever sobre o ViVentre na tese, fico com vontade de colher efeitos escritos das participantes para sentipensar esse trabalho juntas. No entanto, só foi possível pedir a uma delas, a Beth<sup>98</sup>, que me escreveu a carta a seguir.

### **Carta de Beth**

*“Oi Elis. Custou chegar inspiração nesse mundo louco que tamos vivendo, nesse desgoverno que tá tirando nossa saúde. Mas respirei, e tamos na luta. Aí, escrevi isso aí*

---

<sup>98</sup> Aqui uso o nome verdadeiro da participante já que pactuamos que eu poderia citá-la.

*abaixo sobre como reverberou em mim o Projeto Viventre em Viçosa. Fique à vontade pra interferir na escrita. Abraço. Boa sorte querida.*

*Através do Projeto Viventre pude respirar de alegria ao ver um novo olhar sobre a dança do ventre tão trabalhada infelizmente como uma mera performance sensual. Nos encontros aqui em Viçosa foi gratificante ver que era sim um novo olhar com foco no poder da mulher que domina seu corpo. Esse projeto mostrou que o conceito de beleza vai além da questão física ditada pelos padrões sociais, mergulhando em um mundo bem mais interno da mulher, na sua feminilidade que assim, bem trabalhada, despertará a linda sensualidade natural de cada uma. A timidez perde a força e nós nos colocamos cheias de amor próprio. Esse projeto com certeza entra com garra na luta vivida, luta interior na qual as mulheres se engajaram a fim de se alinharem consigo e com o universo. Pra mim o forte desse projeto é o desmistificar essa dança, que tantas vezes atrai a atenção do público apenas para a visão externa da mulher”.*

\*\*\*

Quando Beth diz que o trabalho desmistifica a dança do ventre, que muitas vezes atrai quem assiste apenas para a visão externa da mulher, me faz sentipensar o cuidado sendo tecido desde dentro das relações, perspectiva que Maíra França e eu trazemos como aposta nestes trabalhos e sobre a qual seguirei contando.

### **Dançando o cuidado desde dentro das relações**

Viventre é um processo vivo com o qual estamos pesquisando, de modo transdisciplinar, híbrido, “cibórguico” e encruzilhado formas de entrar em contato com o que nomeando de *marcas*, na intenção de pensá-las como provocadoras de modos de conhecer, agir e pensar com cuidado. Cabe destacar que pensamos (Maíra França e eu) a dimensão de pesquisa do trabalho do ViVentre enquanto uma investigação contínua, ou seja, não é um trabalho pronto, mas um processo que, vivo, pode a todo tempo ser surpreendido. Ressalto isso, fazendo valer a dimensão ética do *FazerCOM*, presente no método do PesquisarCOM (MORAES, 2010), para dizer-lhes que a entrada do ViVentre nesta tese não foi pensada durante essas oficinas, mas na medida em que passo a escrever e a reconhecer os efeitos dessas experiências como participantes do percurso formativo do corpo-chão e também de

uma ética feminista do cuidado. Dessa forma, os relatos das falas de participantes que trago para este texto compõem as memórias do meu corpo e do corpo de Maíra França, com quem partilhei e pactuei parte dos percursos dessas narrativas *viventreadas*. Portanto, quando falo em “nós”, a incluo, mas não em nome das que participaram, uma vez que não pactuei com as outras a aparição de seus nomes nessa escrita<sup>99</sup>. Nos aliamos a noção de cuidado articulada por Maria Puig De La Bella Casa (2013) em conexão com Donna Haraway, isto é, compreendendo o cuidado enquanto ação em uma rede vital de interdependência, condição ontológica que envolve tudo aquilo que fazemos para manter, sustentar e reparar nossos mundos. Esta rede de ações a qual a autora nomeia como cuidado não se restringe apenas às mulheres, embora tenhamos sido nós a sustentá-la por entre tempos diversos. Não por ser esta uma ação essencialmente feminina, mas por condição histórica e política. Não temos um consenso sobre o que são marcas, tampouco queremos dar a elas uma significação totalizante. No entanto, neste trabalho com as danças-massagens, nós as tocamos com as gestualidades das danças do ventre, com a pele, com a voz, com a palavra e com o desconforto, entrando em relação com os processos de produção de nossos modos de ser. Articulamos em nossos trabalhos dançantes práticas de massagem e uma série de elementos com os quais entramos em relação para compor nossas proposições e partilharmos experiências no tempo e no espaço. Espécies companheiras, como diz Donna Haraway (1991). Nos interessamos em construir um “nós” que não está dado de antemão, ou seja, não é porque trabalhamos com mulheres que esse “nós” está garantido. O “nós” é construído com as histórias marcadas de cada uma de nós. Assim, nos questionamos, “quem somos nós a cada encontro?” Esta pergunta se refere ao que Maria Puig De La Bella Casa (2013) diz acerca das dissidências possíveis ao nos depararmos com as fronteiras entre nós, entre acontecimentos. Talvez, pensar por conexões seja potencialmente pensar por e com dissidências, pois é justamente na conexão que uma marca pode encontrar outra. Em nossos trabalhos nos perguntamos sobre quando, de que forma e o que as marcas falam. Exercício este que vem se tecendo no encontro entre nós e as pessoas com quem dançamos em nossas oficinas. Dele pinçamos algumas narrativas e experiências que entendemos como caminhos de comunicação das marcas, isto é, histórias localizadas com as quais queremos pensar a ideia de “dissentir-por-dentro” (De La Bella Casa, 2013), como ferramenta político-epistemológica que opera nas dinâmicas do viver e morrer bem neste mundo. Aqui aprendemos a dissentir por dentro, dançando desde dentro. A noção do dentro é pensada como “de dentro das relações”, com suas tensões, desconfortos e possibilidades, assim como a imaginação que construímos acerca

---

<sup>99</sup> Faço referência a elas usando nomes de flores.

do “mundo” dentro da pele, este que não vemos com os olhos (o grande olho da ciência moderna que tudo vê desde lugar nenhum ou que vê tudo desde um lugar apenas). Dissentindo e dançando desde dentro esbarramos com as marcas e buscamos sustentar o interesse por elas, seria dizer, não apagá-las, mas dar prolongamento a seus efeitos e conexões. Isso porque queremos seguir produzindo vida e conhecimento *COM* elas, afirmando o método do PesquisarCOM (MORAES, 2010), e também o sentido de viver e morrer bem nesse *outro mundo*<sup>100</sup> que já está parido e que esparançamos vê-lo florescer. Para tanto, criamos estados de dança-massagem que funcionam como ferramentas que nos ajudam a entrar em relação com processos de construção de nós de forma artística, localizada, cuja aposta política é descolonial. Estamos conscientes do risco em experimentar e visitar lugares que não estão à nossa espera. Algumas apostas que propomos convidam a fazer expressões, gestos e movimentos que nos conectam a desconfortos corporais, territórios subjetivos associados a experiências vividas e dolorosas. Nestas condições de desconforto, pedimos ajuda a duas figuras-ficção: Corpo Astárgati (SILVA, 2015) e Mulher-Esqueleto, (Pinkola Estés, 1994), para adentrarmos camadas de desautorização e feridas coletivas que interferem nas relações de cuidado entre nós, como também reforçam os colonialismos de nossas histórias. Mais ainda, essas figuras nos ajudam a contar histórias na escrita.

### **Mulher-Esqueleto (O que precisamos deixar morrer para entrarmos em relações)?**

A Mulher-Esqueleto cria para si um corpo. Junto com Clarissa Pinkola Estés (1994) em “Mulheres que Correm com os Lobos”, queremos nos aproximar dessa dimensão especulativa e ficcional. Nela, os ossos têm o poder de se transformar em uma pessoa. Figura que nos provoca a pensar ciclicamente. Vida-morte-vida. Aqui a entendemos em seu aspecto ontológico, força da natureza (que somos), força vital com a qual estamos em relação de cuidado, de interdependência. Maria Puig de La bella Casa (2013), articula a noção de cuidado como sendo um estado afetivo-vital e relacional.

A partir de uma perspectiva feminista há outras razões pelas quais visões normativas e moralistas do cuidado não servem. Cuidar é mais do que um estado afetivo-ético: ele envolve o engajamento material em trabalhos para sustentar mundos interdependentes, trabalhos que são frequentemente associados com a exploração e a dominação. Nesse sentido, os significados de cuidar não são simples. Interdependência não é um contrato, mas uma

---

<sup>100</sup> Novamente referência a expressão dos povos originários zapatistas - *El otro mundo es posible*

condição; até mesmo uma pré-condição. Por tudo isso, devemos ter cuidado para não nos tornarmos nostálgicos de um mundo idealizado do cuidar: cuidar ou ser cuidada não é necessariamente recompensador e confortante. Uma visão do cuidado inspirada no feminismo não pode ser baseada no desejo por um mundo liso e harmonioso, mas em ações práticas cotidianas que promovam o engajamento com os problemas inerentes às existências interdependentes. (DE LA BELLA CASA, 2013, s.p.)

Entendemos que a dimensão vida-morte-vida da mulher-esqueleto se articula ao que deve morrer em nós quando estamos em relação de cuidado. Se o cuidado é manter, sustentar e reparar a vida, não há vida nenhuma sem alguma morte. Não há relação nenhuma sem que haja relação com a mulher-esqueleto. O esqueleto, essa camada profunda enterrada dentro de nós, abraçá-lo é um exercício e tanto. Tocá-lo e acordá-lo desde dentro, com o bambu e outros elementos sensoriais/espécies companheiras é umas das proposições que desenvolvemos em alguns encontros para trazer a consciência dos ossos pélvicos. “Chocalhar os ossos” do quadril no movimento do “shimmie” (tremidas) da dança do ventre, ouvindo o barulho das moedas costuradas em nossos cinturões, convocam esse encontro com o se ouvir, ouvir seus sons. Esses e outros são momentos em que a Mulher-Esqueleto pede passagem. O que ela nos pede para deixar morrer e renascer? A partir de nossa própria carne e nossos próprios ossos? Quem é essa outra estrangeira-conhecida, só e acompanhada de outras, que passa a se conhecer mais através da dança e do encontro com outras mulheres à medida que deixa para trás um certo corpo, um gesto antigo, um estado de rigidez que dá passagem a um estado de soltura? Sair da casca, ou casulo, aceitando suas durezas e tensões é o que entendemos aqui como um ciclo da vida-morte-vida. A Mulher-Esqueleto nos convida a corporificar a dinâmica cíclica e transformadora dos processos vitais – tanto no corpo, quanto na cultura. Algo como aprender a viver e morrer bem os sistemas vida-morte-vida. Para nascer a dança também precisamos deixar morrer algo em nós, como foi o que se passou com Açucena, uma das participantes. Dizíamos a ela para deixar a dança nascer desde dentro, formando uma meia lua em volta dela dando contorno aos seus movimentos com leves toques, éramos “doulas” de novos gestos naquele momento, emprestando nossos desejos e nossos corpos para que ela pudesse “parir” sua dança. Nesse dia ela nos conta que fez contato com a sensação de estar descosturando seu peito e que isso doía muito.

Em uma outra oficina de preparação corporal com bambu, a Mulher-Esqueleto faz uma nova aparição, sinalizando a linha tênue entre o desejo de convencer e a possibilidade de partilhar recusas. A proposta foi criar referências táteis a partir do desenvolvimento da sensibilidade profunda e superficial da pele, no intuito de interferir nas camadas e influenciar processos involuntários de tensões musculares. Uma experiência onde sentíamos nossos

limites e contornos através das muitas possibilidades de contato do nosso corpo com o bambu; nas solas dos pés, estimulando o arco plantar, depois deitando com o trocanter (um dos ossos da bacia, importante nos movimentos da dança do ventre) em cima do bambu, depois deitando com diferentes partes da coluna, desde a base do crânio até a coluna sacral. Azaléia, uma das participantes, ao término de uma experimentação com os bambus partilha uma memória e uma sensação: “Eu ouvi vocês dizendo que essa experiência trouxe bem estar, mas eu não senti bem estar, eu me senti mal... o bambu me trouxe a memória das práticas de tortura na ditadura, de empalo...”. Memória assentada no corpo-chão de suas experiências. Trago esta fala no intuito de mostrar a dimensão não apaziguadora e dissidente que pode habitar as intenções supostamente reconfortantes e apaziguadoras do cuidado. Ficamos um tempo sentadas no chão em silêncio. Não soubemos o que fazer com aquele relato naquele momento, mas sabíamos que era preciso sustentá-lo, não no sentido de apaziguá-lo, mas de prolongá-lo para podermos ficar com o problema (Haraway, 2016). A marca que o bambu suscita em Azaléia é a que dissente da marca lisa e harmoniosa que estava dada de antemão na nossa proposta com o bambu. O que isso nos devolve é o próprio cuidado em sua materialidade, isto é, entrar em relação com as marcas de forma situada, localizada e não supondo que o que reconforta aqui vai necessariamente reconfortar ali. Não é, portanto, uma ação que coloca de antemão o que é bom para alguém, senão uma ação vulnerável a ser contrariada, recusada e negociada no interior da própria relação.

### **Corpo Astárgati - confusões frutíferas nas fronteiras**

O Corpo-Astárgati (SILVA, 2015) é aquele que atua borrando as fronteiras das marcas, do pensamento e da escrita. No tarot de Barbara Walker<sup>101</sup>, “Astargatis” é mostrada como uma figura feminina com cauda de peixe, boca cheia de dentes no ventre e olhos em lugar dos seios. O Corpo-Astárgati foi sentipensado durante minha pesquisa de mestrado na qual me ocupei das interferências entre a dançarina do ventre e a psicóloga social que encruzilhavam-se em minhas práticas psis no contexto da política de assistência social, abrindo questões epistemológicas e práticas do cuidado.

---

<sup>101</sup> Barbara Walker reflete uma perspectiva feminista única do tarô com símbolos religiosos e pagãos de todo o mundo. As cartas da corte retratam deuses mitológicos e deusas. As cores dominantes do baralho e o design do verso das cartas são vermelho, preto e branco porque são "reconhecidos em toda parte como as cores da trindade feminina original (triângulo) que representa suas três fases, da Virgem, da Mãe e da Anciã. Fonte: <https://magorium.com.br/tarots-em-latinha/177-barbara-walker-tarot-em-lata.html>

O Corpo-Astárgati opera uma escrita atenta aos aspectos do outro que nos percorrem, nos atravessam e nos modificam. Esse outro como “rabo de peixe”, como “boca no ventre” e “olhos no peito”. Esse outro a faz mover-se pelas águas, a faz pensar de corpo inteiro, a dar-se conta de que ela não pode ser outra coisa que não seja acompanhada por essa dimensão estranha que a faz interrogar (SILVA, 2015, p.17)

Em nossos trabalhos, o Corpo-Astárgati nos desafia a criarmos palavras para comunicarmos o que essa boca cheia de dentes no ventre ingere, mastiga, digere. O que esses olhos em lugar do peito vêem e por onde a cauda de peixe move esse corpo. Ele vem para produzir confusão nas fronteiras acerca dos modos de conhecer e de entrarmos em relação. Açucena, em outra oficina, nos diz que não pode mais dançar, “Eu travei, não consigo mais dançar”. Nesse momento o Corpo-Astárgati nos interroga: Mas, o que é dançar? Açucena, propôs que apenas conversássemos, sem dançar, disse ela. Nos sentamos em roda e ela contou muitas histórias sobre sua vida entrelaçando a dificuldade que estava encontrando para continuar dançando. Disse que não voltaria mais porque se sentia impossibilitada de dançar naquele momento e que precisava se afastar. Foi uma conversa em que puxamos muitos fios para fazer um ouvido e escutar a demanda de Açucena, incluindo neles a percepção de que fazer fluir uma conversa é também criar um deslocamento, um movimento, portanto, criar um estado de dança. O Corpo-Astárgati nos faz entender que a dança é um processo movente que percorre os lugares borrando as fronteiras, deparando-se, inclusive, com as tensões e desconfortos disso.

“Mas o que faço com minhas couraças?”, nos disse Gérbera enquanto encontrava dificuldade para expandir e contrair o externo e com isso fazer o que nomeamos como deslocamento de peito. Rimos juntas. Rimos porque estamos a todo o tempo esbarrando com nossas “couraças” enquanto dançamos. Que histórias são essas que se “encouraçaram” (paralisaram, endureceram) em partes de nossos corpos? É possível movê-las? O Corpo-Astárgati nos diz que sim, que é possível movê-las, que é possível nadar em outros territórios com essas marcas, com essas histórias. Rindo e dissentindo por dentro.

Mas a risada veio de dentro, com o compromisso de compartilhar problemas de uma comunidade. Isso é diferente de um riso irônico: “Eu rio: logo, eu sou... implicada” Eu rio: logo, sou responsável e respeitável (HARAWAY, 1997, p. 182). Rir com, não rir de, acompanha um tipo de pensamento, o pensamento que produzimos enquanto estamos mergulhados nas comunidades com as quais nos importamos e é um exemplo de uma forma de pensar com cuidado que eu proponho chamar de *dissentir-por-dentro* (LA BELLA CASA, 2013, s.p.)

Inventamos rituais como forma de convidar e receber as pessoas e a nós mesmas para a oficina. Convites para entrarmos em relação com o momento. Desde que mudamos das aulas para as oficinas muitas dinâmicas foram experimentadas. Nessas dinâmicas cada pessoa “deixa e recebe um tanto” (conforme canta os novos baianos<sup>102</sup>).

Em uma ocasião fomos questionadas sobre homens poderem participar de nossas oficinas e sobre a palavra ventre localizar de antemão um público. Nossa proposta é criar com a dança práticas de cuidado de si no coletivo com foco nos movimentos oriundos das danças do ventre, mas não buscamos constituir um espaço exclusivo para mulheres cis ou trans. Tampouco queremos apagar a marca mulher que se articula à palavra ventre. Queremos construir confusões frutíferas nessas fronteiras. Sabemos que essa questão é delicada e só pode ser tratada de modo situado, localizado. Na experiência do viventre, Cravo, um rapaz que participou das oficinas, trouxe referências interessantes para pensarmos o movimento sinuoso do oito (desenho do símbolo do infinito que fazemos com o quadril) de quadril a partir da movimentação ocular, propondo que dançássemos o oito também com os olhos. Essas trocas nos interessam. Pensar o ventre não imediatamente relacionado à mulher também nos interessa. As confusões que o Corpo-Astargati coloca nas fronteiras nos interessam.

### **“Quem somos nós agora?” e as psicologias que afirmamos.**

Conforme dito, as marcas não estão passivas à nossa espera. O que fazemos é criar proposições em que elas possam acoplar-se a outras experiências e tornarem-se possíveis de serem tocadas no momento presente, junto daquilo que se passa naquele tempo e espaço. Nós apostamos em gestualidades das danças do ventre, em sonoridades, aromas de folhas, caules e raízes (óleos essenciais), lenços de moedas, véus, saias, flores, velas, enfim, uma série de espécies<sup>103</sup> que convidamos para partilhar e compor essa dimensão que se registra, que nos marca. Ciborgues, conforme propõe Donna Haraway (1995), articulam em si espécies companheiras, sejam elas humanas ou não, espécies que afetam, marcam, criando, entre outras coisas, formas de comunicação. As marcas, tal como as abordamos aqui, são sempre tocadas de forma localizada, situada nos encontros. Elas não possuem sentidos dados à priori. Passam a importar no momento em que entram em relação situada com alguma coisa. As

---

<sup>102</sup> BAIANOS, Novos. Mistério do Planeta. Acabou o chorare. Som Livre, 1972. queremos apagar a marca mulher que

<sup>103</sup> Derbake (tambor de origem árabe), Pandeiro cigano e sagats (címbalos que são os “avós” das castanholas), seres não humanos com os quais entramos em relação de comunidade.

pensamos também como marcas-ciborgues com fronteiras, territórios situados de enunciação, como os “cortes” aos quais Maria Puig de La Bella Casa (2013) se refere,

olhar para “cortes” da perspectiva de como eles estão re-criando, ou sendo criados por “conexões parciais” (Strathern, 2004 [1991]; ver também: Munro, 1996; 2005). Ou seja, nós podemos direcionar a atenção para as heranças, para o modo como “novos” padrões são herdeiros de uma rede de relacionalidades, rede que contribuiu para torná-los possíveis (LA BELLA CASA, 2013, s.p.)

Com isso, afirmamos as psicologias da Mulher-Esqueleto e do Corpo-Astárgati como saberes que entrelaçam experiências compostas por encontros com mulheres, corpos, afetos, arte, danças do ventre que atuam em uma prática clínica. Dessa forma, afirmamos uma clínica que acontece nesse condensamento de saberes à medida que vamos aprendendo a contrair esses encontros e a dissentirmos juntas, sustentando, prolongando e seguindo com as tensões e desconfortos inerentes ao que aqui estamos nomeando de cuidado. É no alargar dos laços de pertencimento que os nossos saberes também se alargam. Um trabalho de amor, como nos incita Maria Puig de La Bella Casa (2013), nos traz a pergunta “com o que e pelo que nos importamos?” O que nos importamos nos toma tempo, gera conflitos, não é um amor romantizado, apaziguado. Não é nada óbvio. A partilha de um percurso de trabalho leva tempo e confiança para construir uma ética do viver e morrer bem nesse mundo. A materialidade de como colocamos nossos corpos disponíveis para diferentes conexões é terreno incerto e urgente. Criar laços de pertencimento também é expor os nós complicados de des(fios) e desvios nos quais nos emaranhamos na aposta ética de viver juntas e juntas.

#### 4 O PESSOAL APROFUNDANDO O POLÍTICO: a chegada ao Baque Mulher

*Vivendo-entre* dinâmicas de movimento que se direcionam ao coletivo, do pessoal ao político, vivo o fim de um relacionamento amoroso que me leva a experimentar processos delicados de saúde mental. Ruptura que se deu poucos dias após a execução da vereadora Marielle Franco. A morte de Marielle, uma mulher negra ativista, criada na favela da maré, feminista, bissexual, eleita vereadora pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) na cidade do Rio de Janeiro, no momento em que a intervenção militar era implementada na cidade, levando um general a assumir a pasta de segurança pública, foi consternante. As eleições se aproximavam e com elas uma obscuridade fascista ganhava espaço no cenário nacional, na grande mídia e no cotidiano. De um lado a ruptura do relacionamento, de outro a execução de Marielle e os rumos da democracia no Brasil. No meio, eu, uma mulher entre o pessoal e o político. Parei. Paralisei. Ao meu redor se ouvia: “cuidemos uns dos outros”. Dentro de mim uma solidão pulsante e a compreensão de que um novo movimento em direção ao coletivo, ao comunitário, precisaria ser feito. “O coletivo é importante porque nele a gente cai, mas é nele que a gente se levanta”, fala da artista visual, cordelista e escritora Tertuliana Lustosa durante uma roda de conversa na ocupação sobre o cursinho preparatório para o vestibular desenvolvido pela Casa Nem<sup>104</sup>. Fala que se inscreveu em mim e passei a usar como ferramenta de conhecimento em saúde mental e política. Da mesma forma, recordava a todo tempo da Bernice Reagon (1981) no texto “Coalizões políticas”, quando diz que não podemos ficar o tempo todo na coalizão política e nem o tempo todo na nutrição de nossas “casas”. É preciso aprender a ir e aprender a voltar. Fluir. Mover.

*“Tropecei, quedei, cai*

*Cai, mas me levantei”*

*(Saudade do futuro, canção de Renata Rosa)*

No tempo em que fiquei à deriva não conseguia mais escrever. Por outro lado, Clarissa Pinkola Estés (1994) e Paulina Chiziane (2018) me deram as mãos com seus escritos. Clarissa, com o conto da *Mulher Esqueleto*, me ensinava a olhar a dinâmica “*vida-morte-vida*” corporificando a dinâmica cíclica e transformadora dos processos vitais – tanto no

---

<sup>104</sup> A Casa Nem é um espaço de acolhimento e passagem que desenvolve uma série de ações ao público LGBTI, principalmente Trans e Travestis em situação de vulnerabilidade. Tertuliana Lustosa foi professora do preparatório.

corpo, quanto na cultura. Algo como aprender a viver e morrer bem os sistemas vida-morte-vida.

Novos ossos  
 Vamos vestir  
 novos ossos de novo.  
 Vamos deixar esses dias chuvosos,  
 atravessando  
 outra boca  
 através do tempo do sol e do mel.  
 Ruídos de mundos sobre nós como abelhas,  
 somos esplêndidas com esses novos ossos.  
 Outras pessoas pensam que sabem quanto dura a vida,  
 quanto a vida é poderosa.  
 Nós sabemos.  
 (Lucille Clifton<sup>105</sup>)

Paulina, em *Niketche – A história da poligamia*, me oferecia cumplicidade e palavras para nomear os afetos despalmados que eu sentia e com isso compor verbos para voltar a me movimentar. Rami, personagem protagonista do livro, tornou-se uma irmã com quem dancei atravessando os dias turvos. Trago aqui trechos desse livro, mas não o apresentarei somente como uma citação. Fabulo então uma carta, como se fosse eu escrevendo a Rami.

---

<sup>105</sup> Lucille Clifton (1936 -2010) foi uma poeta, escritora e professora negra norte-americana. Publicou diversos livros de poesia e infantis. Seu livro de estreia, “*Good Times*”, de 1969, foi considerado um dos melhores livros de poesia do ano, nos Estados Unidos. Com “*Good Woman: Poems and a Memoir: 1969–1980*”, e “*Next: New Poems*”, ambos de 1987, concorreu ao Prêmio Pulitzer. Com “*Blessing The Boats: New and Collected Poems 1988–2000*”, de 2000, ganhou o National Book Award. Seus poemas tratam da condição da mulher negra na diáspora, valorizando a herança africana presente em nós (Lucille descendia da República do Benin). Lucille faleceu em 2010. Sua obra segue inédita no Brasil. Os poemas abaixo foram traduzidos por Lubi Prates e contaram com o olhar atento do Manu Quadros, a quem a tradutora agradece. Fonte: <https://bazardotempo.com.br/as-mulheres-poemas-e-outros-poemas-de-lucille-clifton-por-lubi-prates/>

## Carta “ De mãos dadas com Rami”

*Brasil, abril de 2018*

*Para: Rami, em Moçambique*

*Paro de dançar e volto ao espelho. Os olhos que se reflectem brilham como diamantes. É o rosto de uma mulher feliz. Os lábios que se reflectem traduzem uma mensagem de felicidade, não, não podem ser os meus, eu não sorrio, eu choro. Meu Deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim? Esfrego os olhos, acho que enlouqueci [...] Entro em pânico. Enquanto eu soluço, a imagem dança. Paro de soluçar e fico em silêncio para escutar a canção mágica desta dança. É o meu silêncio que escuto. E o meu silêncio dança, fazendo dançar o meu ciúme, a minha solidão, a minha mágoa. A minha cabeça também entra na dança, sinto vertigens. Estarei eu a enlouquecer?*

*- Por que danças tu, espelho meu?*

*- Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças?*

*Dançar. Dançar a derrota do meu adversário. Dançar na festa do meu aniversário. Dançar sobre a coragem do inimigo. Dançar no funeral do ente querido. Dançar à volta da fogueira na véspera do grande combate. Dançar é orar. Eu também quero dançar. A vida é uma grande dança. Tento, com minha mão, segurar a sua, companheira, para ir com você na dança. Você também me oferece à mão, mas não me consegue levar. Entre nós há uma barreira fria, gelada, vidrada. Fico angustiada e olho bem para você. Seus olhos alegres tem os meus traços. As linhas do corpo fazem lembrar as minhas. Sua força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão. Tento beijar-lhe o rosto. Não a alcanço. Beijo-lhe então a boca, e o beijo sabe a gelo e vidro. Ah, meu espelho confidente. Ah, meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que me casei. Por que só hoje me revelas seu poder?<sup>106</sup>*

*Assinado, Elis*

---

<sup>106</sup>(CHIZIANE, 2018, p.12-13)

Com Rami e a mulher-esqueleto reencontro minha *Tarab*<sup>107</sup>, a minha própria dança.

Que o homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define,  
você é seu próprio lar (Triste, louca ou má, canção da banda Francisco el  
hombre)

“Luto pra mim é verbo”, frase utilizada por diversos ativistas e militantes no campo das lutas por direitos humanos e direitos sociais. Foi assim que cheguei ao *Movimento Baque Mulher – Feministas do Baque Virado*, pela ação de mover a raiva, a dor e o amor, sem o que não há esperança (Freire, 2014). Mas, antes de chegar ao baque mulher precisei encontrar outras mulheres no caminho. Mulheres que teceram comigo ferramentas de cuidado para fazer um corpo para se levantar. Ferramentas de cuidado que são tecidas na micropolítica do cotidiano. A escritora Ana Kiffer (2017), no texto “A loucura. A mulher. Em relação”<sup>108</sup> constrói caminhos para pensar a dimensão mulher-corpo-saúde com os quais estou em aliança. Nas palavras dela,

esse texto reage, impactado, sobre o evento de ontem com a Silvia Federici. e parte das interpelações da Giovana Xavier e da Sandra Benites. elas foram de uma importância descomunal. exatamente para podermos colocar em perspectiva as necessárias inflexões no eixo do pensamento sul/norte e no sul/sul. isso é uma das condições primordiais – a meu ver – para a composição das forças do feminismo no Brasil hoje. estou ainda muito tocada por um ponto específico levantado pela Sandra – que aproxima-se frontalmente de toda a minha trajetória intelectual. ela contou-nos que na filosofia guarani nhandeva – de sua origem, a noção da saúde da mulher é totalmente dependente da saúde da cabeça. diria, com minhas palavras, que a saúde do corpo da mulher é sobre determinada pela saúde da cabeça. quer dizer: a cabeça é corpo nessa economia ‘imuno-afetiva’ da mulher (KIFFER, 2017, s.p.)

Nessa rede micropolítica mulheres interferiram na economia “imuno-afetiva” do meu corpo fazendo uma espécie de círculo ao redor ofertando seus saberes, fazendo visitas, preparando a comida, mantendo-se ligadas ao telefone, oferecendo escutas, músicas, poesia, presença, solidariedade. Nomeio isso de ação em rede para reencontrar o próprio chão. Materialidades que ajudaram a criar deslocamentos nesse chão.

<sup>107</sup> Na dança do ventre egípcia o tarab é a dança da verdade de cada uma de nós.

<sup>108</sup> Publicado na revista DR. Disponível em: <http://revistadr.com.br/posts/sobre-a-loucura-a-mulher-em-relacao/>.

## **Carta ao Baque Mulher**

*“As mulheres da minha nação são guerreiras, batuqueiras, baianas e yalorixás. Conhecem a fundo os segredos do mundo com o brilho da Oxum e a coragem da Oyá” (Loa do Baque Mulher)*

*“Deusa da beleza é Oxum, é o poder feminino. Seu ventre sagrado é em Osobô e aqui no Brasil vamos tocar tambor, pra tradição se preservar, as crianças vão cantar, no balanço ijexá, oraieieô”. (Loa Baque Mulher)*

*Peço licença à Mestra Joana Cavalcante, à minha regente Tenily Guian, às “Mães do Pina”, Yalorixás construtoras e mantenedoras da identidade cultural e religiosa da comunidade do bode no Recife. Peço licença às mulheres mais velhas e as mais novas do Baque Mulher para contar nessa escrita histórias de cuidado que experimento junto desse movimento de empoderamento feminino. Peço licença porque aprendi que esse é um gesto de respeito com as histórias das que vieram antes, das que estão agora e das que virão depois. Peço licença porque esse gesto é parte da cultura que fundamenta nosso movimento. Peço licença porque esse também é um gesto de manter a memória presente, pulsante e atuante. Pedir licença é o mesmo que citar uma autora anunciando uma interlocução em um trabalho acadêmico. Pedir licença a elas e fazer citação bibliográfica de autoras (es) tem a mesma seriedade e fundamento na produção de conhecimento que me proponho a fazer nesta tese. Portanto, peço licença às autoras do meu movimento. Peço licença também porque estou aqui contando histórias atravessadas por memórias, sentidos, significados, símbolos e resistências de povos negros e indígenas de Pernambuco manifestadas nas tradições espirituais do Candomblé e da Jurema Sagrada. Peço licença para contar como essas histórias que teço junto dessas mulheres atravessam minha vida e minha pesquisa de doutorado. Licença para compartilhar os efeitos e afetos desses encontros nas proposições dessa tese que envolve ética, cuidado e transformação de realidades de opressão a partir da arte, da sensibilidade, das redes de fortalecimento comunitário e feminista do cotidiano que também aprendo junto com o Maracatu Baque Mulher e com a Nação Encanto do Pina.*

*Com suas licenças, escrevo.*

*Por Elis, batuqueira do Baque Mulher Niterói*

\*\*\*

Minha aproximação do Movimento Feministas do Baque Virado – Maracatu Baque Mulher, se deu em meados de 2018 quando à convite da amiga Paula Cerruti fui a uma oficina do baque mulher no Sana-RJ. Como eu estava passando por um momento delicado em minha vida pessoal, buscando reorganizar minha economia imuno-afetiva, o convite para estar próxima de mulheres que se articulavam a partir da música e da dança me tocou. Fiquei sentada, apenas observando os gestos daquelas mulheres juntas afinando as Alfaias (o nome pelo qual no maracatu se nomeia os tambores), trançando as cordas, fazendo braços ao puxá-las esticando a pele do tambor, para assim ajudá-lo a expressar seu som, a manifestar-se. Ao mesmo tempo, outras mulheres ensinavam outras a tocarem o Agbê (o instrumento feito com cabaça e miçangas trançadas em macramê). Enquanto ensinavam e preparavam os instrumentos conversavam sobre suas vidas pessoais, sobre as demandas do movimento, repassavam informações sobre atividades e outras coisas. Ouvia atentamente as conversas que diziam respeito à auto-organização do grupo, às oficinas, aos compromissos com a comunidade de Recife, onde o baque mulher surgiu e aos compromissos entre elas e com o empoderamento feminino a partir da ancestralidade africana presente na cultura popular do maracatu. Me fizeram recordar o “Mujeres creando comunidades”<sup>109</sup>, movimento feminista boliviano, pelo qual estava afetada e com o qual seguia pistas do feminismo descolonial e comunitário na América Latina. Naquele momento senti em meu corpo que precisava fazê-lo mais forte para habitar os tempos presentes. Quando montaram o baque, ou seja, quando as batuqueiras se organizaram para enfim tocarem juntas, fui tomada pelas sensações. Algo no corpo foi acionado enquanto confirmação de onde eu realmente deveria estar naquele momento de dor, estar em um coletivo de mulheres que transmitiam em seus corpos o tônus de quem encontra no coletivo a lembrança constante de que não se abandonar importa. Nesse dia, senti uma vontade imensa de me aproximar do Agbê e de tentar tocá-lo. A cabaça circundada por uma saia de missangas, o “xiquexá” do seu som, chacoalhando meus ossos, movendo meus pés, convocando minhas mãos, acordando musculaturas e esquentando novamente meu sangue, foi a presença com a qual pude corporificar a sensação de abrir espaço em minha vida para receber ajuda. Conto isso porque neste momento em que escrevo, após dois anos de intensa participação e construção coletiva com mulheres diversas nesse movimento, sou testemunha de que a maioria de nós é atraída ao Baque Mulher para

---

<sup>109</sup> “Mujeres creando comunidades” é um desmembramento do coletivo “Mulheres creando”, ambos bolivianos, feministas. O primeiro se pauta no que elas nomeiam como feminismo comunitário, o segundo é nomeia como anarquista. Suas atividades são focadas na relação entre arte, rua, feminismos, ancestralidade indígena boliviana, comunidades e despatriarcalização da vida.

movimentar aspectos de suas vidas que precisam ser ouvidos, deslocados, transformados, criados. Uma atração que transita do pessoal em direção ao político. De nossas casas (materiais e afetivas) para a rua, como faz e nos ensina o maracatu. De dentro pra fora. A cabaça me abraçou e eu a abracei de volta, literalmente, quando a abri na cachoeira, tirei suas sementes e a levei para ser banhada nas águas que corriam junto de minhas lágrimas. Como escreveu Alice Ruiz e Itamar Assumpção (1993)<sup>110</sup>, “a cada milágrimas sai um milagre”. Neste momento, o milagre da força de um movimento pessoal que busca o político regava-se naquele rio e no abraço da cabaça, esse ente. O agbê tem sido uma afetuosa “espécie companheira” com quem aprendo a doar o toque de minhas mãos para movimentar a saia em seu corpo. Toco o agbê por sua base de sustentação no chão, é a partir dela que ele manifesta sua dança, seu som, sua expressão e sua mágica. Ao expressar-se, o agbê me leva junto em seu percurso, ensinando-me a “voltar para casa”, a retornar para minha base de sustentação, que em meu percurso de formação pessoal, político e profissional sempre se produziu em coletivos, grupos e movimentos sociais em que a arte, o feminino e as perspectivas transdisciplinares sempre estiveram presentes.

**“Quebra a cabaça, espalha a semente, planta do lado que o sol nascer”<sup>111</sup>.**

Em setembro de 2018, o maracatu Baque Mulher chegou à Niterói através de uma oficina proposta por Tenily Guian, atual regente e coordenadora do Baque Mulher do Rio de Janeiro e de Niterói. Tenily Guian é educadora, capoeirista, multi-instrumentista, “cria” do bairro do Pina na periferia do Recife, local onde nasceu a Nação de Maracatu de Baque Virado “Encanto do Pina”, da qual o Baque Mulher é filha. A primeira oficina aconteceu na praça da Cantareira (centro da cidade) e assim seguiu desde a fundação até o início da pandemia, todas as segundas-feiras às 19h. A praça da Cantareira, lugar de boemia e diferentes manifestações culturais e políticas, foi também ocupada pelos tambores feministas de nosso movimento. Da voz e do corpo de Tenily Guian nos chegam os princípios, fundamentos e orientações que sustentam nosso movimento. Mas, como costumamos dizer entre nós - salve a força que vem de longe - é da coragem, ousadia e criação da Mestre Joana Cavalcante que ascendemos. Mestre Joana é a primeira mulher a tornar-se Mestre de uma Nação de Maracatu de Baque Virado, o Encanto do Pina. É a idealizadora, fundadora e articuladora de todo esse movimento, além de ter criado uma linguagem específica para o

<sup>110</sup> ASSUMPCÃO, Itamar; RUIZ, Alice. Milágrimas. **Álbum: Tua Boca**, 1993.

<sup>111</sup> Canção do grupo A barca

toque dos agbês, incorporando movimentos das danças dos orixás aos passos e sonoridades”. O Baque Mulher começa em 2008 como uma ação local “puxada” por ela junto das mulheres do bairro do Pina que participavam das duas Nações de Maracatu ali existentes. Como conta a Mestra Joana, nas oportunidades em que tive de ouvi-la e também de lê-la em suas escritas compartilhadas no facebook em sua página profissional<sup>112</sup>, nas oficinas em que participei com ela e também em outros espaços de convivência do Baque Mulher, o maracatu é ainda um universo com muitas expressões machistas. Exemplo disso, quando ela assumiu a regência na nação enquanto Mestra, alguns homens batuqueiros “arriavam” as alfaias (tiravam elas dos ombros e paravam de tocar) e muitos chegaram até a deixar de tocar na nação.

O Baque Mulher tem como principais bandeiras a luta contra o machismo e violência contra a mulher, o racismo, a homofobia e toda forma de preconceito e opressão [...] Em primeiro lugar nos propomos a ser um espaço de acolhimento e prática da sororidade, criando juntas um lugar seguro de fala e escuta, exercendo a empatia e o respeito amoroso a todas as diferenças. (Postagem do perfil “Mestra Joana” no facebook, em 30 de setembro de 2020)

Sabemos que não é só no Maracatu que o machismo nos atravessa, nos desafia, nos interrompe e nos agride. Escrevo em terceira pessoa com a segurança de que se trata de uma questão de “nós mulheres” em sentido amplo, mesmo que existam diferenças entre as formas como isso acontece em termos de classe, raça, gênero, sexualidade e deficiência. Sabemos que os pactos patriarcais são enraizados de diferentes formas em nossas sociabilidades. Mestra nos conta a partir de suas vivências com o Maracatu em Recife, em Pernambuco, já que o maracatu é parte do que ela é, fundamento de sua existência e de sua comunidade. Esse machismo, durante bastante tempo, também não permitia às mulheres que tocassem os instrumentos do Maracatu. A elas somente era permitido dançar, mesmo atuando em todos os “bastidores” que constituem os fazeres que envolvem o maracatu de baque virado. Escrevo “bastidores” porque é neles onde se realizam os trabalhos que não são vistos de imediato, os trabalhos que levam o maracatu até a passarela do carnaval por exemplo, mas que são bem mais do que isso, são o que mantém a cultura e as pessoas vivas também. Esse trabalho é feito o tempo todo durante o ano inteiro. Também inclui a mobilização para arrecadar contribuições financeiras para as atividades que o maracatu desenvolve não só em função do carnaval, mas também das pessoas da comunidade do Bode, como o projeto sócio-educativo de maracatu para crianças, o “Encantinho”. Desse projeto saíram batuqueiras e batuqueiros

---

<sup>112</sup> Página no facebook: Mestra Joana Cavalcanti

que hoje além de tocarem na nação são também oficinairos que viajam para outros estados e cidades do país. “Nós formamos educadores”, é o que diz Mestra Joana. Portanto, são essas mulheres que acionam outras e formam redes de apoio para que a cultura continue, ou seja, para que a vida delas e dos seus também continuem, já que, como disse, o universo do maracatu é o que também fundamenta suas existências. São elas que trabalham essa rede para que ela não se arrebeste e fazem isso ao mesmo tempo em que sustentam a si mesmas e a própria comunidade. Nesses bastidores estão todas ações espirituais e comunitárias de cuidado entre as pessoas que vivem a nação, o fazer das comidas, a costura dos figurinos, os “corres” cotidianos feitos por mãos, sentimentos e sensações de muitas mulheres envolvidas direta e indiretamente com a nação, como é o caso de algumas de nós batuqueiras do Baque Mulher que nos mobilizamos para ir até lá no período do carnaval e também em outras ações de solidariedade que buscamos fazer ao longo do ano *ajudando a manter vivo o que nos ajuda a nos mantermos vivas também*. Não são apenas mulheres, homens também estão nesses bastidores, mas elas são sem dúvida a maioria.

Hoje a gente se fala, se questiona onde é o lugar da mulher dentro de uma nação de maracatu porque eu tô na frente de uma percussão. Mas na história, se você for pesquisar todas as nações de maracatu, vai ter sempre uma mulher como protagonista da história. As grandes rainhas que tá registrado na história do maracatu, tudo mulheres, Yalorixás, poderosíssimas à frente do maracatu, mas onde seu nome não era nem citado porque tinha um homem regendo o baque e que é o que vai pro mundo, vai pra mídia. (MESTRA JOANA, em entrevista ao Maruim- coletivo de jornalismo<sup>113</sup>)

É bem mais do que essas palavras aqui escritas podem contar. A oralidade, com sua complexidade de gestos, inscreve-se nos sentipensamentos de um modo diferente do da palavra escrita. Narro, como disse, a partir do que meu corpo testemunha, experimenta, passa, sente. A partir de como sou atravessada e modificada pelo encontro com Mestra Joana, com minha Regente Tenily Guian e as batuqueiras do Baque Mulher. É nesse território movente, nessas ruas por onde andamos juntas, que vou conhecendo as palavras que contam as histórias que estou contando aqui. Da mesma forma como sempre nos diz Tenily Guian, tem coisas que se aprende “só vivendo”, ou seja, as palavras, sabemos, não dão e nem deveriam dar conta de tudo porque elas são apenas um modo de produzir conhecimento dentre tantos outros que nos afetam e nos auxiliam no viver e morrer bem neste mundo. Muitos dos saberes e conhecimentos que usamos em nossas vidas não se reduzem à palavra falada e escrita. Nos afetam no corpo, pelas sensações e pelo que nos leva a agir em direção ao que faz com que a

---

<sup>113</sup> Disponível em: [| MARUIM | Primeira mulher a assumir a regência no maracatu nação, Joana conta sua história - YouTube](#). Acesso em 14 nov. 2010.

vida possa ser vivida. No maracatu não é diferente. Ciência, conforme aponto no início da escrita dessa tese, é para nos ajudarmos a vivermos e morrermos bem neste mundo, portanto, o *maracatu tem ciência* (é o que Mestre Joana sempre afirma em suas palavras), e se precisamos afirmar isso é porque existe um projeto *brancolonial* (branco e colonial) de conhecimento que insiste de modo racista, patriarcal e sexista que o que não é igual a *ele* não tem “lugar” para existir, ou seja, não é visto, ouvido, sentido, conhecido e contemplado. “Narciso acha feio o que não é espelho”, cantou Caetano Veloso<sup>114</sup>. Grada Kilomba (2018), na performance “Ilusões”<sup>115</sup>, remonta o mito grego de Narciso como sendo o que fundamenta a sociedade branca-patriarcal na qual todas nós vivemos. Em suas palavras, essa sociedade

é fixada em sua própria imagem, tornando todos os outros invisíveis [...] Um profundo narcisismo que parece reduzir o mundo à imagem refletida da branquitude. Neste narcisismo, pessoas marginalizadas dificilmente encontram imagens, símbolos ou vocabulário para narrar a sua própria história ou para nomear o seu próprio trauma (Trecho de narração de Grada Kilomba durante a performance Ilusões).

No Baque Mulher, o que fazemos é também exercício de afastamento de *Narciso* aproximação amorosa de *Oxum*. Queremos aprender a nos ver e a nomearmos através do espelho dessa *Orixá*, para quando nos virmos nos reconhecermos em nossas singularidades e potências. E nesse espelho de Oxum, quando me olho, a imagem me pergunta: Quem é você? O que fazes aqui? Conceição Evaristo (2017), em *Becos da memória*, escreve sobre encontros de suas personagens com o espelho e o que esses encontros devolveia a elas.

Maria-Nova nunca entendeu por que Mãe Joana, tão linda, com aquele vestido, que ela ficava meses fazendo à mão, que ficava tão bonito e que todo mundo elogiava tanto, ao se olhar no espelho, ao ver a sua imagem refletida, não desse nem um sorriso para si própria (Evaristo, 2017, P.47). Maria-Nova olhou-se no pedaço de espelho. Sentiu-se bonita e triste como a mãe. Fez um carinho no próprio rosto. Não, ela jamais deixaria a vida passar daquela forma tão disforme. Era preciso crer (EVARISTO, 2017, p. 160)

A esse espelho de Oxum e também ao espelho de Rami, aprendo a responder vendo minhas ancestralidades negras, indígenas e brancas na forma como se encruzam em mim. É como me olhar no espelho e olhar meu nariz, meu seio, minha perna, minha barriga, meus cabelos, minha cor e se perguntar: Quem são vocês que resistem neste corpo-chão? Ver em mim uma mulher indígena e abraçá-la. Ver nessa mulher indígena os traços pretos. Procurar

<sup>114</sup> VELOSO, Caetano. Sampa. Rio de Janeiro: Polygram discos, 1978.

<sup>115</sup> KILOMBA, Grada. “ILLUSIONS”, Multimedia performance, 2016–17. MaHKUscript. Journal of Fine Art Research, v. 2, n. 1, 2018.

em mim as marcas brancas, estas, mais difíceis, já que, nomeada como parda, aprendi a me entender<sup>116</sup> assim. Vejo uma mulher branca e não me vejo. Mas, feito uma aquarela, o branco se borra em mim. Posso assim, finalmente, tirar o pregador do meu nariz<sup>117</sup> e respirar. Fazê-las todas respirarem juntas. Remontar a imagem estilhaçada e passar a entender a história do meu país neste corpo mestiço, híbrido, encruzilhado. “Nossas psiques parecem-se com as cidades fronteiriças e são povoadas pelas mesmas pessoas” (Anzaldúa, 2005, P.714).

Reconhecer os povos que pedem passagem em minha pele de fora e em minha pele de dentro. Escutar as urgências das e dos que insistiram em permanecer em nossas peles para não serem mais uma vez apagadas, silenciadas, tornadas inexistentes e fazer com que suas vozes encruzem com as vozes que lutam pelo direito de existir neste e em outros tempos.

Na nossa própria carne, a (r)evolução resolve o choque de culturas. Enlouquece-nos constantemente, mas, se o centro se mantém, teremos feito algum tipo de avanço evolutivo. Nuestra alma el trabajo, a obra, o grande trabalho alquímico; mestizaje espiritual, uma “morfogênese”, um desdobramento inevitável. Tornamo-nos o movimento acelerado da serpente. (ANZALDÚA, 2005, p.708)

Os tempos se misturam, é uma encruzilhada. Antes de chegar ao Baque Mulher, eu e Maíra França compomos uma oficina de dança em 2017 para investigarmos a partir de nossas intuições e movimentos corporais as imagens estilhaçadas que os espelhos brancolonias e patriarcais fazem em nós. Nos juntamos há algumas mulheres e fomos buscar pistas nas histórias sobre Oxum e também em Afrodite. As imagens estilhaçadas nos confundem. No intuito de tornar essa confusão frutífera, fomos cuidar das fronteiras entre os pedaços. Como podemos (re)criar a nós mesmas a partir destes pedaços? Como virar as costas para estes espelhos e produzirmos as imagens que queremos sobre nós? No entanto, como podemos cuidar desses cortes através da dança, do movimento? Movidas por essas questões, nos reunimos em uma sala rodeada de espelhos junto de outras mulheres e espécies companheiras. Colocamos em cena tecidos dourados, amarelos e também de outras cores. Distribuimos pedras e cristais pelo chão, fazendo um círculo ao redor de um tambor. Também colocamos cheiros pelo espaço - incensos, óleos essenciais. Junto disso, colocamos nossas vozes em movimento. Cada uma trazendo uma narrativa acerca do que a atraiu para aquela proposta. Começamos então a nos escutarmos. No entrelace de narrativas, inspirações para mover

---

<sup>116</sup> Também seria possível dizer “aprendi a me confundir assim”.

<sup>117</sup> Quando mais nova, início da adolescência talvez, colocava pregador no nariz para tentar afiná-lo. Depois descubro que muitas irmãs de cor também passaram por isso. Esse gesto pessoal é político. Encontro nas narrativas delas a minha própria história e aprendo então a dar o nome que as coisas tem.

começaram a aparecer. Ao mover, deslocamentos em direção a compor relação com os entes “não humanos” presentes no espaço.

Estilhaços de espelhos arbitrários produzem cortes por toda a pele. Como cuidar dessas marcas? Como fazer dança com elas? Deslocar com elas e experimentá-las como adornos da carne, dos gestos, são modos que nos provocam a pensar, dançando, sobre relações de cuidado no contemporâneo.

Trago aqui uma carta-imagem feita em 2017, na ocasião dessa oficina. Nela me inscrevo e escrevo o rio calmo e dourado que me abraça. Nele sou refletida. É no espelho de Oxum que posso me olhar de volta.

**Carta-imagem:** O Amarelo da Oxum.



Descrição da imagem: Há um tecido dourado e ondulante ao fundo. Nele me enrosco, deitando minha cabeça. Estou com uma blusa laranjada e um sutiã preto. Visto um colar fino. Minha pele tem a cor de uma cabaça. Meus cabelos, lisos, tem a cor da casca da castanha do Brasil.

**“No baque mulher, me tornei aprendiz, hoje eu sou batuqueira, encontrei minha raiz”<sup>118</sup>.**

Tornar-se batuqueira, ou seja, poder tocar o maracatu, como diz Mestra Joana, empodera. Em suas palavras, Mestra nos conta que,

Senti necessidade de termos um espaço nosso, pra tocar só nós mulheres juntas, como se fosse realmente uma brincadeira. Desse movimento da gente se juntar, da gente se unir, estar sempre tocando todo domingo e fazendo esses passeios, começamos a conversar mais. Começaram a ter relatos dos abusos, dos sofrimentos diários que a gente convive dentro da comunidade, então daí surgiu o Baque Mulher. E aí foi se fortalecendo com cada problema que aparecia de uma, com o relato que chegava. Foi se fortalecendo, se fortalecendo e o Baque Mulher tá aí.

O nosso propósito não é só tocar, o nosso propósito é trabalhar o movimento, é lutar, é lutar pelas nossas leis, pelos nossos ideais, esse é o baque mulher.

Joice Berth, no livro “Empoderamento”, diz que,

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao ser redor (BERTH, 2019, p.21)

Chego ao Baque Mulher atravessada pela necessidade de fazer um corpo-guerreira para seguir vivendo e ajudando outras mulheres a viverem também. O assassinato da Marielle Franco em 2018 ao mesmo tempo em que acompanhava atônita o avanço do fascismo brasileiro - o Bolsonarismo - se espalhar e se fortalecer para ganhar as eleições daquele ano, me levou a buscar refúgio junto de coletivos de resistência que expressavam as marcas do meu corpo, da minha história.

Fazer o Corpo-Guerreira no sentido de criar condições para elaborar saídas para si no coletivo e saídas para o coletivo a partir de si, fortalecendo a si e ao coletivo ao mesmo tempo. Por isso, daqui em diante, vou me referir ao fortalecimento como empoderamento, tanto na perspectiva do que fala Joice Berth quanto na perspectiva do que Mestra Joana expressa e coloca em movimento dentro do Baque Mulher, criando e recriando empoderamento em nós enquanto construímos esse movimento.

---

<sup>118</sup> Loa (música) composta pela batuqueira Alexandra do Baque Mulher de Florianópolis.

Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. Essa é a síntese do poder a ser desenvolvido no processo de empoderamento ressignificado pelas diversas teorias do feminismo negro e interseccional. (BERTH, 2019, p.21)

Corpo-guerreira que conjuga o verbo “esperançar” na radicalidade do cotidiano. Como dito anteriormente, chego a este movimento precisando adubar as terras abandonadas do meu corpo, adubar a potência conhecedora que fiz junto dos coletivos, dos bandos, dos grupos, das redes em que fiz parte.

Monocultura paralisa e para refazer a floresta é preciso uma agroecologia do cotidiano e, por isso, enfatizo que as mulheres das minhas comunidades sabe pôr as mãos na terra.

### **Carta às mulheres adubadoras do cotidiano e arremate final da colcha de retalhos.**

*Niterói, Junho de 2021*

*Três anos após aquela tragédia em minha/nossas terras agora compostadas e férteis, escrevo a vocês. As que vieram à minha casa cozinhar. Sentaram em minha sala na disposição de escutar sem julgamento. Abraçaram e ouviram os lamentos, emprestando suas histórias e dores para que delas fizéssemos linhas e agulhas para nos costurarem. As que ligaram e enviaram mensagens pelo whatsapp ao longo do dia, uma música, um texto, um áudio, uma poesia, uma prece. As que me convidaram para ir até as suas casas e com isso partilharmos escutas (dores). A que veio um dia me tirar da cidade e levar para a roça e me banhar nas águas do Rio. Todas vocês viveram à sua maneira o luto e indignação pelo assassinato de Marielle Franco e a preocupação com o bolsonarismo que se alastrava. Vos escrevo sobre mim, com vocês. Todas por Marielle, presente!*

*Por Elis*

. Recordo a surpresa de um amigo após participar de algumas horas de conversa junto com uma amiga. Disse ele “vocês falaram sobre relacionamentos, eleição, plantas, lugares

onde viveram, comida, animais, trabalho, sentimentos, revolução, choraram e riram em uma só conversa”. É verdade. É “tudo junto e misturado”, mas também pode receber o nome de feminino encruzilhado ou, para alguns, falta de objetividade (Que pretensão!). A suposta falta de objetividade é o que me garantiu a possibilidade de movimentar e criar saídas para um estado de assombro e desnutrição. Foi ela que me fez encontrar um “objeto” com o qual me relacionar, a cabaça. Objeto relacional, nome dado por Ligia Clark para estes seres com os quais compomos vida, criamos comunidade Ruth Torralba, durante a banca de qualificação desta tese, questiona o termo objeto para nos referirmos a estes seres. “São entes relacionais, precisamos largar essa palavra”, diz ela, recordando as teorias do conhecimento que insistem em separar a relação das pesquisadoras com o que se pesquisa. A famigerada ideia da neutralidade. Essa ideia que já sabemos a raça, a classe, o gênero, o território. Ideia branca, burguesa, patriarcal, europeia, heterocentrada. São os supostamente neutros. Os que não precisam pensar o próprio corpo quando andam por aí teorizando descorporificadamente sobre tudo ou quase tudo. Mas, essa tese não é sobre eles. A vida não é sobre eles. Nem tudo é sobre eles. Essa tese é sobre mim, sobre elas, sobre nós, sobre o “nós por nós” das periferias e ações comunitárias contra-hegemônicas. O “nós por nós” é o método “tudo junto e misturado”, encruzilhado, ciborgue, que olha para as “mãos” e se questiona “O que eu posso fazer com minhas mãos aqui?”. E faz. Lança a mão ao que se tem, ao que está disponível no momento e cria saídas, conjuga o verbo esperar coletivamente. É um pouco de cada uma, de cada um, cada ume. Cada um dá um pouco, como lembra a psicologia comunitária do cotidiano. Economia solidária na contramão da Economia solitária – que também pode ter o nome de meritocracia neoliberal. “Tudo junto e misturado”, mutirão de perspectivas e necessidades que manejamos de modo artístico, criando formas de reparar a nós mesmas e nossos coletivos, grupos, comunidades. A falsa cordialidade e a diplomacia - aspectos relacionais que compõem o que estou nomeando de brancolonialidade - de um assunto que se fala por vez respeitando os pactos dos poderes patriarcais, racistas e coloniais, oprime a biodiversidade de nossas experiências e modos de ver, sentir e agir no mundo, na vida. Aliado a isso, há também a dimensão de que não escolhemos os temas aos quais tratar por vez porque estamos sempre lidando com urgências e incertezas. Ou seja, dando conta de reparar e sustentar a vida com as ferramentas que estão disponíveis em nossos cotidianos. Como disse Glória Anzaldúa (2005), são muitas as vozes que nos falam ao mesmo tempo.

Mulher, como você se chama? – Não sei.

Quando você nasceu, de onde você vem? – Não sei.

Para que cavou uma toca na terra? – Não sei.

Desde quanto está aqui escondida? – Não sei.

Por que mordeu o meu dedo anular? – Não sei.

Não sabe que não vamos te fazer nenhum mal? – Não sei.

De que lado você está? – Não sei.

É a guerra, você tem que escolher. – Não sei.

Esses são teus filhos? – São..

(Symborska, 1962<sup>119</sup>)

Esses são teus filhos? Isso é tudo o que você tem? Sim, muitas vezes, tudo o que temos são nossas “subjetivas criações” (fazendo um trocadilho com a ideia de objetividade branco-patri-colonial). Nossas “redes”, nossas “comunidades” de sustentação, reparação, manutenção e criação do mundo. Maria Puig de La Bella Casa (2013), ao pensar junto com Donna Haraway, nomeia isso de cuidado. Mestra Joana e Tenily Guian nomeiam isso de “Gera”. Do verbo gerar. Expressão recifense, pernambucana. Aprendi no Baque Mulher. Ouvindo e gerando. Agindo. Tem a ver com fazer, fazer o que é preciso ser feito, agir junto com o problema, criar soluções localizadas e cotidianas. Tudo o que temos é o cuidado, manutenção das relações de interdependência, já que sabemos e aprendemos com a biodiversidade das espécies companheiras que sustentar a vida é garantir a sua diversidade, garantir a mistura aparentemente desordenada, sustentar as conexões aparentemente desconexas e com elas tecer nossas colchas.

---

<sup>119</sup> SZYMBORSKA, Wislawa; FENATI, Maria Carolina. Vietnã. 1962.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v.13, n.3, p.704-719, dez. 2005 . Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 12 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.

\_\_\_\_\_ Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, v.8, n.1, p.229-236, 2000.

BENITES, Sandra (2018). **Viver na língua e cultura guarani nhandewa** (mulher falando). Dissertação de mestrado em antropologia pelo Museu Nacional, UFRJ, 2018.

CARDOSO, Áurea (2018). **Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2018.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Apogeo y decadencia de la teoría tradicional. Una visión desde los intersticios. **Revista Iberoamericana**, v. 69, n. 203, p. 343-353, 2003.

CEJAS, Mónica Inés (Ed.). **Feminismo, cultura y política: prácticas irreverentes**. Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, División de Ciencias Sociales y Humanidades, 2016.

CURIEL PICHARDO, Rosa Ynés Ochy et al. **Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde América Latina y el Caribe**. 2009.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

DE LA BELLACASA, Maria Puig. ‘Nothing comes without its world’: thinking with care. **The Sociological Review**, v.60, n.2, p.197-216, 2012. Tradução. Amanda Muniz

DESPRET, Vinciane.; STENGERS, Isabelle. **Les faiseuses d’histoires. Que font les femmes à la pensée?** Paris: Les Empêcheurs de penser en rond/La Découverte. Tradução: Grupo de Pesquisa PesquisarCOM, 2013.

\_\_\_\_\_. **Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?.** La Découverte, 2014.

ESTÉS, Clarissa Pinkola; BARCELOS, Waldeia. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** 1994.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Pallas Editora, 2017.

FALS BORDA, O., & MONCAYO, V. M. (2009). **Una sociología sentipensante para América Latina** (n. 316 301.098). e-libro, Corp..

FREIRE, Ida Mara. Tecelãs da existência. **Revista Estudos Feministas**, v.22, n.2, p.565-584, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Editora Paz e Terra, 2014.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. **Antropologia do ciborgue.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p.7-41, 1995.

KILOMBA, G. (2016). **While I write.** Disponível: <http://gradakilomba.com/newvideo-while-i-write>.

LEÓN CEDEÑO, A. **Guia múltiplo da autogestão.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Psicología comunitaria de lo cotidiano: arte y acción psicosocial en Londrina (Brasil).** Ed. Editorial la académica española. Alemanha, 2012.

MIES, Maria et al. **Ecofeminism.** Zed Books, 1993.

MORAES, M.. PesquisarCOM: política ontológica de deficiência visual: In. Moraes, M.; Kastrup, V. **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.

NEPOMUCENO, Cinthia (2016). **5, 6, 7, 8 Do Oito ao infinito**: por uma dança do ventre performática, híbrida e impertinente. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação submetida a avaliação como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes. Orientação Dr. Roberta K. Matsumoto. Universidade de Brasília, 2016.

TADEI, Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v.22, n.4, p.2-13, dez. 2002 .

SILVA, J.C. **O Menino que veio de Maravilha**. Presidente Prudente, São Paulo: Ed. letrasAmargem, 2018.

SPINK, P.. **Pesquisa de campo em Psicologia Social**: uma perspectiva pós construcionista. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, n.15, v.2, p.18-42, 2003.

TELES. E.C.S.. **A lógica do cuidado por um corpo articulado**: interferências entre dança e intervenção na política de assistência social. 2015. 90 p. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

\_\_\_\_\_. **Vozes e ações de mulheres na televisão comunitária Venezuela Catia TVE**. Monografia de especialização em comunicação popular e comunitária. UEL, 2012.

THOMPSON, Craig. **Habibi**. Pantheon, 2011.

ROLNIK, Suely et al. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v.25, 2002.

REAGON, Bernice Johnson. Coalition politics: Turning the century. **Feminism and politics**, p.242-53, 1998.

SHIVA, Vandana **Monocultures of the mind**: perspectives on biodiversity and biotechnology. Palgrave Macmillan, 1993.